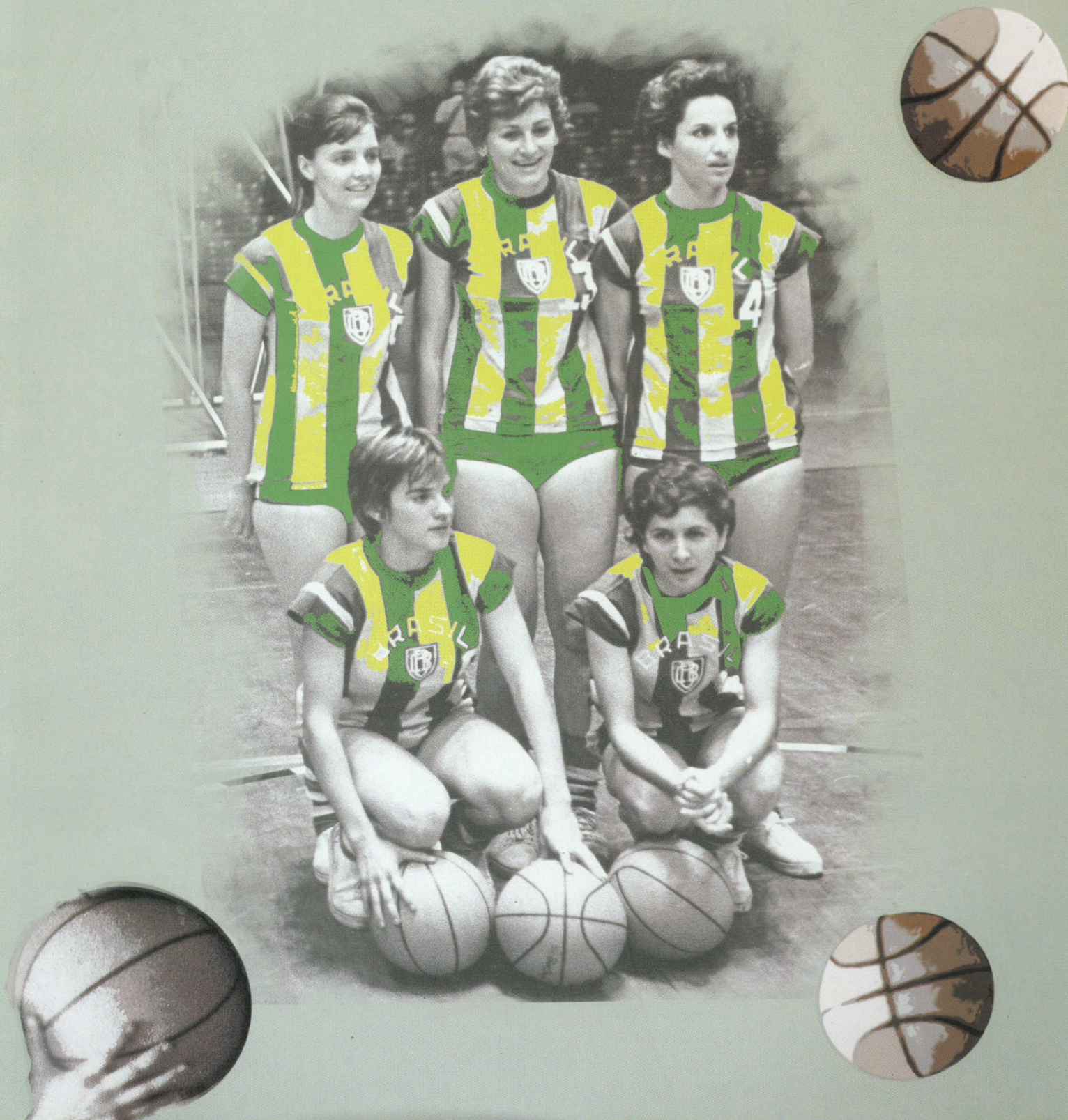


RAÍZES

35

ANO XVIII - São Caetano do Sul - Julho de 2007





Estamos, nesta edição, realizando algumas modificações na aparência da revista. Depois de passar pelos vigilantes olhos do Conselho Editorial, foi aprovada essa proposta que não tem intenção de mudar uma tradição estabelecida, mas que pretende dar maior leveza e atualidade à capa.

Neste número, em sintonia com os Jogos Pan-americanos que se realizam este mês, no Rio de Janeiro, *Raízes* homenageia, na seção Dossiê, a vitoriosa

equipe de basquete feminino formada em São Caetano do Sul, no fim da década de 1960.

Na capa, temos uma imagem dos anos 1960 da seleção brasileira. Representa, de uma certa forma, o poderio do time sul-sancaetanense, pois três das cinco atletas que ali aparecem defenderam a cidade. Na contra capa, a foto da equipe que representou a cidade em uma das edições dos Jogos Abertos do Interior, no início da década de 1970.

(Neusa Schilaro Scaléa)

Expediente

Ano XIX - Número 35
Publicação semestral / Distribuição gratuita

ISSN 1415-3173
Publicação da Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul
Julho de 2007

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255, bairro
Santa Paula, São Caetano do Sul.
CEP 09541-520.
Fone: 4221-9008. Fax: 4221-7420.
www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br e
raizes@fpm.org.br

Coordenação geral
Adauto Campanella

Redação
Jornalista responsável:
Fabiana Chiachiri (MTB 27.515)

Pesquisa:
Cristina Toledo de Carvalho
Digitalização de imagens:
Sandra R.B.Gouveia
Secretaria e Coordenação:
Maria Aparecida M. Fedatto
Assessoria:
Paula Fiorotti e Eduardo Koga

Conselho Editorial:
Adauto Campanella (presidente), Celso de
Almeida Cini, Cristina Toledo de Carvalho,
Domingo Glenir Santarnecchi, Fabiana
Chiachiri, Humberto Pastore, Maria
Aparecida M. Fedatto, Mario Del Rey,
Mário Porfírio Rodrigues e Paula Fiorotti.

Fotografia:
Antônio Reginaldo Canhoni

Capa:
Neusa Schilaro Scaléa

Projeto Gráfico e Editoração
Integração Ponto a Ponto
Antonio Devanir Leite Júnior (MTB 19.866)

Fotolitos e Impressão
Acad-Com Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do Grande ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Esta edição de *Raízes*, a de número 35, marca a maioridade da revista. Em 18 anos ininterruptos, a publicação vem primando por trazer aos leitores o resgate da história de São Caetano do Sul. E o faz abordando os mais diversos enfoques da atividade humana - promotores do desenvolvimento social, político e econômico de nossa cidade.

Para festejar seu aniversário e comemorar os Jogos Pan-americanos no Brasil, que acontecem este mês, no Rio de Janeiro, a equipe editorial da Fundação Pró-Memória escolheu como reportagem principal desta edição a época de ouro do basquete feminino em São Caetano do Sul. Os textos do dossiê trazem histórias de vitórias, conquistas e sucessos das atletas que atuaram na cidade entre o ano de 1968 e a década de 1970.

Nomes como Delcy, Elzinha, Norminha e Hortência fizeram parte da história de um esporte que colocou São Caetano do Sul no topo do ranking mundial. Prova disso é a inclusão do nome de Hortência no *Women's Basketball Hall of Fame*, o Hall da Fama do Basquete Feminino, e no *Naismith Memorial Basketball Hall of Fame*, o Hall da Fama do Basquete Mundial.

Além do dossiê, esta edição traz histórias de pessoas que ajudaram na construção do município. Cada um com sua trajetória, como Helena Moretin, mais conhecida como Heleninha. Filha de São Caetano do Sul, essa ilustre artista cantou, durante 12 anos, ao lado de Francisco Petrônio na Orquestra Real Baile da Saudade.

Accácio Novaes, primeiro presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul, é outro nome que tem sua história contada nas próximas páginas.

Outro assunto que merece destaque é o Jubileu de Ouro da Delegacia do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo) em São Caetano do Sul. Durante cinco décadas, a diretoria da cidade vem escrevendo uma rica história de realizações em benefício das empresas sul-sancaetanenses. Temas como arte, propaganda e o bairro Prosperidade, entre outros, também estão em *Raízes* 35.

Em 18 anos, *Raízes* muito contribuiu para a cultura e memória de São Caetano do Sul. Nossos leitores sabem que, nos próximos anos, nosso compromisso é aprimorar ainda mais esse valoroso trabalho em prol de nossa cidade.

Boa leitura!

Adauto Campanella
Presidente da Fundação Pró-Memória

R*aízes* chega aos 18 anos. Mas não foi necessário atingir esse clássico marco cronológico para alcançar a maturidade. Muito antes disso, esse importante periódico de nossa cidade, fruto do trabalho apurado da valorosa equipe da Fundação Pró-Memória e de seus colaboradores, vem a público resgatar desde os mais destacados acontecimentos de nossa história até aqueles momentos que, para muitos, passaram despercebidos, embora tenham relevância na memória de São Caetano do Sul.

Exemplo disso é o tema principal desta edição 35, em que *Raízes*, mais uma vez, faz o elo entre passado e presente, lançando luzes sobre os Jogos Pan-Americanos, que o Brasil recebe este mês. Certamente muitos dos leitores se surpreenderão ao saber que São Caetano do Sul foi a base da seleção brasileira de basquetebol feminino, entre o fim dos anos 60 e início dos anos 70. Dessa época de ouro participaram Delcy, Elzinha, Norminha e Hortência, entre outras.

Das quadras para o cotidiano de nosso município, *Raízes* não deixa passar histórias como a do carroceiro Abel Vieira Barbosa; a de João Molinari, que participou de vários momentos do desenvolvimento do município; e a da cantora Heleninha, entre muitos outros.

São provas da maturidade de uma revista que, ao longo dos anos, só aprimora sua trajetória de resgate da memória. Sempre fazendo a conexão entre passado e presente, o que prepara, decididamente, uma sociedade a viver com mais consciência e cidadania seu futuro.

José Auricchio Júnior
Prefeito Municipal de São Caetano do Sul

Índice

Dossiê / Basquete

- 5** A fase áurea do basquete de São Caetano do Sul
Glenir SANTARNECCHI
- 10** O *time dos sonhos* nas lembranças de Delcy Ellender Marques
- 18** O basquete veloz que conquistou São Caetano e o Brasil
Heleni FELIPE
- 23** Recordações de uma lenda do esporte
- 27** A rainha Hortência
Cristina Toledo de CARVALHO
- 33** Dona Zinha Campanella e suas famosas vizinhas
André Balsante CARAM

Artigos

- 38** Meu trisavô, o fundador Gaetano Garbelotto
Roberto Belmonte JÚNIOR
- 49** Primavera 2006 em Vittorio Veneto, na Itália
Celso de Almeida CINI
- 64** O cinquentenário da Delegacia de São Caetano do Sul do Ciesp
- 67** Propaganda é a alma do Negócio
Cristina ORTEGA
- 76** As muitas histórias do meu bairro Prosperidade
Libélia TAVARES
- 78** Móveis Barga: 54 anos de atividades em São Caetano do Sul

Cultura

- 80** A Arte e suas linguagens
Neusa Schilaro SCALÉA
- 85** A glória procura os humildes
Leonilda VERTICCHIO

Depoimentos

- 88** João Molinari: um cidadão de São Caetano
Claudia Carleto MONTEIRO
- 90** Jaime e Alféa Pinton: um amor de 56 anos por São Caetano do Sul

Personagens

- 93** Accácio Novaes: personagem da nossa história
Mário Porfirio RODRIGUES
- 97** Seu Abel nos tempos das carroças de leite e pão
Priscila GORZONI
- 102** As mãos santas de Silvio Luluski
- 103** Zulu e Mineiro: uma parceria que tem história para contar

Crônicas e Causos

Memória Fotográfica

Registro



A fase áurea do basquete

de São Caetano do Sul

E São Caetano do Sul forma seu maior time de basquete de todos os tempos. Com a retaguarda do prefeito, Walter Braidó, e do diretor da Fazenda Municipal, Claudio Musumeci, são trazidas as melhores jogadoras do Brasil, vindas do Rio de Janeiro e de Piracicaba, no interior de São Paulo. Era o Time dos Sonhos, que começava a atuar no início de 1968.

O basquete feminino de São Caetano até 1967 era pobre e praticamente não existia. Tinha algumas abnegadas que gostavam de jogar, mas elas não tinham qualidade técnica para competir e representar o nome da cidade. No entanto, a cidade já tinha um bom time de basquete masculino composto por jogadores de nível, conquistando vitórias de grande repercussão nacional.

Claudio Musumeci, diretor da Fazenda Municipal durante o primeiro mandato do prefeito Walter Braidó, teve a idéia de criar uma equipe feminina que, pela sua capacidade, consagrasse a cidade como ícone do basquete nacional. A

sugestão foi aceita pelo prefeito Braidó.

Para concretizar essa idéia, Musumeci manteve contato com o gaúcho Arthur Lessa Laviaguerre, seu companheiro de diretoria, que era conhecedor dos meandros do basquete. Musumeci, então, o convenceu a montar um time de estrelas que pudesse se destacar na modalidade e representar São Caetano. Laviaguerre gostava de basquete. Jogou no General Motors Esporte Clube, onde praticou a modalidade até machucar o joelho. Depois, passou a torcedor e chegou a diretor de basquete.

Para tanto, Laviaguerre desembarcou no Rio de Janeiro com uma proposta fechada para trazer as melhores



Equipe de basquete feminino que representou São Caetano do Sul nos Jogos Regionais de 1968, sagrando-se campeã. A base da equipe era de jogadoras do Clube Atlético Monte Alegre. Da esquerda para a direita: Regina, Didi, Daíse, Celinha, Angelina Bizzarro, Norminha, Rosália e Marlene

jogadoras do Flamengo: Marlene, Norminha e Delcy. O objetivo era convencê-las a mudarem para São Caetano. Após o encontro, ficou decidido buscar uma quarta jogadora, Elzinha, do XV de Novembro de Piracicaba, e uma quinta jogadora de São Caetano, Odetinha.

Um fato casual aconteceu depois com a descoberta de outra jogadora que morava em São Caetano. Uma baiana, alta, canhota e que saltava muito bem. Tratava-se de Simone, que mais tarde se transformou em cantora de MPB.

A diretoria também foi buscar, em São José dos Campos, Rosália, da seleção

brasileira. Angelina, uma das pioneiras da equipe, logo depois deixou de jogar. Mais tarde, outras atletas se incorporaram ao grupo. Esmeralda (São Paulo), Eronildes (São Caetano), Soraia, Vânia Demarcchi e a estrela Hortência, revelada em São Caetano. Com o grupo formado, jogaram durante alguns meses no Clube Atlético Monte Alegre, sendo transferido para o São Caetano Esporte Clube.

Quanto à Simone, havia uma dificuldade muito grande para se integrar ao time. O senhor Oto, pai de Simone, que morava em São Caetano com a família, não consentia que ela jogasse mais, pois queria que ela se dedicasse inteiramente



Equipe que representou São Caetano do Sul nos Jogos Abertos do Interior de 1969, disputados em Araraquara, sagrando-se campeã. Em pé, da esquerda para a direita: Valdir Pagan Peres, Simone, Wlamir Marques (seleção brasileira masculina de basquete), Norminha, Delcy, Marlene, Cássia, Benta e Cláudio Musumeci. Agachados, da esquerda para a direita: Pedro Tramontina (massagista), Elzinha, Vera Denis, Eleni, Abdene, Odetinha e Maria Angelina de Melo Mota

aos estudos. Entretanto, na terceira tentativa, Musumeci conseguiu convencê-lo a autorizar Simone integrar à equipe. As demais atletas chegaram ao time por influência das titulares, completando assim um esquadrão quase invencível.

Musumeci diz que a chegada dessas estrelas do basquete feminino brasileiro vindas da equipe do Rio de Janeiro para São Caetano teve uma repercussão muito grande. E conclui: “Imagine atletas de ponta como Marlene, Norminha, Angelina e Delcy, pertencentes ao Flamengo, formarem uma equipe em nossa cidade. Parecia inacreditável”.

Um início vitorioso

O jogo de apresentação para os moradores de São Caetano foi inesquecível. O ginásio estava, literalmente, lotado e a vibração era tremenda nas arquibancadas. Mas foi nos Jogos Regionais que a equipe se tornou campeã, logo na disputa do primeiro título. Foi uma festa só.

Inicialmente, o time foi formado no Clube Atlético Monte Alegre. Alguns dirigentes, com espírito esportivo, tinham interesse em ativar o clube. Depois de algumas conversas, o clube assumiu o compromisso de colaborar com a cúpula

Equipe de São Caetano antes de uma partida dos Jogos Abertos do Interior de 1969. Em pé, da esquerda para a direita: Valdir Pagan Peres, Norminha, Marlene, Delcy, Cássia, Benta e Simone. Agachadas, da esquerda para a direita: Eleni, Elzinha, Abdene, Odetinha e Maria Angelina de Melo Mota



do basquete. Porém, com o decorrer do tempo, a parceria se deteriorou, provocando o fim do acordo e, conseqüentemente, o time passou a ser dirigido pelo Departamento Autônomo de Basquete, criado no São Caetano Esporte Clube, sob a direção de Cláudio Musumeci. Convém ressaltar que o técnico escolhido por indicação de Arthur Laviaguerre, diretor Técnico, veio de São Paulo. Valdir Pagan Peres era conhecido na Capital, pois já havia atuado em grandes equipes.

Na época em que a equipe foi formada, o esporte nacional era marcado pelo amadorismo e o papel desempenhado pela Prefeitura, no que diz respeito à manutenção das atletas, foi primordial. O compromisso da Prefeitura para com as atletas era o de contratá-las por meio da CME (Comissão Municipal de Esportes), na época dirigida por Lázaro de Campos, que deu total apoio para o sucesso desse empreendimento esportivo de alto nível.

As atletas deveriam prestar ensinamento às escolinhas de esportes, que visavam dotar os (as) alunos (as) de participação nas várias modalidades, assim como revelar atletas para as equipes de base, infantil, juvenil e adulto.

As despesas com alimentação, aluguel, empregada e ajuda de custo eram pagas com o patrocínio das Lojas Copagel – Artigos Domésticos, que possuía uma rede de lojas, de propriedade da família Musumeci.

A equipe de estrelas do basquete iniciou uma trilha de títulos que marcou muito bem sua trajetória no desporto estadual, nacional e internacional. Era o destino traçado pelos seus dirigentes.

Muitos títulos

Vitórias e títulos foram surgindo nos Jogos Regionais, Jogos Abertos do Interior, Campeonatos Estaduais e Torneio das Estrelas. Sempre que São Caetano

ganhava, representava o Brasil na América do Sul. Então, durante cinco anos seguidos, o São Caetano Esporte Clube representou o país no Peru, no Chile, no Paraguai, na Bolívia e na Colômbia. A base da seleção brasileira era em São Caetano. As moças vestiam a camisa do São Caetano e da seleção.

Claudio Musumeci, que era diretor do Departamento Autônomo de Basquete do São Caetano Esporte Clube, fala dos inúmeros títulos conquistados ao longo desses anos dourados, enquanto as estrelas brilharam e dominaram o basquete no Brasil. Porém, não podemos esquecer dos cinco títulos paulistas (pentacampeonato) conquistados de forma brilhante. “Logicamente, o certame mais destacado, na minha opinião, foi o título internacional conquistado em Chiclayo, no Peru, em 14 de janeiro de 1972. Nessa ocasião, o São Caetano venceu o Sporting Cristal, campeão de Lima, conseguindo manter a invencibilidade durante o torneio”, diz Musumeci.

A equipe vencedora desse torneio internacional teve a participação das seguintes atletas: Delcy, Elzinha, Norminha, Nilza, Rosália, Maria Angelina, Benta, Odete, Marlene e Jacy. A comissão técnica era formada por Valdir Pagan Peres (técnico), Francisco Dias Bastos (diretor), Edson Mainardi (técnico) e Pedro Tramontina (massagista).

Para Claudio Musumeci, o período áureo do basquete de São Caetano representou muito em sua vida. “Para mim, esse período, em que fui responsável pelo basquete de São Caetano do Sul, foi de uma felicidade tão grande e de uma realização pessoal tão gratificante que se fosse possível repetir o faria incontinente. Gostaria de destacar companheiros que me ajudaram a concretizar e criar o *Time dos Sonhos*, como Hermógenes Walter Braido (prefeito), Lázaro de Campos

(CME), Miguel e Bartolo (Clube Atlético Monte Alegre), Ayrton Sigolo (São Caetano Esporte Clube), Arthur Lessa Laviaguerre (diretor técnico), Francisco Dias Bastos (diretor), José Ghiotto, Mário Cheschin e Jayme Pereira, o *Galinho*, entre outros”, diz.

Fim de uma era

Os tempos mudaram, a administração pública também foi alterada e a direção do São Caetano Esporte Clube sofreu modificações. O Conselho Deliberativo do clube aprovou proposta da diretoria, em reunião de 31 de maio de 1974, que decidiu extinguir os departamentos de Ciclismo e Basquete masculino e feminino, com o objetivo de economizar recursos.

Enfim, era o crepúsculo de uma era gloriosa no esporte de competição do São Caetano. A CME decidiu que o CRE Fundação ficaria com o basquete feminino e o ciclismo, enquanto o CRE Tamoyo dirigiria o basquete masculino.

O jornal *O Repórter Diário*, de 19 de julho de 1974, destacava em manchete de primeira página: ‘E lá se vão Norminha, Elzinha, Delcy... O que parecia impossível acaba de concretizar-se. Norminha, Lilia, Elzinha, Delcy, Maria Tereza e as demais estrelas do São Caetano Esporte Clube deixam a agremiação a partir do próximo mês. O treinador Valdir Pagan Perez também seguiu as consagradas jogadoras’.

(*)*Domingo Glenir Santarnecchi, jornalista, advogado e pesquisador da memória local*

O time dos sonhos nas lembranças de Delcy Ellender Marques

Acervo/Delcy Ellender Marques



Seleção brasileira de basquete feminino, em foto da década de 1960. Em pé, da esquerda para a direita: Maria Helena Cardoso, Marlene José Bento e Delcy Ellender Marques. Agachadas, da esquerda para a direita: Norma Pinto de Oliveira e Maria Helena Campos

No início de 1968, São Caetano do Sul se preparava para figurar entre as principais potências do basquete feminino do Estado de São Paulo. A cidade já apresentava uma equipe masculina de ponta, mas carecia de competitividade no setor feminino. Vislumbrando equiparar São Caetano aos grandes centros da época, representados por times de cidades como Piracicaba, Sorocaba, Bauru e Santo André, Claudio Musumeci, então diretor da Fazenda Municipal, deu início às articulações para a formação de uma grande equipe. Nesta tarefa, contou com a ajuda de Arthur Geraldo Lessa Laviaguerre, um ex-jogador de basquete que havia assumido a função

de dirigente da modalidade. A ele foi creditada a missão de estabelecer contato com as jogadoras Marlene, Norminha e Delcy, então atletas do Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro, a fim de trazê-las para São Caetano. Além delas, viriam ainda para a cidade Angelina Bizzarro, também do Flamengo, e Lúcia Maria Borges, a Lucy, que atuava na equipe do Botafogo de Futebol e Regatas.

As negociações não pararam por aí. Havia ainda o interesse pela contratação de outros grandes nomes da seleção brasileira. Em vista disso, Laviaguerre partiu para a adesão de Elza Arnelas Pacheco, a Elzinha, que, antes de transferir-se para São Caetano, defendia o XV de Novembro, de Piracicaba. A chegada dessas atletas consagradas à cidade repercutiu na imprensa local, que noticiou, no dia 6 de janeiro de 1968, o fato da seguinte maneira:

*Estrelas do basquetebol
já estão em S.C.S.*

Já se encontram entre nós as estrelas do basquetebol brasileiro que formarão a nova e poderosa equipe do C.A. Monte Alegre que doravante abrigará a quase totalidade da seleção do Brasil. (...)

Esta mesma matéria fez também referência a outras jogadoras que completariam o elenco do time da cidade, conforme segue. *Nos treinos e jogos serão aproveitadas as pratas da casa: Maria Aparecida, Margarida, Simone* (que, posteriormente, investiu na carreira de cantora) *Filomena e outras (...)* Entre as chamadas *pratas da casa*, estava também a atleta Odete Bassi, a Odetinha. Sob o comando do técnico Valdir Pagan Peres, o time, então, se formou. Posteriormente, outras cestobolistas, como Maria

Angelina de Melo Mota e Rosália Barbosa Vasconcelos (esta última também do selecionado nacional), foram integradas à equipe do Monte Alegre. Após uma breve temporada no alviceleste da rua José Benedetti, as jogadoras passaram a defender o São Caetano Esporte Clube.

Num espaço de cinco anos (1969-1974), período no qual a equipe manteve-se na agremiação, muitos títulos foram conquistados, o que colocou a cidade de São Caetano do Sul no topo do basquete feminino paulista. Uma parte desta história de glórias e conquistas foi resgatada por Delcy Ellender Marques, um dos ícones daquele *time dos sonhos* montado na cidade, no início de 1968. Com o propósito de apresentar alguns fatos e personagens deste período de ouro do basquete feminino do município, este artigo destaca as lembranças desta ex-cestobolista da seleção brasileira e das equipes sul-sancaetanenses.

Delcy Ellender Marques

Nascida em Curitiba, no Paraná, em 3 de agosto de 1939, Delcy Ellender Marques deu seus primeiros passos no basquete no Colégio Estadual do Paraná, graças ao incentivo de sua professora de Educação Física, Martha Helga Kampmann, então cestobolista da seleção brasileira. “Ela me entusiasmou a jogar. Daí, comecei a jogar no clube, em Curitiba, no Círculo Militar”, diz. Atuando por esse clube, Delcy projetou-se, transferindo-se, em 1958, para o XV de Novembro, de Piracicaba, no qual permaneceu por seis anos e meio. Em tal agremiação, teve como companheiras jogadoras de seleção brasileira, como Maria Helena Cardoso e Maria Helena Campos (Heleninha).

Foi também em 1958 que Delcy iniciou sua trajetória na seleção brasileira.

“Em 58, fui para Piracicaba. Quando fui para Piracicaba, fui convocada para o Sul-americano, no Peru. Foi o primeiro Campeonato Sul-americano que disputei e fomos campeãs sul-americanas lá”, lembra. Delcy conquistaria ainda mais cinco títulos sul-americanos: Rio de Janeiro - Brasil/1965, Cali - Colômbia/1967, Santiago - Chile/1968, Lima - Peru/1972 e La Paz - Bolívia/1974. Suas conquistas pela seleção brasileira não pararam por aí. Em cinco participações em Jogos Pan-americanos, a ex-ala conquistou quatro medalhas, sendo duas de ouro (Winnipeg - Canadá/1967 e Cali - Colômbia/1971) e duas de prata (Chicago - EUA/1959 e São Paulo - Brasil/1963), além do quarto lugar na Cidade do México, em 1975. “Aí já estávamos com a equipe muito renovada. A altitude prejudicou bastante a gente. Não houve adaptação.”

Dos 17 anos dedicados à seleção brasileira, Delcy guarda um momento em especial: a conquista do terceiro lugar no Mundial disputado no Brasil, em 1971. “Ganhar do Japão de um ponto, de Cuba de três e da França de três com 20 mil pessoas gritando no Ibirapuera, foi um marco. Durante 15 minutos, a torcida gritava sem parar ‘Brasil, Brasil, Brasil’”. De acordo com o registro oficial, a seleção brasileira venceu a da França por uma diferença de quatro pontos (55 x 51).

Boa parte dos títulos destacados acima foi conquistada no período em que Delcy esteve em São Caetano do Sul. Além de contar com ela, a seleção apresentava ainda em seu elenco outras jogadoras da cidade, o que explica o fato de o basquete feminino sul-sancaetanense

ter se mantido no topo durante quase dez anos (1968 - 1977). Em 1977, São Caetano do Sul, por meio da equipe do Centro Recreativo Esportivo Fundação (que passou a disputar os campeonatos, com o encerramento das atividades do Departamento Autônomo de Basquete do São Caetano Esporte Clube, em 1974), conquistaria mais um título paulista, o oitavo de sua história, levando em conta o obtido pelo próprio Fundação, em 1974, alcançado pelo Clube Atlético Monte Alegre, em 1968, e o pentacampeonato conquistado pelo São Caetano Esporte Clube, no período de 1969 a 1973. Na

Dos 17 anos dedicados à seleção brasileira, Delcy guarda um momento em especial: a conquista do terceiro lugar no Mundial disputado no Brasil, em 1971

conquista do Campeonato Paulista de 1977, Delcy e Elzinha eram as atletas remanescentes do esquadrão formado no início de 1968. Além delas, aquela equipe campeã de 1977 contava também com outros talentos, entre os quais Hortência e Vânia

Demarchi, atletas que já defendiam a seleção brasileira principal.

Time dos sonhos

Não constitui pretensão designar como *time dos sonhos* a equipe de basquete feminino montada em São Caetano, no início de 1968. Isso porque tal equipe era composta por um plantel de primeira linha, do qual faziam parte jogadoras da seleção brasileira. Além disso, praticamente todos os campeonatos disputados foram conquistados. Ao recordar o período que antecedeu sua vinda para São Caetano, Delcy assim se manifestou: “Joguei no XV de Novembro durante seis anos e meio. Dali, fui convidada para jogar no Flamengo, do

Rio. Até então, já jogavam Marlene e Norminha, por isso eles queriam que eu fosse para lá. Então, fui para o Rio de Janeiro e joguei no Flamengo com a Amelinha também, que veio de Sorocaba. Joguei três anos e meio no Rio.”

Inicialmente, a ex-jogadora hesitou em aceitar a proposta de São Caetano, apresentada pelo dirigente Arthur Laviaguerre, no fim de 1967, quando este viajou para o Rio com o intuito de iniciar as negociações com as cestobolistas do rubro-negro carioca. “Eu era a única que não queria vir. Gostava da praia, dos meus amigos, do Flamengo e não queria vir. ‘Então você vai ficar sozinha’, disseram-me. Aí eu vim, porque veio Norminha, Marlene, Angelina. Aí me apaixonei por São Caetano.” Em relação às jogadoras Angelina e Lucy, Delcy recordou: “A Angelina Bizzarro, do Rio de Janeiro, era da seleção brasileira e jogou Pan-americanos. Jogou no XV de Novembro comigo, aí foi para o Flamengo, do Rio. Ela veio para o Monte Alegre, só que depois ela retornou ao Rio. E a Lucy também veio, treinou um pouquinho e foi embora.”

Na cidade, já instaladas em um apartamento do Edifício Di Thiene, situado à rua Monte Alegre, 90, as jogadoras deram início aos treinamentos, tendo em vista as competições oficiais de 1968. Em tais competições, as atletas defenderam o Clube Atlético Monte Alegre. Segundo consta, a primeira apresentação da equipe recém-formada ocorreu no Ginásio Municipal (Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida), no dia 17 de fevereiro daquele ano. Na oportunidade, o Monte Alegre enfrentou e venceu a representação do Primeiro de Maio, de Santo André. Eis alguns trechos da matéria publicada no *Jornal de São Caetano*, uma semana após aquela partida de estréia:

Basquetebol de São Caetano na Linha do Vento

No último sábado, (...) tivemos a apresentação da equipe feminina de bola ao cesto do C.A. Monte Alegre diante da platéia local (...).

O jogo foi levado a efeito diante da voluntariosa representação do 1º de Maio, de Santo André, que, mesmo lutando muito, não soube como desfazer a maior categoria técnica do quinteto local, que, com mais alguns retoques, estará habilitado a enfrentar com real destaque equipes como as de Bauru, Piracicaba, Santo André (Pirelli) e Sorocaba (...).

A previsão feita pelo jornal não demoraria a ser observada, uma vez que o Monte Alegre conseguiu se impor frente àqueles grandes centros do basquete feminino paulista, conquistando o título do Campeonato Estadual, em 19 de outubro de 1968, contra a equipe do São Bento, em plena Sorocaba. Pelo Monte Alegre, pontuaram as seguintes cestobolistas: Marlene (18 pontos), Delcy (13 pontos), Norminha (11 pontos), Elzinha (quatro pontos), Odete e Simone (dois pontos cada). Daíse, Angelina e Margarida participaram também da partida, mas não pontuaram. Pelo São Bento, marcaram: Rita (nove pontos), Odila (oito pontos), Neide (sete pontos) e Zinha (dois pontos). Jogaram ainda Cida e Benedita, que não pontuaram.

A conquista do Estadual de 1968 foi a primeira de uma série de títulos obtidos por São Caetano do Sul no basquete feminino. Além de torneios como os Jogos Regionais e os Jogos Abertos do Interior, as atletas Marlene, Norminha, Delcy, Elzinha e Odete, pioneiras do time do Clube Atlético Monte Alegre, alcançariam, ainda, ao lado



Equipe do São Caetano Esporte Clube antes de uma partida do Torneio das Estrelas, disputado na cidade peruana de Chiclayo, em janeiro de 1972. Da esquerda para a direita: Rosália, Delcy, Marlene, Maria Angelina, Jacy, Norminha, Nilza, Elzinha, Benta e Odetinha. As jogadoras Jacy Boemer e Nilza (de Bauru e Santo André, respectivamente) reforçaram o time do São Caetano para a disputa daquele torneio

de outras jogadoras que foram incorporadas ao grupo base, no decorrer dos anos, como Maria Tereza Evaristo de Goes, Maria Aparecida Benta Apone e Esmeralda Consoli, entre outras, mais cinco títulos estaduais defendendo as cores do São Caetano.

O pentacampeonato foi conquistado em 7 de julho de 1973, no terceiro confronto com a equipe do Pirelli, de Santo André. Duas partidas já tinham sido realizadas. Estando a disputa empatada (uma vitória para cada lado), um terceiro jogo foi realizado. O palco desta partida decisiva foi o Ginásio



Amistoso entre o São Caetano Esporte Clube e a seleção da Coreia do Sul, no Ginásio José Musumeci, em 6 de junho de 1970. A equipe sul-sancaetanense venceu as coreanas por 42 x 39

Baetão, em São Bernardo do Campo. Assinalando 55 pontos contra 51 do time andreense, o São Caetano chegou ao quinto título consecutivo do Campeonato Paulista de Basquete Feminino. Delcy foi a cestinha daquela partida, com 16 pontos. Ao mencionar as principais equipes adversárias do São Caetano, a ex-atleta salientou: “Piracicaba, Sorocaba, Santo André e, mais tarde, a equipe de São Bernardo, que tinha a Cristina Punko, a Narcisa e a Telma, todas da seleção brasileira. Bauru, que tinha Suzete, Jacy e Cleonice, de seleção também.”

Naquela época, o campeão estadual credenciava-se para disputar o Torneio das Estrelas, competição que envolvia equipes sul-americanas, conforme esclareceu Delcy: “Quando a gente ganhava o campeonato estadual, representava o país no Torneio das Estrelas. Então, o São Caetano representava todo ano o Brasil em torneios sul-americanos.”

No dia 14 de janeiro de 1972, o São Caetano conquistou, por antecipação, o mencionado torneio, que foi disputado na cidade peruana de Chiclayo. O título veio diante do Sporting Cristal (campeão de Lima), derrotado pelo time sul-sancaetanense pelo placar de 65 x 31. Além do clube peruano, o São Caetano venceu também as seleções de Assunção e de Chiclayo e a equipe Telefonos, da Argentina, totalizando 361 pontos no torneio.

Um ano e sete meses antes de tal conquista, mais precisamente no dia 6 de junho de 1970, o São Caetano Esporte Clube havia obtido um expressivo resultado contra a seleção da Coreia do Sul, então vice-campeã mundial. Embora tal confronto tenha sido um amistoso, a vitória foi marcante. O resultado da partida (42 x 39) constitui reflexo do equilíbrio que existia entre as duas

equipes, dando mostra de que as jogadoras do São Caetano apresentavam plenas condições técnicas para enfrentar, de igual para igual, as grandes atletas do basquete mundial. Delcy, ao relatar os excelentes resultados alcançados durante o período em que jogou na cidade, ressaltou: “Ganhamos sete vezes o Campeonato Estadual. Não perdíamos para ninguém. Ganhamos até um jogo da Coreia.”

Na verdade, a quantidade de títulos estaduais a que se refere a ex-atleta diz respeito aos que foram conseguidos, consecutivamente, de 1968 a 1974, período no qual defendeu três agremiações distintas do município (Clube Atlético Monte Alegre, São Caetano Esporte Clube e Centro Recreativo Esportivo Fundação). As conquistas do campeonato paulista que a ex-cestobolista obteve no período totalizam, de fato, sete, se forem somados os títulos estaduais alcançados por cada uma de tais agremiações. Isso sem falar do título paulista que conquistou em 1977, quando já defendia o Fundação. Após dois anos sem levantar a taça do campeonato estadual (1975 e 1976), São Caetano do Sul voltaria a comemorar um título paulista em 1977. Na ocasião, apenas Delcy e Elzinha, dentre as atletas que integraram aquele time formado no início de 1968, figuravam entre as jogadoras da equipe campeã. Neste período, a renovação andava a todo vapor no basquete feminino da cidade. Nomes como Hortência, Vânia Demarchi, Vanda Rinalda Dal Col e Soraya Begliomini Brandão, entre outros, já eram uma realidade dentro do basquete sul-sancaetanense e brasileiro.

Quando chegaram à cidade, no início de 1968, as cestobolistas Delcy Ellender Marques, Marlene José Bento, Norma Pinto de Oliveira e Elza Arnelas

Pacheco já tinham uma projeção nacional por conta de suas participações pela seleção brasileira. Com a conquista dos primeiros títulos por São Caetano, as atletas passaram também a ser admiradas pela população local, o que contribuiu, de uma certa forma, para que tivessem também uma vida social no município, como afirmou Delcy: “O povo de São Caetano acompanhava muito a gente. Tínhamos uma familiaridade em São Caetano. Então, éramos sempre convidadas para festas, aniversários e casamentos. São Caetano sempre foi uma família para nós.”

A popularidade das cestobolistas junto à sociedade sul-sancaetanense aumentaria ainda mais após a confirmação da terceira colocação do Brasil no VI Campeonato Mundial de Basquete Feminino, disputado aqui no país, entre os dias 15 e 29 de maio de 1971. Durante a competição, a imprensa local publicou reportagens alusivas à ligação da cidade com a seleção nacional, uma vez que quatro jogadoras do elenco do São Caetano (Delcy, Marlene, Norminha e Elzinha) disputavam o Mundial. Além das atletas citadas, o técnico Valdir Pagan Peres foi outro nome de São Caetano que marcou presença naquele Mundial de 1971.

Com a conquista da medalha de bronze, as jogadoras receberam inúmeras homenagens na cidade. Na entrada do prédio onde residiam (Edifício Di Thiene), uma faixa foi colocada com os seguintes dizeres: *Salve as cestobolistas brasileiras. Estamos orgulhosos do feito.* A população pôde ainda ver e aplaudir as atletas, quando estas desfilaram em carro de bombeiro pelas ruas da cidade. Delcy recordou também este episódio marcante. “Tínhamos um amparo junto ao público. Saímos em carro de bombeiro. Chegamos todas de uniforme. Passamos pelas ruas de



Público em frente ao Palácio dos Esportes, por ocasião da homenagem prestada às jogadoras do São Caetano que defenderam a seleção brasileira durante a conquista da medalha de bronze no VI Campeonato Mundial de Basquete Feminino, disputado no Brasil, em 1971. Foto de 6 de junho de 1971



Homenagem da Brasinca às cestobolistas de São Caetano, medalha de bronze no Mundial de 1971. Da esquerda para a direita: Simone, Norminha, Sady Schueler Moura, diretor da empresa, Marlene e Delcy. Foto de junho de 1971



Delcy com seus alunos da escolinha, na entrada do Ginásio Municipal (Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida), em 4 de novembro de 1975

São Caetano.”

No dia 5 de junho de 1971, o *Jornal de São Caetano* fazia o registro de como tal evento ocorreria.

Heroínas do basquete vão desfilar amanhã pelas ruas de São Caetano!

(...) Na entrada da cidade pela rua Baraldi, a seleção será recebida pelo prefeito Massei, pelo presidente da Câmara, vereador Armando Furlan, vereadores e demais autoridades municipais. Logo em seguida, entrará em uma viatura do Corpo de Bombeiros e será levada em monumental desfile pelas ruas centrais da cidade, até o Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida. Após contornar as avenidas que ladeiam o estádio, o desfile voltará pela avenida Goiás, até ganhar o Palácio dos Esportes, na rua Rodrigues Alves.

No Palácio dos Esportes, entre as homenagens que serão tributadas pelo Departamento dos Esportes e Bem Estar Social (...) e pela Comissão Municipal de Esportes, figura a entrega de várias lembranças e brindes, oferecidos pelo comércio e indústria do município. (...)

De acordo com o jornal, o evento receberia a cobertura da TV Bandeirantes e da revista *Placar*, que publicaria ainda em suas páginas uma foto em cores da seleção brasileira medalha de bronze no Mundial. E as homenagens continuaram. A Indústria Brasinca trataria de oferecer também às cestobolistas um almoço, com direito a recebimento de placas de prata, flores e brindes fabricados pela própria empresa. A ex-ala da seleção fez uma análise da repercussão, em São Caetano, da terceira colocação do Brasil no Campeonato Mundial de 1971. Conforme relatou, o basquete passou por um processo de massificação, em tal período,



Delcy durante depoimento à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, no dia 16 de março de 2007

tornando-se muito popular, principalmente entre as crianças, que, almejando aprender o esporte praticado por seus ídolos, começaram a procurar as escolinhas que eram mantidas pela Prefeitura. Delcy mesmo chegou a ministrar aulas em tais escolinhas.

Em reconhecimento ao trabalho que desenvolvia em prol do esporte de São Caetano do Sul, Delcy foi agraciada com o Troféu Di Thiene, em 1972, ano em que tal premiação foi instituída. Por meio desse troféu, muitas personalidades do mundo esportivo da cidade foram homenageadas ao longo dos anos. “Tinha aquela festa. Nós íamos a rigor. Eu ganhei o primeiro Troféu Di Thiene, no basquete. Era uma festa muito bonita. Minha família vinha de Curitiba para a festa. Era um marco muito importante.”

A ex-jogadora chegou a atuar também pelo time do Vila Prosperidade um pouco antes de encerrar sua carreira. “Jogava pelas veteranas. Daí pediram para eu jogar pela equipe principal. Aí

fui jogar um pouco pela equipe principal e, naquele mesmo ano, deixei. Só fiquei alguns meses ali. Em 78 mesmo eu deixei.”

Embora residindo em Santo André, Delcy Ellender Marques permanece fortemente ligada a São Caetano do Sul. Desde 1973, leciona Educação Física no Centro Interescolar Municipal Professora Alcina Dantas Feijão (no ano em que ingressou, a escola era ainda chamada Colégio Comercial Professora Alcina Dantas Feijão). Atualmente, é responsável pela equipe de atletismo deste estabelecimento de ensino. Na qualidade de educadora, Delcy procura transmitir aos alunos um pouco de sua vasta experiência esportiva, destacando sempre a importância de uma vida disciplinada e sem vícios.

(Texto e pesquisa: Cristina Toledo de Carvalho. Colaboração: Gabriel Henrique da Silva Caetano - estagiário)



Embarque da seleção brasileira de basquete feminino para Winnipeg, no Canadá, para a disputa dos Jogos Pan-americanos de 1967. Da esquerda para a direita: Laís Elena, Elzinha, Angelina, Norminha, Nadir, Rosália, Jacy, Lucy, Delcy, Neusa, Marlene e Nilza

O basquete veloz que conquistou

A história do time de basquete feminino que São Caetano do Sul montou no fim dos anos 60 – que deu início a uma escola tradicional na cidade – confunde-se com uma época de glória da seleção brasileira. Elza Arnelas Pacheco, a armadora Elzinha, é

parte dessa história e confirma: “As pessoas chamavam o time de São Caetano de seleção”. A equipe tinha como base jogadoras do Brasil, medalha de bronze no Mundial de São Paulo, em 1971, e medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, em 1967, e Cali, em 1971. Elzinha veio para a cidade aos 18 anos e só deixou o basquete de São

RAÍZES

Caetano em 1985, quando se aposentou das quadras, formada e pronta para a carreira de educadora, que durou 28 anos.

Elzinha nasceu em Paraguaçu Paulista, na Alta Sorocabana, em 11 de abril de 1949. Lá o forte era o tênis de campo. “Eu estudava no colégio Paraguaçu e, aos 10 anos, jogava tênis. Um dia ouvimos, eu e minhas irmãs, naqueles carros de som que anunciavam os acontecimentos da cidade, que haveria uma peneira para meninas, a partir dos 12 anos, para formar uma equipe de basquete feminino. Minhas irmãs mais velhas, uma tinha 14 e a outra 13, foram. E eu também. Mas como não tinha idade, sentei na arquibancada e fiquei chorando. Tinha 10 para 11 anos e não me deixavam entrar. Minha irmã mais velha, que não entendia nada de bola, insistiu para eu entrar um pouquinho e, no finalzinho, ele me deu uma bola e me deixou entrar. Achou que eu tinha jeito. Eu e minha irmã Elcy começamos a jogar”, conta.

Nessa fase, Elzinha relata como era inesquecível a apresentação do time de Paraguaçu diante do forte Sorocaba no seu primeiro contato com um jogo. “O tempo

gritavam que o tempo iria acabar. Joguei a bola de costas. Ela subiu, subiu, subiu e caiu na cesta. Foram os únicos dois pontos. Vibramos, comemoramos. No outro dia, dei até entrevista. Perdemos de 101 a 2, mas aqueles dois pontos foram de honra. Isso marcou minha vida”, diz.

Elzinha começou a atuar em Jogos Regionais observada pela comunidade que atuava no basquete até ser indicada para o XV de Novembro, de Piracicaba. Seu pai recebeu o telefonema no dia do Natal. O jornalista Hélio Pacheco enxergou no convite uma oportunidade para a filha, para desespero da mãe, Elza Pacheco (daí vem o diminutivo Elzinha), que temia deixar ir para longe uma menina de apenas 13 anos e a irmã, de 15. “Fomos morar na casa de uma senhora, mãe de uma jogadora. Na época, a Heleninha e a Maria Helena já eram expoentes do basquete. O time tinha a Delcy. A Heleninha viu o meu jeito, minha vontade de jogar e combinou de chegarmos todos os dias duas horas antes do treino. E foi ela quem me ensinou todos os truques, que comandou minha carreira. Fiquei cinco anos em

São Caetano e o Brasil

acabando, eu lá sentada no banco e o placar de 101 a 0 para o Sorocaba. Eu não me conformava com aquilo. Aquelas meninas davam um show de bola. O Campineiro (técnico) tinha um time afinado. Entrei, peguei a bola e saí batendo. Passei por todo mundo – hoje eu acho até que elas deixaram – e quando parei já tinha passado a cesta. As pessoas

Piracicaba até que o São Caetano montou a equipe”, diz.

Elzinha foi convocada pela primeira vez para a seleção brasileira para jogar o Pan-Americano de Winnipeg, em 1967, no Canadá, de onde o Brasil trouxe uma medalha de ouro. “Era um time muito bom, com Marlene, Nilza, Maria Helena, Heleninha, Delcy, Norminha e eu, novata.

Fui da geração delas e depois vieram Hortência e Paula. Só joguei quando elas começaram e depois parei”, afirma. Em seguida, veio jogar em São Caetano.

Elzinha se vale do livro *Uma História de Campeões*, do jornalista e memorialista Ademir Medici, que registra os 89 anos do São Caetano Esporte Clube, para recordar-se, por meio de duas fotos

Fotos: Acervo/Fundação Pró-Memória



Equipe do São Caetano Esporte Clube, que representou o município, em uma das edições dos Jogos Abertos do Interior, no início da década de 1970. Em pé, da esquerda para a direita: Samuel Magalnik, Pedro Tramontina (massagista), Delcy, Eleni, Marlene, Vera Denis, Simone e Valdir Pagan Peres. Agachadas, da esquerda para a direita: Elzinha, Abdene, Odetinha, Benta e Maria Angelina de Melo Mota

da página 292, como eram os times de 1972 (que tinha Elzinha, Norminha, Nilza, Rosália, Angelina, Benta, Odete, Marlene e Jacy) e de 1974 (com Marlene, Simone, Delcy, Rosália, Vera Denis, Norminha, Angelina, Odete e Elzinha). O técnico era Valdir Pagan Peres.

Mas a base desse grupo nasceu no fim de 1967. “Santo André tinha a Pirelli e São Caetano também queria fazer seu time. Por iniciativa do Claudio Musumeci (assessor financeiro) e do prefeito Walter Braido, formaram um time forte. Pegaram a Delcy, a Norminha e a Marlene, que estavam no Flamengo, e eu do XV de Piracicaba. Tivemos uma reunião no Rio, com o Arthur Laviaguerre, que era diretor do basquete e montou o time”, diz.

Elzinha conta que as jogadoras

foram morar no primeiro edifício da cidade, o Di Thiene, na rua Monte Alegre, no fim da rua Manoel Coelho. “Em frente, morava a dona Zinha Campanella, que foi a nossa mãe. Era na casa dela que ligávamos para os familiares. Como eu era novinha, ela tomava conta da minha vida, cuidava para eu não perder aula. O pessoal todo do prédio cuidou de nós. O Claudio

Musumeci com sua mulher, o Arthur Laviaguerre e o João Bonaparte, que era o diretor de esporte. Puseram a gente para trabalhar na Prefeitura”, lembra.

Ainda tem na memória quando o grupo de jogadoras lotou o carro de Norminha para ir até a casa do senhor Oto, um baiano bravo, que tinha vindo para São Caetano para dar estudo aos 12 filhos, para pedir que Simone (que depois seguiu carreira de cantora) jogasse no time. “Fomos lá para convencer o

senhor Oto, e a Simone veio para o grupo.” Relata também que o time de São Caetano ainda foi conseguir reforço com um time que era da Rhodia, de Santo André – era a Maria Angelina.

“Ainda não havia um trabalho de iniciação de jogadoras. Mas as meninas – a Norminha, a Marlene e a Delcy – começaram a trabalhar com formação em São Caetano. Iniciaram as escolinhas, tendo elas como professoras”, diz.

A rotina não era nada fácil, mas as meninas gostavam daquela vida e faziam tudo com prazer. Pela manhã, bem cedo, as atletas de São Caetano se juntavam às de Santo André e viajavam para Santos, para as aulas do curso universitário de Educação Física. “Íamos numa Kombi. Depois, trabalhávamos à tarde e cada uma

treinava no seu clube à noite. Era uma vida próxima, apesar de sermos adversárias – sempre dividíamos o pódio nos campeonatos estaduais. Nós treinávamos no São Caetano. Aos domingos, almoçávamos lá. Os almoços eram muito confortáveis, porque tínhamos amigos. Era almoço de família. São Caetano nos acolheu, nos fez filhas da cidade. Não nos sentíamos sozinhas”, diz.

Um jogo veloz e eficiente

E como era o basquete da época em quadra? Elzinha conta que o de São Caetano era um time unido, com talentos individuais e técnica apurada, o que resultava num grupo muito bom, competente nos rebotes e veloz nos contra-ataques. “Nas laterais jogavam Norminha e Delcy. Eu armava. Marlene e Rosália eram pivôs. A Simone revezava, entrando de pivô. O banco tinha Simone, Odetinha, Angelina... Depois vieram outras. Armar esse time era ótimo. A Marlene era uma capitã com extrema personalidade. Era uma pessoa firme e que comandava muito bem a equipe”, diz.

Elzinha define Norminha como a jogadora de maior expressão do basquete nacional e daquele time. Observa que Norminha – argentina naturalizada brasileira – tinha um porte físico privilegiado. “A Norminha sempre foi forte, atlética, com músculos delineados. Tinha uma força de contra-ataque muito grande”, avalia.

A velocidade era uma característica forte. “Era um jogo rápido, que agradava o público. E, até por isso, eu e a Norminha éramos bem conhecidas no Grande ABC. Nossa equipe tinha um bloqueio excelente. Com Marlene, Delcy e Rosália dificilmente perdíamos um rebote defensivo. Então, o time imediatamente ligava com o ataque. Se era

do meu lado, eu ligava e a Norminha ia para frente. Se era do lado dela, a Norminha passava e eu ia para frente. Éramos muito rápidas. Formávamos um time veloz, apesar de ter a Marlene, que era uma pivô pesada, parada, que hoje



chamam de posição 5”, diz.

Na época, não existiam os arremessos da linha dos três pontos, uma pena, comenta Elzinha, porque uma das características do grupo era a precisão. E também elogia o trabalho de Marlene sob o garrafão. “Nossa equipe colocava muitas bolas de longe, tanto que a Delcy, naquele Mundial (de 1971, em São Paulo), foi chamada de mão de ouro. Ela arremessava muito bem. Não havia os três pontos. E quando a marcação apertava, o trabalho de pivô era muito forte. A Marlene quando pegava a bola embaixo da cesta tinha um trabalho de corpo incrível. Jogava com as duas mãos,

Equipe do São Caetano Esporte Clube em foto tirada durante o Torneio das Estrelas, disputado na cidade peruana de Chiclayo, em janeiro de 1972. Da esquerda para a direita: Nilza (que reforçou o time naquele campeonato), Delcy, Elzinha, Marlene e Norminha

fabuloso. A Marlene foi uma das melhores pivôs fixas que o Brasil, ou até o mundo, teve. Foi várias vezes escolhida entre as cinco melhores para ir para o Hall da Fama do Basquete”, conta.

O técnico Valdir Pagan Peres, na avaliação de Elzinha, soube tirar do grupo o que tinha de melhor. “Conhecia as novidades do mundo e trazia para nós. Então, nós já fazíamos marcações mistas, que ainda hoje são aplicadas”, diz.

E de nada adiantaria toda a técnica em quadra se não houvesse coesão. “Creio que o segredo do nosso time era essa unidade. Não nos preocupávamos com quem iria ser a cestinha. Se naquele dia o jogo era para a Delcy, explorávamos a Delcy. Eu, a Norminha, a Marlene, a que estava inspirada era a que recebia mais bolas. Era uma equipe coesa, forte, mesmo quando vinham meninas do banco não caía o nível”, lembra.

Elzinha não tem dúvida em apontar a vitória no Torneio das Estrelas, disputado na cidade peruana de Chiclayo, em janeiro de 1972, como o título mais importante de São Caetano. “Podia, inclusive, levar uma jogadora de fora. E a Nilza, que era de Santo André, foi conosco. Foi muito bom porque era pivô alta e hábil, e fez uma dupla incrível com a Marlene, fixa. Ficou praticamente a seleção: Marlene, Nilza, Norminha, Delcy e eu. Era para ser a seleção do Mundial de 1971, mas eu torci o pé e joguei muito pouco. A Heleninha armando, a Maria Helena entrava e a Delcy depois. Me recuperei do pé e fui titular quando fomos para o Pan-Americano de Cali (ganhou o segundo ouro na competição)”.

Depois da medalha de bronze da seleção brasileira no Mundial de 1971, disputado aqui no país, as jogadoras foram recebidas na cidade com festa. Desfilaram em carro do Corpo de Bombeiros e cumpriram uma agenda extensa de visitas

à Prefeitura, empresas, clubes, escolas e entidades da cidade. “O prefeito nos esperava no paço, gritando nossos nomes. Viemos comemorar com nossa gente, já que São Caetano sempre foi tão acolhedora com o basquete feminino. Nunca dizíamos não a nenhum convite. Fomos a todos os lugares para contar nossa história e gostávamos muito das homenagens e presentes. Lembro que na Brasinca ganhamos um jogo de ferramentas. Foi ali, realmente, que nos tornamos conhecidas”, diz.

São Caetano ganhou vários títulos estaduais – foram sete seguidos a partir de 1968, recorda-se Elzinha. “Foram muitos títulos com aquela camisa preta e branca do clube. Os Jogos Abertos eram grande compromisso com a cidade para nós. Aí vestíamos o azul de São Caetano. Ficávamos concentradas nos colégios, com todo mundo. E São Caetano era a seleção. Os meninos pediam autógrafos, mas só no primeiro dia. Depois ficávamos amigos. Éramos amigas de atletas de outros esportes, do pessoal do vôlei, do atletismo. Tivemos muita convivência entre os esportes”, lembra.

Elzinha observa que grande parte do grupo jogou em São Caetano, numa relação de fidelidade, até se aposentar no basquete. Ainda hoje aquelas jogadoras – a maioria se dedicou à carreira de educadora – se relacionam. “Tenho contato com a Norminha, Delcy, Nilza, Laís, Maria Helena e Heleninha. A Maria Helena, para mim, foi a maior contribuição em matéria de técnica que o Brasil já teve. Se houvesse um espaço para lutarmos e falarmos, para mim ela seria a supervisora da seleção”, afirma.

(*) *Heleni Felipe, jornalista e repórter do O Estado de São Paulo. Cobriu três Olimpíadas (1996/2000/2004) e três Jogos Pan-americanos (1995/1999/2003)*

Recordações

de uma lenda do esporte

Acervo/Fundação Pró-Memória



Jogadoras do São Caetano Esporte Clube, que serviram à seleção brasileira feminina de basquete no Mundial de 1971, foram homenageadas no Ginásio de Esportes Lauro Gomes. Norminha postou-se à direita do prefeito Oswaldo Samuel Massei

Norma Pinto de Oliveira, mais conhecida como Norminha, uma das maiores jogadoras do basquete brasileiro em todos os tempos, contribuiu muito para o desenvolvimento esportivo de São Caetano do Sul. Nascida em Buenos Aires, na Argentina, em 13 de maio de 1942, veio para o Brasil aos 11 anos, tomando o rumo do interior paulista. “Fomos para Jacareí. Depois para Porto Ferreira. Voltamos para Jacareí, e aí saí para jogar. Desde pequena, praticava esportes. Meu pai era boxeador e também corria. Minha mãe era tenista. Por isso, sempre tive incentivo. Na Argentina, com 4 anos, já nadava. Depois viemos para cá. A família do meu pai é de Jacareí. Aliás,

ele é brasileiro e então ficamos nessa cidade”, diz Norminha.

Foi no ginásio local que começou a jogar basquete. Os professores de Educação Física, Juvenal e Rudyl Soares, gostaram de seu desempenho e convidaram-na a participar, por Jacareí, dos Jogos do Vale do Paraíba. “Isso com uns 14 ou 15 anos. Logo em seguida, fui jogar em São José dos Campos. Lá havia uma equipe feminina de basquete. Aí me viram.”

Nessa época, a cidade localizada no Vale do Paraíba participou do Torneio Última Hora. Orlando Valentim, técnico da seleção brasileira feminina de basquete, assistiu aos jogos. Procurou por Norminha. “Ele me disse: ‘Você vai para a seleção brasileira’.” A professora Rudyl

Soares já lhe dissera isso antes. “Foi tudo muito rápido. Com 16 anos, vim jogar pela Sociedade Esportiva e Recreativa Ipiranga. Ainda nesse ano, em 1959, fui convocada para a seleção que ia aos Jogos Pan-americanos de Chicago”, lembra Norminha.

A primeira experiência na seleção brasileira não foi satisfatória. De fato, logo no início dos treinamentos, a atleta foi cortada por não ser brasileira. “Descobriram que eu era argentina. Eu realmente não era naturalizada. Então, tive de ser cortada.”

O processo de naturalização era demorado. No entanto, a Confederação Brasileira de Basquete providenciou a papelada em três meses. “Isso foi em 1960. Eles tinham interesse. Era o Sul-americano do Chile. Fui como décima segunda jogadora, porque era a mais nova do grupo. Fui convocada aos 17 anos e fiquei até o fim da carreira. Entrei no segundo jogo e nunca mais saí. Fui, inclusive, a revelação do Campeonato Sul-americano. Joguei pela seleção brasileira durante 20 anos.”

Carreira

Quando começou a jogar pela seleção brasileira, Norminha ainda morava em Jacareí. Em 1960, ano em que foi convocada para o Sul-americano do Chile, recebeu proposta do Clube Atlético Votorantim para jogar em Sorocaba. “Na metade de 1960, fui morar em Sorocaba e jogar no Votorantim. Fiquei lá por dois anos. Sempre jogando e estudando. A gente estudava, trabalhava e treinava.”

Norminha era secretária na Comissão Municipal de Esportes local. Não recebia nada para jogar. O clube apenas dava alimentação e moradia às atletas (as moças, seis ou sete jogadoras, ficavam em uma república). “Eles davam alimentação e casa, mas cada uma tinha

que se sustentar com o trabalho”, lembra.

Depois de dois anos atuando pela agremiação sorocabana, foi-lhe feita proposta do Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro. “Lá no Rio, também recebi um trabalho. Já era formada em Contabilidade. Porém, entrei na Universidade Federal do Rio de Janeiro em Educação Física.” Norminha inscreveu-se em dois cursos: Educação Física e Economia. Em princípio, levou as duas faculdades. Depois, desistiu de Economia por não conseguir conciliar todas as atividades. “Cursei seis meses de Economia, mas dormia na classe. Por quê? Porque de manhã estudava na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha. Saía correndo e ia lá para a praça Mauá, no Instituto Brasileiro do Café. Eu era auditora e ficava lá até às 18h. Nos dias em que não treinava, ia para a Faculdade de Ciências Econômicas. E tudo de ônibus. Não agüentei.” Formou-se em Educação Física, em 1967. No ano seguinte, veio para São Caetano do Sul.

“Foi a época de ouro em São Caetano. Vieram sete jogadoras da seleção brasileira. O convite, aliás, chegou em hora oportuna. Meu pai estava doente e eu queria voltar para São Paulo para estar mais próxima dele. Na realidade, no Rio eu já havia sido campeã de tudo. Aliás, fui até mesmo tricampeã de decatlo nos Jogos da Primavera”, lembra. Norminha, inclusive, é atleta benemérita do Flamengo. “Aí vim para São Caetano e joguei por vários clubes.”

Após atuar pelas agremiações do Clube Atlético Monte Alegre, do São Caetano Esporte Clube e do Centro Recreativo Esportivo União Amigos de Vila Prosperidade, conquistando diversos títulos, encerrou a carreira na cidade (no fim da década de 70). “Passei por vários lugares, como o Monte Alegre, o São Caetano e o Vila Prosperidade. Ganhei todos os títulos possíveis. Encerrei minha



*Alunas do Centro
Interescolar
Municipal Professora
Alcina Dantas Feijão,
ao redor de
Norminha, por
ocasião da vitória nos
jogos comemorativos
à Semana da Pátria,
em 1972*

carreira por volta de 1979.”

O tempo em que a atleta esteve na ativa correspondeu ao amadorismo do basquete brasileiro. Ao contrário de hoje em dia, quando grandes empresas patrocinam clubes e pagam jogadores para que se dediquem integralmente ao esporte, nos anos 60 e 70 os atletas recebiam apenas uma ajuda de custo (moradia e alimentação), sendo que precisavam trabalhar para o próprio sustento. Em São Caetano, as coisas não foram diferentes. Entretanto, a ex-jogadora faz questão de destacar o esforço de alguns diretores de clubes e homens de esporte da cidade, no intuito de proporcionar a melhor infraestrutura possível para o bom desempenho das equipes.

“Tinham os diretores. Eles ajudavam muito. Me lembro do Claudio Musumeci e de vários outros. Inclusive colocavam dinheiro do bolso. Quando viajávamos, a Prefeitura, às vezes, só podia ceder a perua e o motorista. Chegava no fim do jogo, não tinha verba, e os diretores, na medida do possível, davam um lanche ou uma pizza para nós.”

A vida diária da ex-cestebolista em São Caetano do Sul era bastante ocupada. Ainda que lhe fosse dada alimentação e moradia, precisava de mais de um emprego para equilibrar-se financeiramente. “Eu trabalhava no Alcina Dantas Feijão, além de ter serviços no Tatuapé e no Tucuruvi.

Chegava a dar umas 50 aulas de Educação Física por semana. E tinha de treinar e jogar. O treino começava às 20h e ia até às 23h30. Comíamos, no máximo, um sanduíche. Todo mundo arrebitado de tanto trabalhar.”

Apesar dos sacrifícios, Norminha guarda muitas alegrias desse tempo. Titular da cadeira de Educação Física do Centro Interescolar Municipal Professora Alcina Dantas Feijão durante 12 anos, colecionou todos os títulos disputados na região. “Fui professora do Alcina por 12 anos e, nesse período, batemos todos os títulos possíveis e imagináveis. Meu colégio ganhava, além dos jogos coletivos e individuais, os títulos de melhor torcida, banda etc. Ganhávamos sempre os Jogos Escolares, que eram as Olimpíadas do Tijucussu (*essa era a grafia utilizada pelo clube*), promovidas pelo Tijucussu Clube e realizadas pelo Vítor Matsudo (*então estudante de medicina*).”

Ao deixar o colégio Alcina Dantas Feijão, tornou-se diretora da Secretaria de Esportes de São Caetano do Sul. “Havia a Divisão de Esportes e a Divisão Social. Estive na Divisão de Esportes durante quatro anos. Fiz parte de muitos trabalhos apresentados ao MEC (*Ministério de Educação e Cultura*). Junto com o Vítor Matsudo e com o pessoal que estudava. Com a turma do vôlei. Com o Carlos Boaventura. Tinha uma equipe fantástica.

Em São Caetano eu fiz muita coisa, muita coisa mesmo”, afirma Norminha.

Profissionalismo

As equipes amadoras da cidade não resistiram à chegada do profissionalismo. Norminha, responsável pelas atividades esportivas em São Caetano, acompanhou de perto todo o processo e explicou como as coisas aconteceram.

“Em 1978, o profissionalismo começou a chegar por meio do vôlei masculino. Apareceu aqui em São Caetano um senhor vindo de Catanduva e ofereceu mundos e fundos para as meninas do basquete. Ofereceu casa mobiliada, emprego para os familiares, faculdade. E o time de São Caetano foi diluindo. Não dava para segurar os atletas porque o dinheiro oferecido era muito alto. São Caetano não conseguia fazer frente ao profissionalismo.”

De acordo com a ex-jogadora, equipes do interior começaram a contratar atletas dos mais diversos municípios (Santos, São Bernardo, Santo André etc.). Proporcionaram-lhes, inclusive, infraestrutura adequada para jogarem com tranquilidade. “Elas tiveram ônibus! Minha nossa, a gente nem pensava nisso!” O interior, desse modo, passou a ser a região mais importante no que dizia respeito ao basquete. A capital tivera época áurea na década de 60, quando agremiações como Palmeiras, Corinthians, Pinheiros e Sírio montaram fortes equipes. A falta de interesse das empresas em investir nos clubes, contudo, impediu o crescimento do esporte. No interior, ao contrário, além da tradição dos Jogos Abertos, que tornavam mais populares modalidades como basquete e vôlei, as aplicações em patrocínio foram maiores. Sobre os Jogos Abertos do Interior, aliás, a ex-atleta comentou: “São

Caetano ia com 400 pessoas, fora toda a parafernália. Ia cozinha, mordomo, não sei quê. São Caetano teve muitos títulos. No basquete feminino, ganhamos todos. Mas era uma briga, porque São Caetano tinha cinco titulares e uma reserva da seleção. Santo André tinha a outra metade. Piracicaba tinha um pouco. Desse jeito, todo mundo queria ganhar de nós. Nosso time titular era Marlene, Delcy, eu, Elzinha, Angelina, Odete e Rosália” (*esta última revezava com as demais jogadoras*).

Como se vê, a equipe de São Caetano era a própria seleção brasileira feminina de basquete. Assim, o sucesso da cidade, em qualquer torneio, era garantido. “Não tinha para ninguém. Faturamos o Paulista, o Brasileiro, o Sul-americano de Clubes. Só não tivemos o Mundial de Clubes. Depois que chegamos, não deixamos ninguém ganhar.”

(Versão parcial do texto originalmente publicado revista Raízes, 24ª edição, de dezembro de 2001)



Fotos: Antônio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



D o s s i ê

Cristina Toledo de CARVALHO (*)

A rainha Hortência

Entre 1968 e meados da década de 1970, São Caetano do Sul foi vitrine do basquete feminino brasileiro. Com uma equipe que contava com jogadoras da seleção brasileira, a cidade conquistou praticamente todos os campeonatos que disputou. Em razão disso, o esporte da cesta popularizou-se, de forma significativa, entre as crianças e os jovens sul-sancaetanenses. Estes, com o propósito de aprender os segredos da modalidade que trazia tantas glórias para o município, passaram a freqüentar as escolinhas mantidas pela Prefeitura, cujas aulas eram ministradas por algumas jogadoras do time. Foi numa dessas escolinhas que a rainha Hortência despontou para o basquete.

Hortência de Fátima Marcari durante entrevista à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em 17 de novembro de 2006

Hortência de Fátima Marcari, uma das maiores jogadoras da história do basquete, iniciou sua vitoriosa carreira em São Caetano do Sul. No início da década de 1970, a cidade, por meio do fabuloso time do São Caetano Esporte Clube, acumulava títulos, detendo, assim, a hegemonia no basquete feminino no Estado de São Paulo. Foi nesse clube que

a ex-atleta começou a projetar-se, chegando, aliás, a atuar ao lado de jogadoras consagradas, como Norminha, Marlene, Delcy e Elzinha, entre outras. Sua trajetória no basquete sul-sancaetanense não se restringiu, contudo, às atuações pelo alvinegro da rua Ceará. Entre 1974 e o início de 1978, defendeu o CRE (Centro Recreativo Esportivo) Fundação, no qual teve uma passagem memorável e repleta de títulos. É este período inicial da inesquecível jornada profissional de Hortência, a eterna *rainha* do basquete brasileiro, que o presente artigo procurou resgatar, trazendo à tona as lembranças deste mito do esporte.

Início da carreira

Nascida em Potirendaba, no interior de São Paulo, em 23 de setembro de 1959, Hortência é a filha caçula de Luiz Marcari e Marcelina Dalben Marcari. A vinda para

São Caetano do Sul ocorreu por influência de sua irmã Anadir Marcari. “A gente morava em São José do Rio Preto, quando eu tinha 9 anos. A minha irmã, que já era casada, morava em São Paulo. Ela foi levando um irmão de cada vez e aí sobrou eu, meu pai e minha mãe. A gente veio porque não queria ficar sozinho no interior”, conta.

Na cidade, Hortência e seus pais passaram a morar na rua Sílvia, no bairro Santa Maria. Por ficar próximo à casa na qual morou, o antigo Ginásio Estadual Vocacional de Vila Santa Maria, que funcionou no edifício onde hoje está localizada a Escola Estadual Professora Eda Mantoanelli, passou a ser freqüentado pela ex-cestobolista. Posteriormente, Hortência estudou na Escola Estadual

Coronel Bonifácio de Carvalho.

Naquele primeiro estabelecimento de ensino, Hortência descobriu o basquete, conforme relatou: “Eu aprendi a jogar basquete na escola, na aula de Educação Física. A professora Mitsuko (*Ikeda*) foi a primeira pessoa que me apresentou a bola de basquete.” Após o contato inicial com os principais fundamentos dessa modalidade esportiva, Hortência começou a treinar na escolinha que era mantida pela Prefeitura, no Complexo Esportivo Lauro Gomes de Almeida. Marlene, então jogadora do São Caetano Esporte Clube, foi sua professora. Coube a esta grande pivô da história do basquete nacional a responsabilidade de lapidar o enorme talento de Hortência, transmitindo-lhe os ensinamentos técnicos

“Tudo o que você falava pra ela (Hortência), ela fazia na hora....”

inerentes à modalidade. Durante o depoimento que concedeu ao jornalista Ademir Medici, quando este coordenava

as pesquisas para o livro *Uma História de Campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*, lançado em 2003, Marlene comentou: “Tudo o que você falava pra ela (*Hortência*), ela fazia na hora. O que as meninas demoravam três, quatro meses para aprender - a fazer bandeja com coordenação, por exemplo - ela na primeira já fez. Depois foi para o lado esquerdo e a mesma coisa aconteceu, já que é muito difícil trabalhar com o lado esquerdo”.

Pouco tempo depois de ter iniciado na escolinha, Hortência passou não só a integrar a equipe de base do São Caetano Esporte Clube, mas também a figurar entre as reservas do time principal. “Eu era da equipe de base, mas já sentava no banco do adulto”, diz.

Daí em diante, sua carreira teve



Equipe juvenil do CRE Fundação. Em pé, da esquerda para a direita: Valdir Pagan Peres (técnico), Norminha (assistente técnica), Rosângela, Hortência, Vanda, Eronildes, Cristina, Milu e Francisco, o Ninão (roupeiro). Agachadas, da esquerda para a direita: Eni, Aninha, Edna, Thais e Júlia

uma ascensão rápida. Os títulos começaram a ser conquistados e a consagração não tardou a acontecer.

Primeiros títulos

De acordo com os registros, o primeiro título da carreira de Hortência foi a conquista do Campeonato Brasileiro Juvenil, em 1973, quando ainda defendia o São Caetano Esporte Clube. Em 1974, foi a vez da ex-atleta conquistar o título de campeã estadual pela equipe adulta do CRE Fundação, agremiação que passou a defender naquele ano, por causa do encerramento das atividades do Departamento Autônomo de Basquete do São Caetano Esporte Clube. A conquista foi confirmada diante do Clube Atlético Pirelli, de Santo André.

Nos anos de 1976 e 1977, a equipe

do Fundação obteve importantes resultados, conseguindo, portanto, manter a hegemonia no basquete feminino paulista ao alcançar títulos de expressão no Estado, como o Troféu Imprensa, os Jogos Regionais e os Jogos Abertos do Interior (em todos estes torneios a equipe sagrou-se bicampeã). Isso sem falar da conquista dos campeonatos Paulista e da Grande São Paulo, ambos conquistados nas categorias juvenil e principal, em 1977. Hortência participou de todas essas façanhas, sobressaindo-se já como cestinha, tal como se verificou na decisão do Campeonato Paulista (categoria adulto) daquele ano, quando o CRE Fundação venceu a equipe do Villares, de São Bernardo do Campo, em pleno Ginásio Baetão, pelo placar de 70 x 65. Na ocasião, a *rainha* assinalou 22 pontos. Conforme reportagem publicada na *Folha*

de São Caetano, em 24 de dezembro de 1977, pontuaram também pelo Fundação as atletas Delcy (dez pontos), Elzinha (11 pontos), Vânia Demarchi (nove pontos), Maria Tereza (14 pontos) e Esmeralda Consoli (quatro pontos).

No dia 22 de outubro daquele ano, portanto dois meses antes da conquista do título do campeonato estadual adulto, o Fundação tornou-se campeão da II Taça Brasil de Basquete Feminino Juvenil, disputada em Niterói, no Rio de Janeiro. Após ter enfrentado, na fase de classificação, o Clube Uraí, do Paraná, o Clube Libanês, do Espírito Santo, e o Canto do Rio, de Niterói, a equipe sul-sancaetanense credenciou-se, de forma invicta, para a decisão do torneio. As fluminenses foram as adversárias do Fundação, que venceu a partida final pelo apertado placar de 54 x 52. Hortência foi a maior pontuadora daquele campeonato, registrando 125 pontos. Além da cestinha Hortência, o CRE Fundação contou também com as jogadoras Cristina, Edna Bertelli Lopez, Júlia, Eni Lima, Luíza, Maria Alice Fernandes, Milu, Mirna, Rosângela Ribeiro, Vanda Rinalda Dal Col e Vilma.

Além de ter apresentado em seu elenco atletas consagradas que defenderam o Brasil em competições internacionais, como Hortência, Delcy, Elzinha, Maria Tereza Evaristo de Góes e Vânia Demarchi, entre outras, o Fundação contou ainda com outras cestobolistas, que também tiveram passagem pela seleção brasileira no decorrer de suas carreiras, entre as quais podemos destacar os nomes de Soraya Begliomini Brandão, Eronildes e Vanda Rinalda Dal Col. Assim como Hortência, tais atletas freqüentaram também a escolinha em que Marlene José Bento era professora.

A ex-ala, ao recordar o período em que jogou na cidade, citou algumas dessas

jogadoras. “Jogavam a Elzinha, a Esmeralda, a Vandinha e a Lúcia. A gente chamava a Lúcia de Lúcia Carneirinho. Tinha também a Rosália (*Barbosa Vasconcelos*), que era da seleção. Tinha a armadora Cho, que era uma coreana, a Vânia Demarchi, a Vânia Ciorlia e a Soraya (*Begliomini Brandão*)”, lembra.

Consagração

Hortência, logo no início de sua carreira, começou a atrair a atenção dos especialistas da modalidade e do público em geral. Em curtíssimo prazo, conseguiu firmar-se como atleta de destaque, em São Caetano do Sul. Os excelentes resultados atingidos, entre 1973 e 1974, quando ainda era uma adolescente, criaram condições para sua ascensão nacional. Já em 1975, foi considerada a melhor jogadora da categoria infanto-juvenil, feito que se repetiria em 1976. Um outro fato marcaria sua trajetória, no ano de 1975: a primeira convocação para a seleção brasileira principal. Um ano após, sua carreira começaria a ganhar projeção internacional com a conquista do Campeonato Sul-americano Juvenil de Seleções, disputado no Paraguai. Em cinco jogos do torneio, Hortência marcou 65 pontos. Em 1977, ocorreu a conquista da medalha de prata na 1ª Copa da Confederação Pan-americana Juvenil, disputada nos Estados Unidos. A repercussão deste episódio na cidade pode ser avaliada por meio de uma reportagem que foi publicada na *Folha de São Caetano*, em 13 de agosto daquele ano. Intitulada *Cestobolista Hortência assombrou EE. UU.*, tal reportagem retratou a façanha da seguinte maneira:

Hortência, jovem cestobolista do Fundação e das seleções Paulista e Brasileira, extasiou com seu basquetebol

simples e objetivo a exigente platéia dos Estados Unidos, disputando torneio internacional realizado recentemente na Terra de Tio Sam. Embora na mais tenra idade, Hortência já pode ser considerada atleta consagrada, merecendo aplausos de todos brasileiros, pelo seu basquetebol impecável (...) é considerada estrela de primeira grandeza na constelação esportiva mundial (...).

E, de fato, Hortência já despontava como um dos grandes nomes do basquete internacional. Em 1977, seria, ainda, considerada uma das cinco melhores jogadoras das Américas. Não foi à toa, portanto, que São Caetano do Sul a elegeu a esportista daquele ano, por meio de um concurso que compreendeu 20 categorias profissionais. Segundo consta, cerca de 10 mil pessoas participaram da votação. No dia 2 de dezembro de 1977, uma grande festa foi preparada no antigo Buso Palace para a premiação dos vencedores. Coube ao grupo Três do Rio a animação do evento.

Transferência para Catanduva

Fundação está perdendo atleta da seleção. Este foi o título da reportagem publicada, em 14 de janeiro de 1978, na *Folha de São Caetano*, comunicando a transferência de Hortência para o Clube Recreativo Higienópolis, de Catanduva, no interior de São Paulo. Nessa mesma reportagem, o jornal fez também menção à segunda colocação obtida pelo CRE Fundação no Troféu Bandeirantes, última competição de Hortência pelo clube da cidade.

Embora tenha, inicialmente, hesitado em aceitar a proposta dos dirigentes de Catanduva, o contrato com o Clube Higienópolis foi assinado em virtude das perspectivas oferecidas. “Na

Fotos: Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



Acima, troféu que Hortência recebeu quando passou a integrar o Women's Basketball Hall of Fame, o Hall da Fama do Basquete Feminino, em 2002. Abaixo, o troféu que a ex-jogadora recebeu em setembro de 2005, por ocasião de sua entrada no Naismith Memorial Basketball Hall of Fame, o Hall da Fama do Basquete Mundial



verdade, eu não queria ir. Eles me procuraram e eu falei que não ia, que não queria ir de jeito nenhum. Para mim, não tinha essa coisa de dinheiro, de futuro, de grana. Eu queria jogar. Quando eles viram que comigo não ia adiantar, foram falar com meu técnico. Aí o Valdir (*Pagan Peres*) chegou e falou para mim assim: ‘Você vai para lá’. Aí eu lembro que fiquei mal, chorei pra caramba, porque não queria ir”, lembra.

Em Catanduva, Hortência conquistou também muitos títulos, o que, aliás, continuaria a ser observado ao longo de sua carreira. Em termos de seleção brasileira, as conquistas que obteve estão entre os resultados mais expressivos da história do esporte nacional. Dentre tais conquistas, encontram-se as seguintes: medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de Havana, em Cuba (1991), ocasião em que a *rainha* Hortência arrancou, juntamente com *magic* Paula, aplausos e reverências de Fidel Castro; título mundial na Austrália (1994), quando o Brasil interrompeu uma seqüência de conquistas dos Estados Unidos e da ex-União Soviética na competição; e medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos (1996).

Depois dessa competição, Hortência encerrou a carreira de atleta e iniciou uma nova etapa de sua vida profissional como dirigente esportiva. Nesta função, coordenou equipes do basquete feminino brasileiro até 1999.

Em 2002, seu nome passou a figurar no *Women’s Basketball Hall of Fame*, o Hall da Fama do Basquete Feminino, localizado na cidade de Knoxville, no Tennessee (EUA). Pouco tempo depois, mais precisamente no mês de setembro de 2005, passou a integrar também o *Naismith Memorial Basketball Hall of Fame*, o Hall da Fama do Basquete Mundial, situado na cidade de Springfield,

estado de Massachusetts (EUA). Hortência e Uliana Semenova (lendária pivô da seleção da extinta União Soviética) são, até o momento, as únicas estrangeiras componentes do Memorial de Springfield.

É motivo de grande orgulho saber que o primeiro contato da *rainha* Hortência com o esporte que a tornaria mundialmente conhecida e admirada tenha ocorrido em plena São Caetano do Sul. Perguntada a respeito de seu vínculo afetivo com a cidade, a ex-atleta foi categórica: “Não dá para se desvincular da cidade que foi tão importante em minha carreira. Foi tudo lá (*São Caetano*) que aconteceu. Foi lá que tive a primeira oportunidade. Foi lá que tive todas as minhas orientações. Quando saí de São Caetano, estava com minha vida toda certinha, arrumadinha. Então, não dá para esquecer.”

Quanto aos momentos marcantes vividos na cidade, relatou: “As coisas marcantes foram jogar numa equipe como era a de São Caetano. Títulos nós tivemos um monte. Todos os títulos são importantes, mas as coisas mais fundamentais que um atleta precisava ter, que era uma boa orientação técnica, eu tive de altíssimo nível. Jogar ao lado das melhores jogadoras, que eram Norminha, Elzinha e Marlene, enfim, todas aquelas jogadoras, para mim foi importante demais. E ser descoberta por uma professora de Educação Física e ter tido, logo no início da minha escolinha, pessoas importantes que sabiam tudo, como Marlene, enfim.”

(*) *Cristina Toledo de Carvalho, historiadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

Dona Zinha Campanella e suas famosas vizinhas

*“ Fizemos
amizades
maravilhosas.
Tínhamos
uma vizinha
de frente,
dona Zinha
Campanella,
que quase
adotou a
gente”.*

(Marlene José Bento, no livro Uma História de Campeões: os 89 Anos do São Caetano Esporte Clube, do jornalista Ademir Medici)

No fim da década de 1960, uma das edificações mais altas da cidade, o Edifício Di Thiene, foi abrigo de um grupo de meninas bastante conhecidas no cenário esportivo nacional. Essas esportistas eram Marlene, Delcy, Norminha e Elzinha, que faziam parte de uma das mais destacadas equipes de basquete feminino da história de São Caetano e do Brasil.

Trazidas para a cidade, em 1968, foram morar no 13º andar do Edifício Di Thiene. Lá conheceram e fizeram amizade com dona Zinha Campanella, uma vizinha bastante generosa que morava em frente ao apartamento delas e quase as adotou. Com 85 anos, dona Zinha recebeu-nos com bastante simpatia e alegria para falar sobre o período em que conviveu com essas atletas.

“Elas conviveram muito comigo”, diz Helda Thereza Castello Campanella, a dona Zinha Campanella, que nasceu em São Caetano do Sul e reside há mais de 40 anos nesse mesmo endereço. O sobrenome Campanella veio do casamento com



Antonio Reginaldo Camboni/Fundação Pró-Memória

*Dona Zinha
Campanella*

Francisco Campanella (irmão do ex-prefeito Anacleto Campanella), ex-presidente do São Caetano Esporte Clube nos anos de 1976 e 1977. Sobre essa convivência, dona Zinha conta que no início a comunidade do Di Thiene não foi receptiva à presença das jogadoras, principalmente em razão dos

idade não tem mais de ficar com os pais. Então, cada um tem sua liberdade. Elas tiveram bem antes, porque era o trabalho delas. Não que as meninas tivessem saído de casa por querer. Elas saíram porque era um trabalho. Tinham de trabalhar”, conta.

“Elas nunca tiveram problema com os vizinhos. No princípio, tudo foi difícil porque ninguém aceitava, naquela época, uma moça sair de casa para morar sozinha. Era muito difícil. Houve no princípio aquele *oh!*, mas comigo não teve problema. Depois, o pessoal aceitou, porque elas eram umas meninas boas, umas meninas que respeitavam a gente”.

De fato, as jogadoras realmente despertaram a atenção dos outros moradores, principalmente pela condição de morarem sozinhas. Em depoimento ao jornalista Ademir Medici no livro *Uma História de Campeões*, a ex-jogadora Marlene diz “eram três ou quatro moças morando sozinhas numa república. E nem existia a expressão república. Altas, solteiras, a gente chamava a atenção.” Entretanto, essa condição não as impediram de fazer boas amizades com algumas famílias e moradores do Edifício Di Thiene, bem como com dona Zinha Campanella, a moradora mais antiga do condomínio e a que mais teve proximidade com as meninas.

Dona Zinha relembra que o primeiro contato com as jogadoras aconteceu no elevador do edifício. Sendo ela bastante educada, não entra num elevador sem cumprimentar. A partir daí, cresceu a amizade entre elas. E, dessa amizade, surgiram o carinho e a confiança. “Elas viram que a gente aqui em casa era igual a elas. Então, a gente começou a brincar e conversar. Aí, começaram a entrar em casa. E quando saíam, geralmente, a chave ficava comigo. Acho que elas tinham uma confiança em mim. Assim como eu tinha confiança nelas”, conta.

Acervo/Delcy Ellender Marques



Jogadoras da seleção brasileira de basquete na Sauna Imperial, em São Caetano. Foto tirada por ocasião dos treinamentos para o Campeonato Sul-Americano de Guaiquil, no Equador, em 1970. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Delcy, Maria Helena, Jacy, Elzinha, Marlene e Laís Elena. Em segundo plano, da esquerda para a direita, foram identificados: Heleninha (segunda), Odete Bassi, Adolfo Mezdri (proprietário da sauna) e Norminha

padrões socioculturais da época que impunham vários regimes, até mesmo para elas que eram pessoas conhecidas. “O povo não aceitava que moças morassem sozinhas, sem família. Então, havia aquele falatório, aquela coisa toda. Mas, para mim, não fazia diferença de elas estarem juntas, com a família ou fora da família. Para mim, elas eram uma família. Elas conviveram muito, muito comigo. Só posso dizer coisas boas delas”, diz dona Zinha.

“A passagem delas aqui no prédio depois foi aceita. No princípio, todo mundo tirou um pouco o corpo. Eu não. Graças a Deus. Para mim, elas eram muito boas. Não tinha problema. E, também, nunca me trouxeram problemas que pudesse me chocar. Se fosse hoje, não seria nada. Cada um vive no lugar que acha que deve viver, não é? Hoje a mocidade acha que depois de uma certa

Sem mesmo conhecer as famílias das atletas, dona Zinha sempre foi prestativa. Como elas não tinham telefone instalado no apartamento, usavam o de dona Zinha. “Eu conhecia a voz das famílias delas pelo telefone. Geralmente, os telefonemas caíam todos aqui, porque não tinham telefone. Depois sim. Depois, não sei se foi o São Caetano que colocou o telefone para elas, não sei”, diz.

Para as jogadoras que estavam longe de seus pais, dona Zinha tornou-se uma referência materna e grande amiga. Prestativa e generosa, sua casa estava sempre de portas abertas. “Sabe, não sei se sou eu. Para mim, nunca é demais você poder fazer alguma coisa. Acho que qualquer um que bater na minha porta, ela estará aberta. Até hoje. Mesmo com a idade que tenho, acho que não posso deixar de atender ninguém. Tenho uma prima que mora comigo que está com 89 anos. Depois que veio para minha casa reviveu. Hoje ela sai, vai para todos os lugares. Acho que ela pegou confiança e também tem amizade com todo mundo. É costume. Acho que é minha criação. E o meu marido sempre aceitou que eu tivesse essa liberdade. Ele nunca disse não faz ou faz. Ele sempre me apoiou. Então é por isso que sou feliz.”

Posteriormente, a cantora Simone, que na época era jogadora de basquete, foi morar com o quarteto. Elzinha diz no livro *Uma História de Campeões* que a descoberta de Simone completou o time. “Chegamos a São Caetano. Eu vindo de Piracicaba, elas (*Marlene e Delcy*) do Rio de Janeiro. Éramos em quatro. Como é que vamos formar a equipe? De repente alguém falou que a Simone morava em São Caetano. A Delcy e a Marlene lembravam muito da Simone de um Brasileiro que ela jogou na Bahia. Ela aconteceu nesse campeonato. E agora essa notícia de que a Simone morava em São

Caetano do Sul. A casa dela era na alameda São Caetano, bem na curvinha. Ela morava ali”.

Como Simone era fã da jogadora Delcy e as duas já tinham amizade, foi um pulo para ela ir morar no apartamento das meninas. “Dona Letícia, a mãe da Simone, foi lá em casa e disse ‘Delcy, será que a Simone podia morar com vocês, porque ela perde todos os dias as duas primeiras aulas’. Ela queria morar com a gente e foi morar conosco no prédio”, lembra Delcy, em depoimento à Fundação Pró-Memória.

Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



Dona Zinha durante entrevista à Fundação Pró-Memória

Além disso, o grupo recebia freqüentemente a visita de outras personalidades do rol de amigas de Simone, como a cantora Gal Costa. “Elas recebiam a visita da Gal Costa, por exemplo. Quando a Gal Costa queria fugir e descansar, vinha para cá. Ela ficava aqui dois, três dias, para depois ir embora. Mas aqui ninguém sabia quem era ela. Quando a Gal Costa estava aqui, a gente sempre conversava um pouco. Mas ela vinha mais para descanso mesmo. Fugindo da



Reunião na casa da família de Simone, em comemoração ao dia de São Cosme e Damião, no início da década de 1970. Da esquerda para direita: Maria Angelina, Claudio Musumeci, Simone, Arthur Laviaguerre, Junira (irmão de Delcy), Delcy, Oswaldo Mendonça (cunhado de Delcy) e Jaci (irmã de Delcy)

correria. Tinha outras que vinham também, mas não me lembro. Entravam e saíam. Não tinha muito contato com elas. Agora, com as meninas que moravam aí, o caso era diferente”, diz dona Zinha.

No apartamento de dona Zinha, à noite, era freqüente as meninas passarem por lá, tocarem violão e cantarem com seu marido. Aliás, todas cantavam, conforme conta dona Zinha. Mas as visitas não se restringiam apenas às festas. Às vezes, davam assistência ao seu marido que sofria de dores nas costas. “Nós tínhamos uma ligação muito forte e elas também tinham uma ligação muito forte com meu marido. Ele tinha dor nas costas. A Norma vinha e fazia massagem nas costas dele. A gente tinha muita amizade e muito amor.”

Após as conquistas do time, haviam festas de comemorações, regada a muita alegria e diversão, mas sem exageros. “Elas tinham seus limites, o que era muito bom. Mas nunca tiveram a audácia de ir mais para frente das coisas.” Muitas das festas aconteciam no próprio apartamento das meninas e contavam com a presença das jogadoras, bem como dos diretores e conselheiros do São

Caetano. “Era uma festa mais entre as jogadoras e os diretores que elas tinham mais convivência. Mas, às vezes, a gente calhava de entrar no meio, porque meu marido também pertencia ao São Caetano. Ele era conselheiro do clube. Então a gente tinha aquela amizade. Era uma festa gostosa, uma festa familiar. Para elas, a diretoria do São Caetano fazia parte da família. Era de onde elas podiam receber alguma coisa. E a gente sempre dava apoio.”

Além do apartamento, a casa dos pais de Simone também era local de reunião das jogadoras e da diretoria do clube, principalmente no dia de São Cosme e Damião, que era regularmente comemorado pela família. “Mas as festas que a gente tinha mais contato era quando elas chegavam de fora, trazendo um título”, diz dona Zinha.

E na bagagem, além do título conquistado, traziam também alguma lembrança para dona Zinha, demonstrando o carinho que tinham por ela. Numa ocasião, quando foram para o México (provavelmente em razão dos jogos Pan-Americanos, em 1975),



Trote de recepção às calouras na Faculdade de Educação Física de Santos, em 1970. Da esquerda para a direita: Elzinha, Simone, Marlene, Delcy e Maria Angelina

trouxeram-lhe um mexicanozinho, que ela guarda até hoje. “Toda vez que elas chegavam, traziam uma lembrancinha pra gente.”

Quanto ao assédio dos fãs em frente ao edifício em busca de algum contato com as jogadoras, dona Zinha conta que elas eram bastante reservadas. “Em prédio você não pode fazer o que quer. Tem de respeitar quem aqui está. Então elas, nesse ponto, eram muito corretas. Podiam ter seus fãs lá fora. Ninguém sabia de seus horários. Além disso, eram meninas bem aplicadas. O tempo que tinham, estavam na minha casa. Estudavam, jogavam e trabalhavam.”

Entre os acontecimentos mais marcantes, dona Zinha recorda de quando Norminha apostou na loteria e ganhou. Foi uma grande festa, comemorada com muita pizza. “A Norminha jogou na loteria e, justamente, deu seus números. Aí, ela mandou buscar pizza. A festa foi tão grande porque ela disse que nunca tinha

ganhado nada assim, sem trabalho. Foi um dia de muita farra. Quando ela foi receber o dinheiro, quase que não dava para pagar as pizzas. Foram tantos ganhadores que o dinheiro quase que não dava mesmo. Aí a farra foi maior ainda.”

Passados mais de 30 anos, a simpática senhora, que praticamente adotou as jogadoras durante o período em que moraram no mesmo andar, guarda vivamente essas boas recordações e sente a perda de contato com as meninas, depois que se mudaram. “Eu senti depois que elas foram embora e a gente não teve mais contato”. Mas o carinho sempre permanecerá em sua lembrança porque “elas foram boas vizinhas, boas amigas e boas filhas.”

(*) *André Luis Balsante Caram, pesquisador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

Roberto Belmonte JÚNIOR (*)

Meu trisavô, o fundador

Gaetano Garbelotto

Fotos: Acervo/Roberto Belmonte Júnior



Gaetano Garbelotto

Era tradição entre os romanos venerarem seus antepassados. Uma das formas de *culto* eram as narrativas de suas glórias às novas gerações. As reuniões para as refeições eram tidas como um momento bastante íntimo, no qual a família estava em si mesma. Em sua *domus* (casa), a família romana estritamente reunida não admitia ninguém *inter cenam* (à mesa) que não pertencesse à própria tribo. Logo, não duvidem que o principal assunto nessas refeições também girasse em torno da própria família, de seus membros vivos ou falecidos.

No átrio das casas dos romanos havia bustos dos heróis de suas tribos e deles eram contadas histórias que inspiravam e encorajavam o coração dos jovens. Ainda hoje, em nossa cultura, podemos encontrar vestígios dessa tradição. Pais narram com paixão histórias de seus próprios pais. Não são histórias racionalizadas, elaboradas com perfeita coerência e de imediato valor científico. São, na verdade, fragmentos e recortes, porém não no sentido de serem sutis ou esvaziados, mas sim seu contrário, isto é, são densos. Densos sim, contudo, não de significado racional, mas densos de sentido, de amor. Um pai que carrega um desejo inconsciente de ser amado por seu filho narra a ele histórias apaixonadas de seus pais, avós, bisavós, trisavós, tataravós, pentavós... E é nesse preciso e precioso momento que ocorre algo sublime: apagam-se cicatrizes trazidas no coração, o perdão mais profundo e autêntico aflora e a cura de ressentimentos sobre muitas faltas cometidas de um pai contra seu próprio filho ou ainda de um filho contra seu próprio pai acontece verdadeiramente. O



Casal Romano – Via Appia Antica 2002

filho se vê no pai, que ao mesmo tempo se projeta em seu filho. Volto a dizer, em primeira análise, não há intenção histórica para essas narrativas, o que conta é o afeto. Não obstante, os dados históricos contidos nesses fragmentos, longe de serem falsos, são purificados de rancores e o narrador pode pensar com empatia, colocando-se, então, no lugar e no tempo daquele sobre quem está narrando. As costuras e amarrações dos fragmentos são feitos com uma subjetividade despreziosa do próprio ego e, por conta disso, o material histórico resultante emerge com fidelidade, pois do contrário feriria essa mesma autenticidade sobre si mesmo, agora empático com seu objeto (personagem de sua narrativa). Esse é o valor das histórias que nos chegam por meio da tradição familiar.

O que mais falta ser dito sobre a fundação de São Caetano?

Por mais que o tema fundação de São Caetano tenha sido explorado, acredito que não esteja esgotado. Sempre há algo novo ou mais restrito para ser trazido ao leitor que se interessa sobre a memória da cidade. E é justamente isso que este texto pretende. Será um refinamento de foco bastante fechado, que resultará, assim espero, em uma contribuição, embora pequeníssima, para a história de São Caetano do Sul e para a memória da família Garbelotto.

Não havendo pretensão científica e acadêmica, sinto-me à vontade para buscar a metodologia que mais me convém. Assim sendo, a metodologia empregada será aquela que acima caracterizei, acrescida de pesquisas realizadas por meio de entrevistas diretas a outros descendentes e também por meio de análises dos documentos obtidos em Cappella Maggiore, na Itália, Cartório do

Brás, Arquivo da Arquidiocese de São Paulo e Arquivo Histórico de São Paulo, além do apoio de uma vasta bibliografia existente a respeito da colonização de São Caetano. Não deixando, inclusive, de me apoiar em autores que tratam sobre História Geral e do Brasil do final do século XIX e início do século XX. Penso em fazer uma abordagem curta e bastante restrita, apontada apenas na pessoa do fundador Gaetano Garbelotto e na descrição de sua genealogia.

Mio caro trinonno fondatore

Fiquei muito entusiasmado quando, ainda bem menino, soube que tivera um antepassado fundador da cidade na qual nascera e morava. Na minha mentalidade pueril, eu era o único, ou pelo menos o primeiro, nesta condição: ser trisneto do fundador de minha cidade. Tal fato foi incorporado a minha própria identidade e a de minha família como sendo uma distinção de honra.

Habitualmente, um adulto fazendo uma reflexão bastante simples sobre sua própria infância costuma dizer: ‘Quando era criança tinha a impressão de que as coisas eram bem maiores do que as considero hoje’. Não é o que sempre se diz? Mas não poderíamos pensar que *essa* lógica poderia, na verdade, estar invertida? Isto é, não caberia dizer que diminuímos o grau de importância das coisas quando crescemos? Isso revelaria o quanto menosprezamos o que olhávamos com os olhos puros da infância e também o quanto de humildade perdemos. Muitas vezes, inconscientemente, nos sentimos ser o maior dos adultos e o que está abaixo é inútil, é desprezível, é irrelevante demais ou infantil, desinteressante ou superado. Seja isso, algo físico e material como a casa da avó, da tia, ou mesmo a estatura de certo tio de pestanas grossas e de voz

grave. Ou também, e sobretudo, as referências adultas sobre as idéias ou pensamentos simples e pueris.

De fato, meu trisavô pater-mater-paterno não era o único que levava o título de fundador de São Caetano. Além dele, havia uma grande torcida do vapor Europa que compunham as 26 famílias que vieram da província de Treviso, da região Veneta, para o Brasil a fim de... Acho que você, caro leitor, completou automaticamente em pensamento o que logicamente se espera: *fundar São Caetano*. Digo isso porque eu também completaria a frase dessa forma, com essas mesmas palavras.

Mas o fato do *trinonno* ser apenas um dos fundadores não conseguiu apagar em mim a empolgação de menino. Porém, com o passar dos anos e com esse fato impregnado em minha identidade, algo me intrigava: Qual teria sido a motivação mais íntima de Gaetano quando veio fundar São Caetano? Não aceito a redução: pra ganhar a América. Afinal, parentes de vizinhos próximos já se encontravam em Santa Catarina. Logo, essa expressão que caracteriza uma ingenuidade não poderia ser tomada de forma absoluta. Nem tampouco posso crer que havia nele, quando partiu, a idéia de fundar o que viria a ser atualmente esta cidade. E não poderia pensar apenas em uma motivação relacionada ao seu imaginário relativo à América.

No entanto, devo considerar juntamente que deveria haver uma motivação implicada em deixar a Itália. Por conta disso, pergunto: Qual seria a motivação mais específica de Garbelotto para deixar seu *paese*, embora saiba as condições funestas geradas pela carestia que grassava o Veneto nesses tempos e os mais atingidos de fato eram os camponeses pobres, tais como os membros da família Garbelotto.

Ah, esse meu trisavô aventureiro! Veio ainda solteiro. O grupo familiar o encorajou a viajar. Seu pai Gaetano, sua mãe Antonia e alguns parentes vieram também nessa mesma ocasião.

Fotos: Acervo/Roberto Belmonte Júnior



Campanário da Matriz Santa Maria Madalena – Cappella Maggiore, Itália



Cappella Maggiore

Entrar nos microcosmos de sua subjetividade, na verdade, é algo impossível, mas tenho uma pista relevante.

Gaetano, um apaixonado

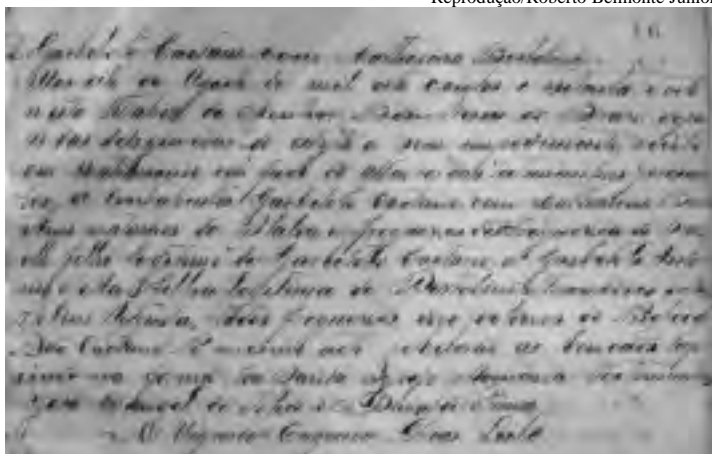
Esse *regazzo*, que em 1877 tinha 24 anos, estava com os olhos fitos e apaixonados nos de Catherina, filha de uma outra família da qual já estava determinada em emigrar: a Bortolini. Família esta que, mais tarde, também seria

considerada fundadora de São Caetano. Contudo, quem não estava nada interessada em Garbelotto era a própria Catherina, enquanto que sua família, ao contrário, a encorajava a esse matrimônio.

Catherina, filha moça de Francesco e Augusta Bortolini sentia-se jovem demais para ser desposada por Gaetano. Contudo, Gaetano Garbelotto era bem diferente do rude *babbo* Francesco. Enquanto este, para ganhar o pão cotidiano precisava trabalhar duro sujando as mãos a produzir carvões, muitas vezes até por força da necessidade em terras alheias, aquele lia e escrevia. E a ele toda a gente da colônia recorria para escrever suas cartas e ler as que eram recebidas da terra natal. Gaetano, sendo um dos poucos alfabetizados do grupo emigrado, também possuía conhecimentos em contabilidade. No núcleo colonial, lecionava aos meninos informalmente e, com essas atividades, ganhava a vida.

A irmã de Catherina, Giacomina homenagem a sua madrinha, recebeu o

Reprodução/Roberto Belmonte Júnior



Registro de casamento de Gaetano Garbelotto e Catherina Bortolini (aqui grafado Bertolini). Não há registro civil

casamento aconteceu com a bênção proferida pelo pároco da Matriz Bom Jesus do Brás, padre Eugênio Dias Leite, no dia 8 de agosto de 1878. Ele com 25 anos e ela com 14 anos de idade. Foram padrinhos de casamento José Manoel de Tales e Primo Baraldi.

A família de Gaetano

Desse casamento, vingaram nove filhos. Minha prima-avó, como eu a chamo, Lilia Catharina Daffrè, neta por linha materna de Gaetano, enumera os filhos desses seus avós na seqüência cronológica de nascimento: Ana, conhecida como Anita, foi batizada em 19 de outubro de 1879 com dois meses de idade, cujos padrinhos foram Beraldo Rodrigues de Camargo e Benedita Maria da Cruz. Depois de Anita nasceu Antônio, batizado em 28 de agosto de 1881. Na seqüência, em 27 de maio de 1888, batizou-se uma menina que, em

Bortolini, a influenciava e a encorajava ao casamento com Garbelotto. Gaetano era homem bastante culto, porém humilde, olhos azuis, de temperamento equilibrado, respeitado em sua comunidade e, principalmente, piíssimo devoto de Santo Antônio de Pádua.

Por fim, Catherina cedeu e o

nome Joanna, que nasceu em 17 de abril de 1888. Seus padrinhos foram Domenico Vicentino e Joanna Canton. Augusta foi a próxima filha e recebeu o mesmo nome da avó materna, a fim de homenageá-la, tendo nascido em 27 de novembro de 1890. Foi batizada em 21 de dezembro do mesmo ano. A próxima

foi Maria, nascida em 11 de julho de 1895 e batizada em 7 de agosto do mesmo ano. Depois nasceu Ângelo. Em seguida veio à luz minha bisavó, que fora batizada como Antônia em homenagem à sua pater-avó Antonia Giust. Porém, ela era conhecida pelos seus descendentes como Antonieta. Nascida em 1900 no mesmo mês em que o núcleo colonial completou 23 anos, ou seja, no dia 20 de julho. Por fim, o casal Catherina e Gaetano teve os seus filhos caçulas: Caetano e Dora.

Fotos: Acervo/Roberto Belmonte Júnior



Ano 1921. A filha Antonieta, aos 22 anos, com seu marido, o romano José Alfredo Belmonte, com 25 anos, e os filhos Sérgio, 1 ano, e Orlando, de meses.

Lilia tem registrado em sua excelente memória os nomes que as filhas de Gaetano receberam após seus respectivos casamentos. Confira: Anita tornou-se FURLAN. Joanna, sua mãe, DAFFRÈ. Augusta, por sua vez, POFF. Antonieta passou a ser BELMONTE após ser desposada pelo meu bisavô José Alfredo vindo de Roma. Maria tornou-se ASÊNCIO e Dora passou a ser CÂNDIDO.

Garbelotto e Daffrè dois avós fundadores

Lilia de Joanna (*Ficou lindo assim!* – como diria a própria Lilia) subsidiou-me deveras para a realização deste texto de memórias. Ela foi a oitava filha do casal Benedicto e Joanna, terceira filha de Gaetano, como fora dito.

Adelina, a quarta filha do casal Joanna e Benedicto, hoje com 91 anos, encontra-se lúcida e vigorosa. Frequentemente traslada-se sozinha, de ônibus, entre os bairros Moema, onde mora, até a tradicional rua Thabor, no Ipiranga, para visitar Lilia, que continua morando no palacete construído por seu pai Benedicto Daffrè, no qual todos os filhos foram criados. Benedicto, nascido em 16 de maio de 1882, era filho do também fundador de São Caetano Antônio Daffrè que, por sua vez, transferiu-se com sua mulher Catharina D'Oro e família para a Vila Prudente, em São Paulo, em 27 de maio de 1882, vendendo seu patrimônio no Núcleo Colonial para Giovanni De Nardi. É importante notar que Beneticto não conheceu Joanna na convivência no Núcleo Colonial São Caetano, embora dele ambos sejam oriundos. Casaram-se em 13 de abril de 1907. Luís Antônio foi o primeiro filho do casal, mas este faleceu criança e o seguinte chamou-se igualmente Luís Antônio, isso em 1911. Francisco chegou em 1912; Adelina em 1914; a carinhosa Helena, que muito se assemelhava fisicamente com sua tia, minha bisavó Antonieta, era de 1916; Rosina, que é de 1919, compartilha do sofrimento de Nosso Senhor Jesus Cristo por meio da enfermidade conhecida como Mal de Alzheimer; Benedicto era de 1921; Lilia Catarina é de 1923; e Sérgio, já falecido, era de 1926.



Lilia, Rosina e Adelina: pater-netas de Antonio Daffrè, mater-netas de Gaetano Garbelotto e mater-mater-bisnetas de Francesco Bortolini, respectivamente

Uma visita a Capella Maggiore 125 anos depois

Em julho de 2002, estávamos eu e minha mulher Danúsia Cristina em Cappella Maggiore, no Veneto.

Era um domingo. Havia um sol magnífico. Fomos à missa e, em seguida,



Visita à Cappella Maggiore, em 2002



Cemitério de Cappella Maggiore, em 2002. Braido, Dal Cin, Furlan, e tantos outros

ao cemitério. No campo santo, ficamos impressionados com a coincidência entre os sobrenomes das famílias de lá com os das famílias tradicionais de São Caetano.

Cappella Maggiore surpreende e impressiona seus visitantes. Uma cidadela. *Un paese* aos pés dos altivos Alpes Dolomitas. Tem parreirais formidáveis, ruas bem pavimentadas e limpíssimas, muita tranquilidade e harmonia na praça da matriz, dedicada à Santa Maria Madalena, e nenhuma poluição visual. Eu já havia conversado com o responsável pelo arquivo paroquial de Santa Madalena, *signor* Giuseppe Salvador, que gentilmente forneceu-me cópia do registro do batizado de Gaetano. Por meio dele obtive dados preciosos de minha própria genealogia, chegando ao conhecimento dos nomes de sete gerações passadas do ramo da família Garbelotto.

Cappella Maggiore, *comune* (município) pertencente à província de Treviso, não representava para Gaetano um lugar qualquer, onde simplesmente habitava e que posteriormente emigrou. Esse Veneto era sua terra natal e, em Cappella, nascera às 9 horas do dia 8 de novembro (*Nov?* como está grafado no dialeto Vêneto) de 1852. Foi batizado no mesmo dia de seu nascimento, conforme os documentos paroquiais. Seus pais, Gaetano Garbelotto e Antônia Giust, casaram-se também na mesma Parocchia di Santa Maria Maddalena, isso no dia 23 de novembro de 1836. E, por força dos desígnios de Deus, no mesmo dia e mês do casamento dos meus pais Roberto e Dolores. No entanto, estes em 1968, enquanto aqueles 132 anos antes. Seu pater-avô foi Bortolo Garbelotto, enquanto seu mater-avô Francesco Giust. Gaetano nasceu quinze anos após o casamento de seus pais. Pressupõe-se que tenha sido um dos filhos mais novos do



Festa de casamento de meus pais Roberto Belmonte e Dolores Amador Belmonte, em 23 de novembro de 1968, ao lado do meu pater-avô Orlando Belmonte e pater-avó Odília Miari Belmonte. Exatamente 132 anos após o casamento dos bisavós-mater-paternos Gaetano Garbelotto (pai) com Antonia Giust

casal. Talvez, por ter nascido em um tempo do qual a família estivesse melhor estruturada tenha conseguido receber uma instrução um tanto mais ampliada, tornando-se perito em contabilidade.

Gaetano, seus pais e seus lotes coloniais

O professor Kazumi Munakata escreveu que uma das causas mais relevantes para justificar o fenômeno da imigração fora o esgotamento de um padrão de acúmulo de capital sofrido pela Europa.

Sabemos também que a data de 1877 antecede, em poucos anos, o fim da escravidão no Brasil e, por essa época, o país já tinha escassez de mão-de-obra.

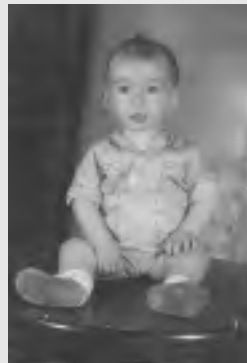
Uma filha, um neto, um bisneto e um trisneto. Um ramo Belmonte de Garbelotto

No entanto, consta, segundo Giordano Vincenzi, que os imigrantes fundadores do Núcleo Colonial São Caetano foram trasladados da Itália para o Brasil pelo Bastimento Europa e que partiram civilmente, sem compromisso de contrato de intérpretes e desembaraços. No entanto, a expectativa dele era ter ido para Santa Catarina, onde já se encontravam outros parentes. Mas o destino desses vênets foi à antiga fazenda São Caetano dos monges beneditinos de São Paulo, transformada, poucos meses antes pelo governo imperial, em núcleo colonial. Tal fazenda fora herdada por eles do Capitão Duarte Machado e de Fernão Dias Paes Leme pelos beneditinos em antiqüíssima data. Os colonos que se estabelecessem no núcleo poderiam comprar lotes de terrenos em terras coloniais.

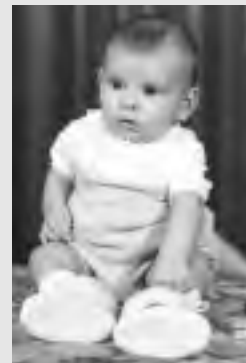
Esses lotes eram divididos em urbanos e rurais, cujas medidas variavam



Orlando Belmonte, em seu batizado, cujo padrinho foi José Paoloni, em 1922, e aos 70 anos



Roberto Belmonte, filho de Orlando Belmonte, com poucos meses, em 1945, e aos 60 anos



Roberto Belmonte Júnior, com poucos meses, em 1970, e aos 36 anos



entre 31.250 braças a 605.000 braças. Gaetano e o pai tornaram-se proprietários de vários lotes, tanto urbanos quanto rurais, porém venderam vários deles ainda nos primeiros tempos. Esses lotes se localizavam entre as atuais ruas Perrella e Rio Branco, seu prolongamento rua Maximiliano Lorenzini e a rua 28 de Julho. A residência da família de Gaetano Garbelotto foi estabelecida no lote 22 que triangulava as atuais ruas Maximiliano José Lorenzini (antiga Rio Branco) e 28 de Julho. Meu avô, Orlando Belmonte, nasceu nessa propriedade em 8 de outubro de 1921.

O lote 81 também pertencia a Garbelotto. Contanto, este ficava fora do então Núcleo Colonial. Esse lote localizava-se aonde viria ser a atual Vila Paula, no perímetro da rua Luiz Louzã,

Reprodução/Roberto Belmonte Júnior



Título de Propriedade de Colono, datado de 29 de Janeiro de 1891

avenida Vital Brasil Filho e seu prolongamento imaginário até a rua Gonzaga, fazendo limite leste com o Córrego do Moinho, isto é, a avenida Presidente Kennedy. Esse terreno era considerado vizinho da antiga Vila Ressaca (Vila Barcelona com Bairro Olímpico) no qual o Grupo Votorantin adquiriu vários lotes no primeiro quartel do século XX. Garbelotto vendeu o lote 81 em 26 de fevereiro de 1891 para Giovanni Lorenzon.

Gaetano, um homem a serviço de sua sociedade

Gaetano Garbelotto é um personagem sempre presente nos primeiros anais de São Caetano, principalmente nos assuntos ligados à educação, religião e assistência social, o que, aliás, nesse tempo e espaço não se fazia uma distinção clara entre essas áreas.

Em 8 de maio de 1879 seu nome aparece na imprensa paulistana: *Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo de São Paulo, assina Provisão aprovando os artigos do Compromisso que cria a Irmandade de São Caetano, na capela do mesmo nome. São fundadores da Irmandade os colonos Celeste Pantalo, Gaetano Garbelotto, Francesco Coppini, Giuseppe Ferrari e Giovanni Peruch. Ficando de propriedade da Irmandade um caixão coletivo decente para trasladar os defuntos ao cemitério, em São Paulo.* Tal Irmandade foi criada devido uma necessidade emergente, pois, já neste ano, apenas dois após a fundação no Núcleo Colonial, o governo Imperial desvinculou-se dessa colônia e, por sua vez, não lhe prestava mais assistência.

Em 1898, Gaetano também se tornou protagonista no cenário da

criação de uma nova igreja para São Caetano, pois a antiga capela beneditina, ou mosteirinho como ainda era conhecido, já se encontrava em ruínas. Confira as palavras que constam do termo encontrado no Arquivo da Cúria da Arquidiocese de São Paulo: (21 de outubro de 1898 – exatamente 108 antes da escritura do texto que ora escrevo). *Gaetano Garbelotto, juntamente com Luigi Fiorot, Carmine Perrela, Carmine Barile e Celeste De Nardi compõe a comissão de moradores solicitada pelo Cônego José Maria Homem de Melo, vigário da Paróquia Bom Jesus do Brás e cônego-vigário capitular para a edificação de uma nova igreja.* Consta, a tradição oral, narrada pelo meu avô, Orlando Belmonte, que Gaetano assumiu também a responsabilidade por presidir Ofícios Religiosos (rezas) na ausência do sacerdote, tornando-se também sacristão na nova igreja, atual Paróquia São Caetano, conhecida como Matriz Velha. Na década de 80 do século XIX, a sacristia da antiga igreja já funcionava como sala de aula e era professor público titular Joaquim Ferreira Alambert, mas Gaetano também lecionava informalmente aos meninos.

Concomitantemente realizava, na sacristia, seus outros trabalhos de escrituração para o pessoal da colônia. Como responsável pelas dependências da igreja, utilizava esse espaço também para fins educacionais antes mesmo da nomeação do professor Joaquim para a cadeira. E, em 14 de julho de 1883, Gaetano, juntamente com o seu pai, também nominado Gaetano e outros colonos, encaminhou ao governo um abaixo-assinado solicitando a construção de um espaço mais adequado para as aulas.

Na área assistencial, encontra-se

com fatura o nome e a assinatura de Gaetano Garbelotto. Ele figura, principalmente, nas páginas dos livros da Sociedade Beneficente Príncipe de Napoli. Em um certo domingo de 1892 os estatutos de uma sociedade beneficente de Jundiaí foram lidos como modelo para a criação da sociedade Príncipe de Napoli. Garbelotto presidiu a reza que antecedeu a leitura, pois não houve missa devido a ausência de sacerdote naquele domingo. No domingo posterior, em reunião na casa de Carmine Barile, Gaetano foi convidado para ocupar a função de conselheiro na 1ª Diretoria dessa nova sociedade assistencial. Em 1892, seu nome aparece como sócio-fundador e, em 1895, Garbelotto foi seu vice-presidente.

Fotos: Acervo/Roberto Belmonte Júnior



Roberto recebe de Lilia Daffrè sua árvore genealógica confeccionada artisticamente por Selma Daffrè

Gaetano, doador de si mesmo

Gaetano permaneceu firme em São Caetano, fincando raízes e dando excelentes frutos por meio de gerações. Hoje sua descendência é muito numerosa e, como podemos notar, cheias de bons rebentos.

Catherine Bortolini faleceu após Gaetano, mas infelizmente fora do contexto familiar, em um manicômio.

Bastante idosa e doente, encontrava-se debilitada emocionalmente. Conta a tradição familiar que costumava permanecer várias horas do dia junto às porteiros entre o atual Centro da cidade e o bairro Fundação.

Ancião na segunda década no século XX, Gaetano ainda corrigia lições de seus alunos e escriturava horas a fio a luz de lampião no período da noite. Por conta disso, encontrava-se quase cego quando morreu. Dr. Rubbo atestou que Gaetano Garbelotto faleceu de cancro no estômago no dia 6 de novembro de 1920. No registro civil de seu óbito consta que ele estava com 70 anos de idade, mas, por meio dos registros de nascimento, verifica-se que Gaetano faleceu na antevéspera do seu aniversário de 68 anos. O sepultamento ocorreu no Cemitério da Vila Paula, como é conhecido. Seu corpo foi depositado na campa dos Asêncios, que pertencia a família de sua filha Maria. Porém, na

placa tumular, algumas incoerências entre os registros encontrados. A data de 20 de julho de 1851 é posta na tumba como a de seu natalício, mas os documentos remetidos de Cappella Maggiore expressam 8 de novembro de 1852 como nascimento.

Já a data de 4 de novembro de 1920 gravada na lápide como sendo a do seu falecimento está bem próxima da encontrada na Certidão de Óbito que é de



A rua Antonieta é a continuação da rua Gaetano Garbelotto



6 de novembro do mesmo ano. Como fundador, Gaetano Garbelotto recebeu justa homenagem da municipalidade: seu nome foi dado a uma determinada rua na Vila Gerty.

Interessante notar que o prolongamento da rua Caetano Garbelotto é a rua Antonieta, nome de sua filha, dando a impressão de estar simbolizando



A rua Francesco Bortolini, sogro de Gaetano, também se encontra na Vila Gerty



Certidão de Óbito de Gaetano Garbelotto

uma continuidade hereditária.

Também o fundador Francesco Bortolini, seu sogro e meu tataravô, tem uma rua no mesmo bairro em sua homenagem. A grafia do seu nome encontra-se em uma das placas grafada corretamente, no entanto, em outra se lê erroneamente Francisco Bertolini.

Na confluência
entre a avenida
Kennedy e a
rua Votorantin,
no bairro
Barcelona,
está a rua
Antonio Dafre



**Garbelotto, Daffrè,
Belmonte, Bortolini**

O avô paterno da prima Lilia, o fundador Antônio Daffrè, foi



Lilia Catarina,
Rosina e Adelina
em frente à casa
dos pais
Benedicto Daffrè
e Joana
Garbelotto, na
rua Thabor, no
Ipiranga

homenageado com uma rua na Vila Barcelona, próximo a avenida Presidente Kennedy.

A prima Lilia costuma reunir, anualmente, a família para celebrar sua memória. São mais de 120 membros que participam de um enorme banquete em sua casa na rua Thabor.

Fotos: Acervo/Roberto Belmonte Júnior



Lilia afirma: 'Não há parentes preferidos, tenho um carinho diferente para cada um, amo a todos'

Lilia Catharina tem um carinho particular para oferecer a cada um de seus familiares. E nesse *cum pan is*, certamente com raízes trazidas da tradição dos romanos, a memória da família emerge, resistindo ao tempo e se renovando ano a ano.

(*) Roberto Belmonte Júnior, pedagogo e pesquisador em Educação. Trisneto de Gaetano Garbelotto

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- DAL'MAS, Ítalo. *Da Colonização a Imigração no Brasil*. São Paulo. Editora Hamburg Ltda.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5ª Ed. São Paulo. EDUSP, 1997.
- FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. *Herdeiros da Fundação*. São Paulo. Editora Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.
- GARCIA, Carla Cristina. *As Outras Vozes*. São Paulo. Editora Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.
- LODUCA, Wilson. *São Caetano de Várzeas Alagadiças a "Príncipe dos Municípios"*. São Paulo. Editora Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1990.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. São Paulo. Editora Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização*. São Paulo. Editora Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.
- MIMESE, Eliana. *A Educação e os Imigrantes Italianos da Escola*. São Paulo. Editora Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul, 2001.

Primavera 2006 em Vittorio Veneto, na Itália

Acervo/Celso de Almeida Cini



A aprazível localidade de San Lorenzo di Montagna, em Vittorio Veneto, em Treviso, na Itália

Nos meses de março e abril de 2006, estive no norte da Itália, em viagem particular, pelo navio Costa Vittoria. A embarcação chegou ao porto de Savona, em Gênova, no dia 21 de março.

Com um veículo locado em Milão, a viagem teve seqüência para a região de Veneto, chegando no despertar da

primavera. Uma das cidades visitadas foi a *comuna* (município) de Vittorio Veneto, na qual, em San Lorenzo di Montagna, um sítio ecológico, residem famílias de nome Fattorel e Piccin, primos irmãos ou parentes próximos de Maria de Lourdes Casagrande Cini, Waldemar Casagrande e Joana Casagrande, todos presentes nessa viagem. A primeira, minha mulher, e os outros meus cunhado e prima. Aliás, foi Waldemar Casagrande que, há alguns

anos, em viagens sucessivas, localizou toda a parentela dos Casagrande e escreveu a obra *A Saga da Família Casagrande, de Vittorio Vêneto para o Brasil, no período de 1891 a 2001*.

Localização geográfica

A Itália compõe-se de 20 regiões, sendo que uma delas é Vêneto. Treviso é uma das sete províncias que compõem o poder político administrativo dessa região e faz fronteira com suas co-irmãs Padova, Vicenza, Belluno e Venezia (capital da região de Vêneto). Treviso é a capital da localidade, tendo o mesmo nome da província da qual faz parte.

O território vittoriese, por sua vez, situado no famoso *prealpi Trevigiane*, é parte da província de Treviso e compõe-se de 11 *comunas* independentes, das quais a cidade de Vittorio Veneto, coração da província, representa um centro natural de atração, graças a aspectos históricos e a uma privilegiada situação geográfica. Esse território é considerado uma

microrregião, com afinidades sócio culturais há muitos séculos. Compõe-se de Miane, Follina, Cison di Valmarino, Tarzo, Revine Lago, Fregona, Sarmede, Cappella Maggiore, Cordignano, Colle Umberto e Vittorio Veneto, que são as 11 *comunas*.

Localizadas horizontalmente ao longo de uma região belíssima, ao pé dos Alpes, no norte da península itálica, cuja paisagem prenuncia o Alto Adige, a região dos Dolomiti, onde pontificam, além de outras importantes localidades, Cortina D'Ampezzo, Santa Cristina, Marmolada, Misurina, Lavaredo e Val Gardena Groden, se fala italiano, alemão alpino e o dialeto ladino, uma mistura das duas línguas anteriores e de resquícios de latim. Um lugar fascinante e uma comunidade admirável que elabora e comercializa miniaturas em madeira. São, provavelmente, herdeiros do povo cimbro que ali habitava e vivia de tudo o que os Alpes ofereciam. Nossa visita aos locais foi realmente um encanto, embora de visão paulistana pela rapidez.

A Igreja de San Lorenzo com a casa paroquial (canônica) do padre G. Ferrighetto



De outro lado, retornando à região vittoriese, é importante lembrar de Conegliano, localizada ao sul de Vittorio Veneto. Nesse *distretto* se inclui a afamada Valdobbiadene, comunidade central de produção do famoso vinho prosecco, inclusive do refinado Prosecco Cartizze - Prosecco Doc Conegliano Valdobbiadene e Cartizze. Trata-se de um espumante natural, que degustamos depois de visitar a 11ª Feira Primavera do Prosecco, em Santo Stefano. Lá tivemos a companhia da culta e simpática professora e *enóloga*, e também prima dos Casagrande, Franca Fattorel Anzanello, que já nos havia acolhido como distinta anfitriã em casa *della sua mama*", Vittoria Fattorel. A professora Franca também nos propiciou, nessa mesma ocasião, a visita a uma cantina coneglianese, em expansão, que nos presenteou com uma garrafa do prosecco que produzem, de especial qualidade.

Enfim, essa é uma encantadora região ecológica, semeada de verdes vales e colinas, pontilhada de vinhedos e banhada, em suas proximidades, pelas águas límpidas dos históricos rios Meschio e Soligo, o que explica o surgimento local de uma civilização com vocação agrícola e pastoril, que é sua característica mais marcante. Foi desse território, com esse cenário gentil e agradável e de gente laboriosa, que saíram os imigrantes italianos pioneiros para viver, trabalhar e prosperar no Núcleo Colonial de São Caetano, em julho de 1877.

Destino semelhante tiveram os descendentes dos Casagrande, desde San Lorenzo di Montagna, em Vittorio Veneto, e dos Barbaresco, desde Chiaranno, região não vittoriese, mas parte da província de Treviso, sendo que ambas as famílias, entretanto, emigraram por conta própria e, chegados ao Brasil,





Em Vittorio Veneto, a placa alusiva ao gemelagio com São Caetano do Sul

encaminharam-se para o interior de São Paulo, em épocas diversas.

Foi, aliás, graças a esses intrépidos colonos e seus descendentes que, com seu empenho, denodo, força laboriosa, coragem e espírito de luta, moveram São Caetano e outras cidades do Grande ABC (como Santo André e São Bernardo) a sair de sua idade antiga do tempo dos monges beneditinos e ganhar foros de grandes cidades paulistas e brasileiras. E, no caso de São Caetano, o município conseguiu mesmo destacar-se como referência mundial em muitos índices de qualidade de vida.

Vittorio Veneto, cidade gêmea de São Caetano do Sul

Por feliz coincidência, ou em razão mesmo dos destaques apontados, Vittorio Veneto é uma das cidades irmãs, gêmea de São Caetano do Sul. Aliás, lembrando o evento, registre-se ainda uma vez que esse gemelagio foi oficializado há 22 anos, pelo então prefeito Hermógenes Walter Braidó, mercê do decreto 5.313, de 27 de março de 1984, com solenidade realizada no plenário da Câmara Municipal de São Caetano do Sul, em 10 de maio de 1984. O então *sindaco* (prefeito) de Vittorio Veneto, o advogado Franco Concas, esteve presente no evento e apresentou uma proposta do professor

Aldo Toffoli, de 5 de março de 1984, na qual falava que *stabilire un rapporto di gemellagio al fine di stabilire legami di conoscenza fra le due popolazioni e per avviari scambi culturali nel campo turistico, ricreativo ed econômico*”, (assinar um documento de geminação, com o fim de estabelecer laços de conhecimento entre as duas populações, e para permitir e encaminhar intercâmbios culturais no campo turístico, recreativo e econômico). Selou essa proposta a doação simbólica *di una piccola campana di una fonderia di Vittorio Veneto* (de um pequeno sino feito em uma fundição de Vittorio Veneto) para a Matriz (velha) de São Caetano.

Por seu turno, o Conselho Comunal de Vittorio Veneto aprovou proposta do professor Aldo Toffoli, em 11 de abril de 1984. Finalmente, o ato solene do gemelagio teve lugar, como dissemos, na Câmara Municipal de São Caetano do Sul, no dia 10 de maio de 1984, sob a presidência do vereador Sylvio Pellico Elme, com a presença de diversas autoridades, entre as quais o agente consular italiano em São Caetano, Giuseppe Casù, prefeitos do Grande ABC, o prefeito Franco Concas, de Vittorio Veneto e os conselheiros Giuseppe Bevilacqua e Francesca Meneghin.

Depois disso, uma delegação de São Caetano esteve em Vittorio Veneto em 28 de setembro de 1989, quando era sindaco de Vittorio Veneto, Mario Botteon. Mais tarde, em 2 de setembro de 1990, o então prefeito Luiz Olinto Tortorello, acompanhado do presidente da Câmara, Antonio Dall’Anese, liderou uma visita oficial à terra vitoriese, cujo encontro se encerrou com um jantar de gala oferecido pela Associação dos Emigrantes Vitoriezes, na residência do vice-presidente, Lello Casagrande,

ainda ao tempo em que Mário Botteon era o prefeito local. A comunidade de Vittorio Veneto retribuiu, mais tarde, a visita brasileira.

As visitas de 2006

Durante nossa estada, naturalmente não oficial, em Vittorio Veneto, conhecemos importantes figuras da política, do clero e da comunidade local, algumas das quais ligadas à instituição do gemelagio com São Caetano do Sul. No fim de março, sabendo que éramos integrantes de uma área de cultura e memória da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, os interessados convidaram-nos para uma reunião com a presença de pessoas ilustres da cidade, como Mario Boteon e o professor Aldo Toffoli, ambos ex-prefeitos de Vittorio Veneto, o comendador Giuseppe Bevilacqua, ex-vereador local, o pároco de San Lorenzo di Montagna, Dom Giacomo Ferrighetto e Dino Marcon, além da presença do memorialista Waldemar Casagrande. Todos estávamos muito interessados na revitalização do gemelagio, objeto também da reunião realizada na Casa Paroquial de Dom Giacomo Ferrighetto, pároco da Igreja de San Lorenzo desde janeiro de 1974.

Meses depois, em 21 de junho de 2006, recebemos em São Caetano do Sul, na Fundação Pró-Memória, a visita de Dino Marcon, diretor da Associação Coneglianese dos Emigrantes Vênéticos para a América do Sul, representando o mesmo grupo *vittoriese*. Nessa ocasião, reuniram-se, sob a coordenação da ex-presidente da Fundação, Sônia Maria Franco Xavier, Oscar Garbelotto, o ex-prefeito Antonio Dall'Anese e Waldemar Casagrande e Celso de Almeida Cini, que em Vittorio Veneto haviam participado da reunião, em março.



O senhor Dino foi portador de uma mensagem daquele grupo e em especial do advogado Franco Concas (o prefeito italiano do gemelagio, em 1984) sobre a intenção do Conselho Comunal de Vittorio Veneto revitalizar o gemelagio, buscando uma reaproximação mais estreita entre as duas cidades. Nessa ocasião, a comitiva visitou a Matriz (velha) de São Caetano, no bairro Fundação, e o Gabinete do atual prefeito, José Auricchio Júnior. O atual presidente da Fundação Pró-Memória, na época chefe de Gabinete, Adauto Cleto Campanella, também esteve presente na visita.

Durante a conversa, o prefeito Auricchio confirmou a Dino Marcon o interesse, como primeiro mandatário do município, de reavivar o gemelagio com Vittorio Veneto, incrementando o intercâmbio previsto no documento assinado em maio de 1984.

Em 16 de outubro de 2006, o mesmo Dino Marcon informou à Fundação Pró-Memória por e-mail que, três dias antes, no dia 13 de outubro, na sala de reuniões da Igreja de Santo André, em Vittorio Veneto, em assembléia própria, foi fundada e constituída a associação Amici de São Caetano do Sul e que, oportunamente, os sócios fundadores se reunirão novamente para aprovar todos os encargos conseqüentes ao ato de constituição (estatuto) da nova entidade.

Reunião, em março de 2006, em Vittorio Veneto, em Ceneda. Da esquerda para a direita: Aldo Toffoli e Mário Botteon, ex-prefeitos de Vittorio Veneto, Waldemar Casagrande, Dom Giacomo Ferrighetto, Celso Cini e comendador Giuseppe Bevilacqua



Fotos: Acervo/Celso de Almeida Cini

Na entrada da Feira de Santo Stefano, a professora Franca Fattorel Anzanello ladeada por Ádenes, Lourdes e Joana, suas primas do Brasil

O Castelo de San Martino

Enquanto permanecemos na hospitaleira Vittorio Veneto, tivemos a oportunidade de conhecer e visitar, com Waldemar Casagrande, o famoso Castelo de São Martino, importante marco histórico de Ceneda, que é parte de Vittorio Veneto, construído no final do século V pelos longobardos sobre a Roca de San Elia, tendo ao fundo o Monte Pizzoch. Nosso guia improvisado foi a figura simpática do religioso Dom Battista Barbaresco.

O Castelo de São Martino serve hoje como residência episcopal. É uma construção antiga, restaurada no século XV. De notável beleza arquitetônica, bem conservado e com um interior suntuoso e de inestimável valor histórico, possui uma privilegiada *bellosguardo* (vista), donde se vê a *comuna* de Colle Umberto e outras de Vittorio Veneto. Pela pureza de sua linha arquitetônica, esse monumento é considerado pelos cidadãos vitoriezes como a mais bela porta de entrada para a cidade.

Santa Augusta

Por outro lado, tivemos igualmente

oportunidade de visitar Serravalle (a outra cidade antiga que, com Ceneda, forma Vittorio Veneto) em companhia de Waldemar Casagrande e do nosso querido amigo, anfitrião e guia, Giuliano Fattorel (primo irmão da professora Franca Fattorel Anzanello), com quem fizemos a peregrinação, subindo o Monte Marc'Antonio até a *torreta*, onde estão restos das ruínas do castelo do rei Matrucco e, ao longo do caminho, foram construídas as sete capelas. No alto está o Santuário de Santa Augusta, no qual se guardam e se veneram relíquias da santa, padroeira local. Depois de conhecer pormenores da vida de Santa Augusta, de devoção bastante difundida entre o povo vitoriese, consideramos interessante divulgar, resumidamente, a história e as lendas que a envolvem, apoiando-nos em trabalho de Ivana Fattorel, filha de Fiorentina Fattorel, e neta de Domenica Augusta, mãe de Davide Fattorel, pai da autora, falecido em 1992.

Retrato de uma santa do século V

Santa Augusta é a padroeira de Serravalle. Sua história singular é comovente e lhe conquistou afeições e devoções para sempre. Augusta nasceu em um frio dia de outono, em outubro de um ano perdido no século V, (entre os anos 401 e 500 d.C.). Seu pai era o terrível Matrucco, rei bárbaro que, tendo lutado ao lado dos romanos, teria recebido a cidadania romana e vivia em Serravalle, cujo castelo se avistava no alto do monte Marc'Antonio.

Quando comunicaram ao truculento rei que sua mulher havia dado à luz a uma menina, ele se pôs a gritar imprecções, tão alto, que sua voz se ouvia em todos os cantos do castelo. Como sonhava com um filho homem, nem

quis ver a pobre criaturinha. Além disso, a mulher sofrera durante o parto de Augusta e, ao ouvir os gritos do marido, chorou amargamente por haver frustrado os sonhos do rei.

Acometida de provável hemorragia, mesmo socorrida pelas mulheres que a assistiram, a mãe de Augusta foi sentindo um frio intenso e não reagiu aos cuidados que lhe foram dispensados, entregando-se à morte que a surpreendeu nesse período, de modo implacável.

O afeto do rei

Com o passar do tempo, porém, enquanto Augusta crescia, o rei viu despontar na cabecinha da filha uma curtíssima cabeleira cor de cobre. Ao perceber, o pai desnaturado passou a olhá-la com outros olhos. Afinal, ela era sangue do seu sangue, carne da sua carne e, no fim de contas, seus cabelinhos ruivos não eram, então, da mesma cor de sua barba? A mesma barba que a infante Augusta lhe puxava com as mãozinhas gorduchas quando o pai estava próximo.

Assim, pouco a pouco, aquele coração duro começou a ceder e, quando ninguém os observava, o rei fazia cócegas na barriga da filha e ambos riam de gosto.

Mais tarde, com Augusta já crescida, Matrucco levava-a em sua montaria quando cavalgava. E a menina montava com um vulto garboso e uma postura real que enternecia o truculento rei. Então, o pai, orgulhoso, fazia com que seus homens notassem a elegância da pequena amazona.

Uma tarde, Matrucco havia posto em sua cabeça uma preciosa coroa de pérolas e, depois de admirá-la, demoradamente, olhando-a nos olhos, disse convicto: “Um dia hás de ser uma



esplêndida rainha!”

Muito solitária, entretanto, Augusta crescia e se tornava uma garota fechada, provocante e vingativa. Passava seu tempo livre junto dos animais, imaginando sempre os maus tratos que poderia infligir-lhes. Sentia prazer em atormentar até os insetos. Os gafanhotos, por exemplo, tirava-lhes uma das pernas e ria ao ver sua dificuldade para manter-se de pé. Depois, exibia vitoriosa as maldades aos olhos do pai, que a aprovava sempre.

Augusta não poupava sequer o gato de estimação da casa, Persino, amarrando-lhe no rabo pedaços de metal para vê-lo debater-se. O animal esperneava inutilmente para livrar-se do incômodo acréscimo e arranhava a tudo e a todos que o cercavam.

Os únicos animais que respeitava eram os cavalos. Os equinos a miravam com um olhar penetrante que, para ela, era como ter a alma desnuda. Naquele olhar parecia-lhe ver a muda reprovação de suas maldades, que lhe provocava um sentimento de culpa. Judiava também de filhotes de pássaros que ainda permaneciam no ninho. Augusta subia nas árvores e os pegava, entregando-os à gula dos gatos.

Outra vítima de Augusta foi a galinha de estimação da comadre Geltrude. Era época da Páscoa, período em que as galinhas se põem a chocar. Ouvira dizer

Mapa da estrada na qual se localizam os vinhedos de prosecco, a partir de Valdobbiadene



Fotos: Acervo/Celso de Almeida Cini

No centro de Serravalle, a Piazza Flamínio Marc'Antonio

que as galinhas eram aves altruístas, porque chocavam ovos alheios e quando nasciam os pintinhos cuidavam carinhosamente deles como se fossem seus.

Augusta, por ciúmes, deu de implicar com a pobre ave, maquinando judiações e desfeitas. Subtraiu-lhe grande parte dos ovos do ninho. No dia seguinte, retornou com os ovos para continuar a maldade. A ruiva pobrezinha, ignorando que eram ovos cozidos, ainda levantou as asas olhando Augusta com olhos reconhecidos de mãe. E a galinha continuou, dia a dia, a chocar os ovos enquanto Augusta ironizava dizendo-lhe 'trabalha, trabalha, estúpida, cretina'.

Assim, naquele ano, de toda aquela ninhada, nasceu somente um pintinho que se guardava sob as penas da ave mãe, enquanto ambas, patroa e protegida, de nada suspeitavam.

Tio Herald

E assim era a jovem, que parecia

ter saído ao pai com tudo, até com o busto do *tio Herald*, um parente de Matrucco, morto em batalha, a quem o rei admirava muito. A jovem punha colares e brincos na peça, o que deixava o pai furioso, enquanto seus hóspedes riam das brincadeiras. E Augusta lhe dizia: 'Ora, querido papai, estou cansada de limpar e lustrar a cabeça desse horrível tio Herald', enquanto o pai fervia de raiva.

Em outra ocasião, o rei Matrucco levou Augusta para uma sala muito grande do castelo e, removendo uma parede, com o girar da cabeça de um aríete, fez surgir um esconderijo secreto, no qual guardava toda sorte de peças de ouro, prata e objetos de grande valor. Era um grande tesouro, cujas caixas o pai abria com a lâmina da espada enquanto Augusta, boquiaberta, ouvia o pai dizer-lhe: 'Augusta, este tesouro, um dia será teu!'. Mas ela pouco se importava com heranças e bens materiais. Não tinha o mesmo apego material que o pai demonstrava e desdenhava aquela avareza.

O poço

Junto a um poço, um dia, pôs-se ela a furar o fundo do balde de madeira usado pelas mulheres para tirar água. Chegando uma jovem muito frágil, tentou trazer água, mas ficou frustrada ao ver que o balde subia vazio. Augusta espiava de longe, rindo muito com a desdita da jovem.

Pouco depois, chegou outra mulher, forte e rija, que logo entendeu o problema. Correu em casa e substituiu o recipiente inútil, resolvendo a dificuldade. Agradecida, a primeira jovem sorriu. Augusta, deprimida, sentia-se mal ao descobrir, por vias tortas, quanto era importante a solidariedade entre as pessoas. Estas coisas iam enriquecendo sua cabecinha ainda sem

rumo. Por não aprender no amor, haveria de aprender na dor.

Passados os anos, Augusta tornara-se uma jovem vistosa que adorava passear. Certo dia, cantarolando descia do Monte Marc'Antonio para uma caminhada até Serravalle. Seu rosto, pontilhado de sardas, era como um céu polvilhado de estrelas. Vestida com roupas escuras, finamente adornadas com jóias e fechos dourados, ia a passos ligeiros, parecendo estar suspensa entre o céu e a terra.

Ao chegar em Serravalle, misturou-se ao povo, andando sem rumo certo, para cá e para lá. Era uma Sexta-feira da Paixão, da qual ela nada sabia. Em meio ao movimento, observou que um grupo de pessoas se dirigia, com passo furtivo, a uma certa casa. Curiosa, seguiu o grupo, puxando o capucho da roupa sobre a cabeça para não ser reconhecida. Entrou com eles em uma casa discreta que os cristãos haviam transformado em igreja. No chão, jazia a imagem de Cristo preso à cruz. Em torno dele ardiavam velas que tornavam a pele da imagem ainda mais pálida, com aquela visão de morte. Todos se inclinavam para beijá-la. Uns beijavam os pés, outros as costas e outros ainda as mãos de Cristo sob o olhar curioso de Augusta.

Depois de muito tempo, cansada, Augusta teria saído, voluntariamente, se não tivesse começado a chover forte, mostrando o tempo um céu tão carrancudo que parecia tombar sobre suas cabeças. De repente, a casa foi invadida por uma lufada de vento forte, levando consigo o fogo que luzia nas velas. O local permaneceu, por alguns momentos, em completa escuridão. Em seguida, não se sabe como, o fogo retornou a um só tempo, reacendendo-se todas as velas com luz mais reluzente ainda do que antes. Augusta, presenciando o fato, ficou perplexa. Interrogava-se como fora

Il Castello di San Martino Vittorio Veneto



possível acontecer aquilo e qual seria o seu significado?

À distância, uma velhinha a observava, havia algum tempo. E como continuou olhando-a fixamente, Augusta a interrogou: 'Por quê me olhas desse modo? Não sabes, por acaso, quem sou eu?' A velhinha respondeu: 'Sim, te conheço. Tu és a filha do rei Matrucco.' Augusta perguntou novamente: 'E não tens medo de mim?' A velhinha respondeu: 'Oh, não. Porque em teus olhos estou vendo o Senhor'. Augusta, assaltada por grande surpresa, não gostou e retrucou: 'Tu deves mesmo ser louca, uma velha louca de verdade para dizer-me tais coisas'. E, aturdida, saiu rapidamente para respirar.

Uma vez fora da casa-igreja, Augusta foi olhar-se no espelho d'água da fonte. Aquela observação a incomodara. E não viu nenhuma imagem de Cristo em seus próprios olhos. Depois, como para remover de vez aquela dúvida, pôs-se a movimentar a água da fonte com as mãos. Deus, porém, estava se aproximando dela. O chamamento divino, por vezes, é como um rio na cheia que desce da montanha

*O magnífico
Castello di San
Martino,
circundado pelo
Arco Card. Della
Torre, em Ceneda,
comuna de Vittorio
Veneto*



Fotos: Acervo/Celso de Almeida Cini

*O Monte
Marc'Antonio
com suas sete
capelas, lembrando
o martírio de
Santa Augusta*

rompendo tudo e, na sua desabalada carreira, leva de roldão quaisquer resistências ou obstáculos que se lhe interpõem. Assim, de repente, por meio de uma névoa rarefeita que apareceu à sua frente, de imprevisto, Augusta tomou consciência de todas as culpas de seu pai: das pessoas que ele havia torturado, dos infelizes que mandara matar, dos que roubara e dos que abandonara famintos. E, também, ficou ciente de suas próprias culpas. Perturbada, Augusta caiu de joelhos. Levou as mãos à cabeça e exclamou: 'Oh! Meu Deus, que coisa te fizemos nós?' Porém, pensava, aquele Matrucco cruel, no fim de contas, era seu pai. Augusta, então, rogou ao Senhor para salvar-lhe a alma e ela, em troca, O agradecerá com muitas obras benevolentes.

A velhinha que conhecera na igreja chamava-se Clélia, de quem Augusta tornou-se amiga íntima. Em seus contatos, Clélia lhe falava do Senhor e Augusta a ouvia arrebatada. Por vezes, ela se perguntava, no íntimo: 'Quem és tu, insignificante mulher, analfabeta, que me fala do Cristo como se fosse o maior dos pregadores?' E a anciã lhe repetia somente: 'Foi o Senhor que te encaminhou para mim. Para mim!'

Augusta pediu e foi batizada. Como prometera a Deus, passou a freqüentar os cristãos e a fazer o bem. Levava pão para os pobres; visitava e cuidava dos doentes. A fé e as boas ações

lhe havia, por outro lado, escancarado as portas e janelas da compreensão. Suas recordações retornavam sempre àquela Sexta-feira Santa e ao fato inexplicável das velas que se apagaram com o vento, acendendo-se sozinhas depois, sem qualquer interferência. Sim, agora ela compreendia e sua mente estava em posição de dar uma resposta a si própria: 'a humanidade, com a morte de Cristo, fora arremessada nas trevas. Porém, com sua ressurreição, Cristo havia reacendido em nós a luz da salvação'.

Rei furioso

Entretanto, bem depressa o rei Matrucco soube que sua filha freqüentava as reuniões cristãs. Mandou chamá-la. Seus olhos estavam rubros de ira, as veias do pescoço engrossadas e as mãos trêmulas. Apontando-lhe o indicador em riste disse-lhe com severidade: 'Como é que tu, minha própria filha, me fazes tal desfeita! Meus homens afirmam que tenho uma filha cristã e riem de mim! Cuidado, Augusta, porque tu não sabes do que essa gente é capaz!'

E, daí por diante, o rei tratou de encarregar alguém para espioná-la às escondidas. Colocou no seu encalço um homem de confiança que deveria informá-lo de tudo o que Augusta fazia em suas andanças. Assim, no primeiro dia em que Augusta desceu para Serravalle, depois da decisão do pai, ela percebeu, de repente, que estava sendo seguida. Enquanto caminhava, pensava em um modo de livrar-se daquele incômodo imbecil a quem havia apelidado mameluco.

Chegando ao vale, entrou por uma passagem longa e escura que levava a um pátio. Augusta se pôs a correr muito e, saindo de lá, escondeu-se atrás de uma parede. Em seguida, tirou as sandálias,

deixando-as no meio do pátio. Ao chegar o mameluco, já não havia nem sinal dela. O perseguidor olhava em volta com ar interrogativo. Quando se deu conta das sandálias, abaixou-se para observá-las melhor e pensou: ‘Sim, as sandálias são de Augusta, mas e ela, onde estaria?’ Estava ainda inclinado, quando Augusta saiu de seu esconderijo e assentou-lhe um pontapé no traseiro, gritando: ‘Seu mameluco estúpido, fiel servidor de Matrucco, és mesmo um cretino e tens o cérebro de um mosquito!’

O milagre

Certo dia, ao descer para o vale, numa morna manhã de abril, Augusta trazia escondido na roupa aquele precioso pão que daria aos pobres. Estava concentrada em seus pensamentos, já quase na metade do caminho, quando ouviu o galopar de cavalos. Teve tempo apenas de voltar-se e ver Matrucco, seu pai, capitaneando vários homens, o que não lhe permitiu livrar-se do pão que trazia estreitado ao corpo. Alcançando-a, o pai a intimou que parasse e mostrasse o que trazia escondido sob as vestes. Augusta, nesse momento, suplicou ao Senhor que a salvasse, caso contrário estaria perdida. Fez-se, então, aquele momento imóvel de suspense. Estavam todos atentos. Os cavaleiros quietos sobre seus cavalos olhavam-na. Com aquele silêncio grave, o tempo parecia haver parado.

Augusta baixou a cabeça, fechou os olhos e começou a abrir a vestimenta e eis que uma braçada de rosas brancas caiu por terra, cobrindo-lhe os pés e inundando o ar de um perfume intenso que invadiu a toda aquela gente boquiaberta. Todos pensaram: ‘Mas, as rosas todas, donde vieram? Não eram, por acaso, prematuras



para a estação?’ E, insensível e impassível, o pai que também não compreendeu que ali ocorrera um milagre, passando ao lado de Augusta, prosseguiu seu caminho indiferente ao fato. Era a cegueira do descrente, pois até seus homens notaram algo de extraordinário, mas calaram-se.

Morte de Clélia

Clélia habitava um casebre, próximo da igreja cristã. Augusta soube que a anciã amiga estava gravemente enferma. Preparou-se e foi visitá-la, levando pão, que escondia sob a roupa. Logo assomou à casa de Clélia, encontrando a porta entreaberta. Parecia que era esperada. Entrou naquele humilde cômodo único, que servia de cozinha e dormitório.

Clélia jazia deitada em um catre, com aspecto de doente grave e os cabelos brancos esparsos. Pelos cantos superiores do cômodo, teias de aranha testemunhavam o abandono em que vivia. Augusta saudou-a com uma profunda reverência. Ofertou-lhe o pão, dizendo: ‘Veja senhora, o que eu lhe trouxe’. Clélia olhou-a com um débil sorriso. Augusta aproximou-se do leito para acariciá-la e vê-la melhor.

A cabeça da moribunda pendera

*Seguindo a pé de
San Lorenzo em
direção ao
Monte
Marc'Antonio e
Santa Augusta*



Fotos: Acervo/Celso de Almeida Cini

Estátua em homenagem à mártir Santa Augusta, em Serravalle

para o lado. Quando se deu conta, comoveu-se muito: Clélia, a pobre anciã, estava morta. Apenas esperava aquela visita benfazeja. Abaixou-lhe então as pálpebras e orou: 'Que o Senhor esteja contigo, Clélia'. Em seguida, pegou o crucifixo que havia em sua cabeceira, colocou-o sobre o peito da morta e o fechou com as mãos, encomendando o corpo.

A tristeza de Tonia

De outra feita, após descer para Serravalle, viu em seu passeio um aglomerado de gente, de onde partiam gritos de socorro. Gente que corria para um ponto onde o rio Meschio era mais profundo. E lá, no meio da água gélida, um homem lutava com todas as suas forças tentando salvar uma jovem que não desejava ser salva.

Augusta a reconheceu: era Tonia,

uma jovem que ela conhecia bem. Depois de muito esforço, o salvador conseguiu trazê-la para a margem, colocando-a a salvo na relva. Augusta despiu rápido seu manto e agasalhou Tonia, pondo-o às suas costas. E, às pessoas que se aglomeravam ali, disse: 'Vocês podem ir embora, dela cuidarei eu, agora'. E cada um tomou seu caminho.

Tonia tossia e devolvia a água que havia respirado e bebido. Augusta a pôs de pé e passou o braço pela suas costas, amparando-a. E Tonia interpelou Augusta: 'Por que fez isto?' E soluçava cada vez mais forte, gritando: 'Quando meus pais souberem que estou grávida, vão me matar. O pai da criança me prometia tantas coisas. Agora, não quer saber de mais nada. Quero morrer, quero morrer, deixe-me morrer', repetia por entre soluços e copioso choro. A verdade é que Tônia era uma jovem muito ingênua, deixando-se enganar muito facilmente.

Augusta insistia: 'Tonia, Deus não quer que tu morras. Ele te ama' e apontava o céu para a amiga inconsolável. Depois, foram caminhando juntas.

Os pais de Tonia, que haviam sido informados do ocorrido, esperavam-na angustiados, na porta de casa. Ainda não se haviam dado conta das razões que levaram a filha a um gesto tão extremo. Ao chegarem em casa de Tonia, Augusta advertiu os pais da jovem: 'Por favor, não a repreendam e nem fiquem repetindo Tonia, pobrezinha'. Olhou nos olhos dos pais e falou energicamente, dando-lhes um punhado de valiosas moedas em um saquinho: 'Isto é para Tonia e seu bebê. É sua filha e foi salva com o bebê que vai nascer. Vocês a querem morta? Então, cuidem bem dela. Cerquem-a de carinho e amem o netinho que Deus está lhes mandando!'

As notícias dessa proteção correram céleres e chegaram aos ouvidos

do rei Matrucco, que se tornava cada vez mais furioso com a filha. Ele havia dado ordem para que, cada vez que Augusta deixasse o castelo, fosse seguida.

O encarregado lhe tomava as sandálias para que Augusta não escondesse moedas sob os pés. Mas estas providências não bastavam. Augusta recolhia as moedas em um saquinho e, à noite, lançava-o fora da janela do seu quarto. O saquinho das moedas rolava pelo despenhadeiro do monte, indo parar num bosque muito conhecido de Augusta. Quando saía, fazia-o sem nada, mas sabia como encontrar o dinheiro que despachara pela janela. E continuava a fazer o bem, pensando na possibilidade de salvar a negra alma do pai, a quem tanto amava.

A fome e a ocasião

Seguindo seu caminho e passando diante da porta de Nane, o açougueiro viu um garoto que assustado levava um embrulho e corria, descalço, olhando para os lados e para trás. Augusta resolveu segui-lo. Não foi difícil alcançá-lo e segurá-lo pelas costas, enquanto o garoto lutava para desvencilhar-se. Mas Augusta tomou-lhe o pacote e, ao abrir, viu que o jovem furtara um frango. Disse-lhe 'Ah! Muito bonito. Agora você é ladrão de galinha? Faz muito tempo que rouba?' Envergonhado, o garoto abaixou a cabeça e confessou: 'Não, é que... É que nós, quer dizer, minha família tem fome e não temos dinheiro. Pelo amor de Deus, não conte ao Nane, açougueiro. Ele me mataria'. E Augusta sabia que o comerciante o faria mesmo. Cheia de compaixão, uma vez que o garoto pensara também na fome de outros, tomou de duas moedas e pôs-lhe nas mãos, dizendo com o indicador apontado para a cara do menino. 'Vai e não roube nunca mais, porque Ele que é nosso pai não quer. Se respeitar o que Ele diz, Deus o ajudará'. E apontava para o céu.

Assim vivia Augusta após sua conversão. Fazia o bem e espalhava a

caridade, sem olhar a quem, sempre que podia, sem importar-se com a ira paterna que condenava esse modo de vida nos cristãos e, agora, em sua própria filha.

Impaciente, o truculento rei sentia-se no limite do suportável. No castelo sentia-se um ar irrespirável de intolerância e vergonha de Matrucco pelo comportamento da filha. Todos os homens do bárbaro rei sentiam que uma tragédia, uma desgraça, poderia a qualquer momento desabar sobre eles. Bastava a menor falha e Matrucco despejava toda sua ira contra eles.

Certo dia, quando o rei teve sua filha diante de si ficou mesmo possesso. Apontando-lhe o indicador, gritou-lhe: 'Tu, minha filha, tu roubas ao teu próprio pai!' Ao que Augusta respondeu: 'Meu pai, não estou roubando; apenas restituo ao povo aquilo que você tirou dele injustamente. Fazendo isto, salvarei sua alma, meu querido pai'.



Celso e Waldemar em uma das sete capelas (Santa Elena) na subida do Monte Marc'Antonio



Arquivo/Celso de Almeida Cini

Celso e Giuliano Fattorel na última capela (San Pietro) na subida à Santa Augusta

Mas a fúria de que estava possuído Matrucco não lhe permitia entender. Por isso, sua ira crescia e Augusta baixava a cabeça, desconsolada. ‘Filha, a verdade é que os cristãos tomaram conta da tua mente, do teu cérebro’, retrucou o pai, completamente fora de si. Por isto, chamou sua guarda e lhes ordenou que encerrassem Augusta no alto da torre do castelo, onde ficaria enclausurada até que pudesse clarear as idéias, compreendesse e respeitasse, com bom senso, o ponto de vista de seu pai.

Quando o grande portão fechou-se às costas de Augusta, arrepios de frio e horror percorreram-lhe o corpo e a mente. Percebia, então, como os fatos haviam se precipitado. Um lúgubre presságio de morte perpassou-lhe a mente e cobriu-a de tristeza e solidão, como se tudo e todos a houvessem abandonado.

Encontrando, no chão, lascas de pedra, pôs-se a desenhar na parede à sua frente. Como que guiados, seus dedos traçaram uma grande cruz e, nela, Augusta imaginava a presença de Cristo, o que fez com que não se sentisse tão só. Apoiou,

então, seu rude travesseiro aos pés do crucifixo ali gravado. Pareceu-lhe, assim, sentir o frio metálico dos cravos que martirizaram Cristo. Fez, em seguida, uma oração a Deus, como uma profissão de fé: ‘Senhor, para minha vida anterior não tornarei. Ajuda-me, pois, a subir contigo este calvário’. E, de repente, Augusta foi tomada de uma grande serenidade, de uma paz interior profunda e duradoura. Era Deus que lhe concedia forças para afrontar o martírio que se avizinhava. Miríades de vaga-lumes entraram em sua cela para fazer-lhe companhia na escuridão daquela noite. E, encolhida sobre si mesma, Augusta adormeceu.

Martírio e morte de Augusta

Nas primeiras horas da manhã seguinte, o rei Matrucco entrou na cela e encontrou Augusta ainda adormecida. De repente, se deu conta da cruz gravada pela filha e explodiu num grande grito de rancor que fez estremecer todos os presentes. Gritava: ‘Desgraçada! Então o fazes de propósito, para me enlouquecer?’ Augusta, de cabeça baixa, pensava: ‘Oh meu querido pai, agora você me odeia tanto, mas um dia saberá quanto eu o amei!’ Matrucco, fora de si, ordenou aos algozes que lhe arrancassem as unhas dos dedos das mãos, uma a uma, para torturá-la. ‘Com isso não lhe virá mais à cabeça o desejo de esculpir cruzes’, dizia.

Quando os carrascos vieram buscá-la, Augusta não esboçou a menor resistência, seguindo-os, tão dócil como um cordeirinho. E seguiram-se outras torturas ainda piores, mais dolorosas e mais humilhantes, determinadas pelo desnaturado pai. Augusta, embora sofrendo muito, não se lamentava nunca.

Por sua vez, o velho rei estava como que endoidecido com a atitude da filha. Sentia-se humilhado e objeto de

desprezo. Precisava encontrar um modo de resolver aquela incômoda situação. Finalmente, vendo que não conseguia quebrar a resistência da filha e pretendendo retomar um pouco da respeitabilidade dos que o rodeavam, decidiu por aquele gesto fatal, próprio do bárbaro que era: condenou a própria filha, Augusta, à morte, por decapitação.

Então, na torre onde Augusta fora encerrada, situada no mais alto do Monte Marc'Antonio, foi cumprida aquela bárbara e absurda sentença de morte que coroava o martírio daquela seguidora de Cristo. Ao descer o machado do carrasco, a cabeça de Augusta rolou morro abaixo, parando em cada desvão da encosta. Foram sete as paradas daquela cabeça sangrenta e inocente. Passados os anos, ergueram-se, naqueles postos, sete capelas ao longo da subida do Monte, marcando exatamente os locais em que a cabeça de Augusta fizera aquelas paradas, fixando-se o caminho como local de procissões e peregrinações cristãs católicas. Mais tarde, quando Augusta foi canonizada, tornou-se a padroeira de Serravalle. Esta localidade, em 1866, passou a compor, com a cidade de Ceneda, a *comuna* de Vittorio Vêneto. Por essa razão, é muito comum o nome de Augusta entre as mulheres de toda a região que inclui essas cidades.

Quanto ao pai de Augusta, o rei Matrucco, ao cumprir aquele gesto cruel e desnaturado, fruto de seu barbarismo inconseqüente, não poderia ter buscado tormento maior para si próprio. O remorso o acompanhou pelo resto de sua existência. E, a cada hora do dia e da noite, Matrucco implorou, de joelhos, o perdão de Augusta pelo mal que lhe causara. Ainda mesmo, quando já velho, deixando o lugar aprazível do castelo para retornar à terra natal, o remorso acompanhou Matrucco até o fim de seus dias.

Devoção a Santa Augusta no Brasil – um milagre

Nossa pesquisa revelou que, em Santa Catarina, no município de Braço do Norte, há uma Capela Santuário erguida em louvor à Santa Augusta pelo imigrante vêneto João Batista Uliano, por volta de 1880. O devoto Uliano fora acometido de tormentosa dor de dente, rogando à Santa Augusta que o livrasse daquele mal. Dentista era um luxo que não existia. Em troca, Uliano prometeu construir uma capela em sua devoção.

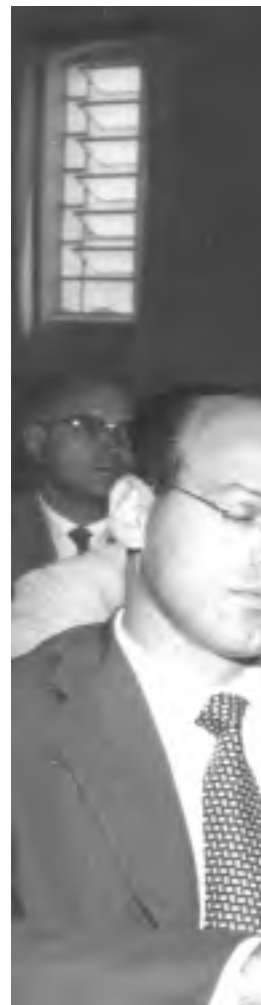
Alcançada a graça, João Batista Uliano construiu, ele próprio, com barro amassado, provavelmente na forma de taipa ou pau-a-pique, a capela e ornamentou-a com imagens que ele próprio modelou e pintou. Mais tarde, a capela recebeu do Santuário de Santa Augusta, em Vittorio Veneto, em Serravalle, um relicário, contendo o fragmento de um dedo da mão da santa, o que tornou a capela um Santuário, no qual se guarda e se venera tal relíquia.

(*) *Celso de Almeida Cini, advogado, historiador, escritor, memorialista e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo*

Bibliografia

- MARSON, Luigi – *Guida di Vittorio Veneto*. Edição italiana de Dario de Bastiani, 2002.
- Quindicinale*. Revista quinzenal, dirigida e editada por Dario De Bastiani.
- Coleção da revista *Raízes* 1989/2006. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.
- Projeto *Tesouros do Brasil*. Capela de Santa Augusta, em Braço do Norte, Santa Catarina.

O cinquentenário da Delegacia de São Caetano do Sul do Ciesp



As comemorações do Jubileu de Ouro da Delegacia de São Caetano do Sul do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo) ensejaram a lembrança de uma série de acontecimentos ocorridos desde os tempos anteriores a 1948 em que os sul-sancaetanenses almejavam a independência político-administrativa, deste então segundo subdistrito.

Logo após a posse do primeiro prefeito do nosso município, em 3 de abril de 1949, inúmeras entidades importantes foram criadas, trazendo para o nosso município todo o progresso que hoje desfrutamos e que é reconhecido pelo mundo inteiro.

Citamos como exemplo o Rotary

Club de São Caetano do Sul, fundado em 19 de maio de 1951. Esta entidade elegia sua diretoria anualmente. No ano compreendido entre julho de 1954 e junho de 1955 foi eleito presidente Manuel Gutierrez Durán. Cada diretoria organizava suas quatro avenidas de serviço: Internos, que cuidava da administração; Comunidade, relacionada à coletividade carente; Internacionais, para contatos com outros países; e Profissionais, dedicada a assuntos da indústria e comércio. Neste ano, a Comissão de Serviços Profissionais foi confiada a Christovam Miguel Sanches.

A falta de assessoramento - Industrial, diretor da Fábrica de Bebidas Dunga Ltda., o escolhido conhecia muito bem as



necessidades de um órgão para assessorar o parque industrial da cidade, em especial as pequenas e médias empresas, em assuntos de relevante importância. É de autoria de Christovam Miguel Sanches o seguinte depoimento:

“Foi assim que no Rotary Club de São Caetano do Sul alimentamos o desejo de reivindicar da Diretoria do Ciesp em São Paulo a instalação de uma Delegacia em São Caetano do Sul. Depois da obtenção de adesões dentro do Rotary e dos industriais do nosso município nos dirigimos à sede do Ciesp. Fomos recebidos pelo presidente da entidade, Antonio Devisate, e pelo seu diretor, Herbert de Arruda Pereira, ambos também rotarianos, que após breve relato sobre o assunto prometeram estudar o problema”.

Nessa sua visita foi portador de

uma carta assinada pelo presidente do Rotary Club de São Caetano do Sul, datada de 1º de junho de 1955, oficializando o pedido de instalação da delegacia do Ciesp em nossa cidade.

Os fundadores - Em continuação ao seu depoimento, disse Sanches: “Transcorridos alguns dias, recebemos a confirmação do presidente Antonio Devisate de que seria instalada a delegacia em São Caetano do Sul. Assim, em uma assembléia realizada no salão do Sesi (Serviço Social da Indústria), à rua Santa Catarina, 25, foi proclamado o primeiro Conselho Diretor no dia 29 de março de 1957”.

Sanches cita a relação dos componentes da primeira Delegacia do Ciesp, a saber: Christovam Miguel

Delegação do Ciesp de São Caetano do Sul durante os trabalhos da X Convenção dos Industriais do Interior, evento realizado em Taubaté, entre os dias 17 e 19 de outubro de 1959. Da esquerda para a direita: Jorge Strauss, João Safrany, Christovam Miguel Sanches e Antonio Caparrós Guevara

Sanches, da Fábrica de Bebidas Dunga Ltda. (delegado) e Oswaldo Soares, da Poliprint S/A (vice-delegado). Os conselheiros eram Urames Pires dos Santos, Cerâmica São Caetano S/A.; Antônio Caparrós Guevara, Calçados Floreal Ltda.; Sebastião Sampaio de Assis, Correntes São Caetano Ltda.; Rubens da Costa Patrão, Cerâmica Artística da Costa; João L. P. Bonaparte, Café Jambo Ltda.; José Conteras Soriano, Produtos Alimentícios Glutelar Ltda.; Hermógenes Walter Braido, Ind. Agro-Química Braido Ltda.; Augusto José Zambelli, Metalúrgica Zaga Ltda.; Matheus Constantino, Matheus Constantino & Cia. Ltda.; Brasílio Rossetti, Cerâmica Itabasil S/A.; Reynaldo Rampazzo, Indústrias Aliberti S/A.; João Safrany, Metalúrgica Safrany Ltda.; Mário Porfírio Rodrigues, Produtos Alimentícios Nacionais S/A.; Keigo Toyoda, S. Toyoda & Cia. Ltda.; Albert Politi, Indústria Têxtil Jolibert; Carmine Walter Barile, Metalúrgica Barile Ltda.; Kurt Metzner, Indústrias Santana Ltda.; Pedro Sukadolnik, Caldeiraria São Caetano S/A.; Jordano Ventura, Jordano Ventura & Cia. Ltda.; Jordano P. S. Vincenzi, Fábrica de Camisas Ivany; e Júlio César Tindó, Ferro Enamel do Brasil S/A. E os suplentes eram Lauro Garcia, Indústria de Botões São Caetano Ltda.; Miguel Scherk, Indústria de Móveis Santa Catarina Ltda.; e Anton Holger Wilhensen, Artefatos de Madeira Willo S/A.

Os benefícios - A recém-criada Delegacia do Ciesp passou a facilitar contatos com a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), o Sesi e o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), além de outras entidades. Participou de convenções de

industriais no interior do Estado e, inclusive, foi co-patrocinadora de um seminário sobre problemas de administração. Em quase todos os encontros realizados no interior do Estado, a delegação apresentou trabalhos importantes que foram debatidos pelos participantes de outras delegações.

Conforme nos esclareceu Claudio Musumeci, diretor do Ciesp São Caetano, além de todos os atendimentos normais, a delegacia tem como um dos principais a emissão de Certificados de Origem de Produtos de Exportação, sem os quais nenhuma mercadoria fabricada em São Caetano do Sul pode ser enviada para outro país.

Esclareceu ainda o diretor Musumeci que “em conjunto com as demais diretorias do ABCD, foi criada uma cooperativa de crédito, a Sicredi, que proporciona aos associados empréstimos e produtos com custo menor que o do mercado. Proporciona também cursos e treinamentos gerenciais, além de convênios e parcerias com várias entidades prestadoras de serviços ao empresariado local”.

Como se verifica, nestes 50 anos, comemorados no dia 29 de março de 2007, a diretoria de São Caetano do Sul escreveu uma história muito rica em realizações em benefício das empresas de nossa cidade.

(Pesquisa e texto a cargo do serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

Propaganda é a alma do negócio

Todo comerciante sabe que a propaganda é a alma do negócio.

A frase é antiga e, desde que começou a imprensa escrita, os comerciantes tinham a consciência de que a divulgação do seu produto nos jornais deixaria seu comércio conhecido do público e, conseqüentemente, teriam suas vendas aumentadas.

Arqueólogos encontraram uma tabuleta com inscrições babilônicas, anunciando a venda de gado e alimentos, demonstrando que já se utilizavam da publicidade na antiguidade (mesmo sem saber o que era isso). Foi, porém, após a Revolução Francesa, em 1789, que a publicidade iniciou a trajetória que a levaria até seu estágio atual de importância e desenvolvimento.

Um breve relato sobre a história da propaganda no Brasil nos levará até os anos 40, foco de nossa matéria sobre a propaganda em forma de anúncios publicados no jornal da cidade, nos anos de 1928 e 1929, no *S. Caetano Jornal*, momento em que o periódico encerrou suas atividades. Após um lapso de 16 anos, em 1946, entra em circulação o *Jornal de São Caetano*, mantendo suas atividades até os dias atuais. A pesquisa foi direcionada aos anos de 1928, 1929, 1946 e 1947.

Com a vinda de D. João VI, em 1808, e a criação da Imprensa Régia, a colônia virou Reino e civilizou-se. Criou-se o primeiro jornal. Este oficial, porque até então, desde 1806, circulava um jornal de oposição criado por Hipólito da Costa, chamado *Correio Brasileiro*, que depois veio a ser proibido de circular. Só com a Imprensa Régia é que surgiu a *Gazeta do Rio*, em 1808. Depois da *Gazeta*, vieram os anúncios.

Jornal, classificados e anúncios entraram em cena em 1891, com a criação da Empresa de Publicidade e Comércio. Os anúncios eram uma espécie de classificados de maior tamanho. E os grandes anunciantes de remédios, fortificantes e elixires passavam mensagens de saúde, otimismo e bem-estar.

Reprodução/livro *Cem Anos de Propaganda*, Abril Cultural



Publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 2 de fevereiro de 1895

Reprodução/livro *Cem Anos de Propaganda*, Abril Cultural



Publicado no Correio Paulistano, em 25 de agosto de 1895



Publicado na
Revista da Semana (RJ),
em 19 de setembro de 1925



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 3 de março de 1929



Publicado na
Revista da Semana (RJ),
em 23 de julho de 1921

Já em 1916, quando a rede de Recife Lundgren se espalhou pelo Brasil com o nome de Casas Pernambucanas, seu conceito de vendas se baseou na famosa frase: *Quem não fizer propaganda é certo que não fará negócio*, inspirando o próprio comércio, assim como os jornais, que passaram a incentivar a divulgação de produtos, oferecendo espaços publicitários.

Na década de 20, as propagandas com sabonetes mostravam a preocupação com a beleza e a estética. Depois, seguiu a moda. Em 1926 e com a chegada das indústrias automobilísticas no Brasil, como GM e Ford, surgiu a técnica norte-americana de propaganda comercial. Neste ano, a GM teve seu próprio departamento de propaganda.



Cartaz de 1928

Em 9 de fevereiro de 1891, Antonio Zerrenner e Adan Ditrik Von Bulow fundaram a Companhia Antártica Paulista, no bairro de Água Branca, em São Paulo. Passados alguns anos, em 1928, dominavam o mercado de guaraná e lindas propagandas com visuais sugestivos estimulavam o consumo.



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 22 de janeiro de 1928



Publicado na
Revista da Semana (RJ),
em 4 de agosto de 1934

A crise de 1929 e as Revoluções de 1930 e 1932 abalaram a economia e a vida do país, paralisando totalmente a propaganda (momento em que o S.Caetano Jornal encerrou suas atividades).

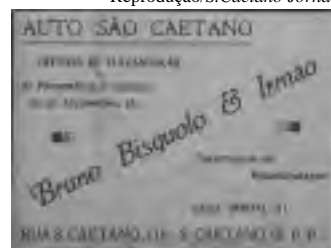
Na década de 40, as atividades publicitárias foram mais turbulentas, problemas surgiram e houve um decréscimo no movimento dos anúncios. Foram anos de guerra também para a propaganda.



Publicado na
revista O Cruzeiro (RJ),
em 5 de novembro de 1932



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 17 de junho de 1928



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 15 de janeiro de 1928

Já no período de 1945 a 1950, o país procurou corrigir as falhas no desenvolvimento econômico e social pós-guerra. Em 15 de janeiro de 1928 foi publicada a primeira edição do *S.Caetano Jornal* sob a direção de Raimundo Cyriaco de Carvalho. Nesse primeiro número, de maneira ainda tímida, começaram a surgir os anúncios comerciais, fontes de recursos para a manutenção do mesmo.

Numa época em que havia poucos telefones e nenhum outro meio eletrônico, a publicação em um jornal, além de dar mais *status* àquele comércio, difundia o produto ou a própria casa comercial. E não foi só a indústria e o comércio que se aproveitaram desse meio de comunicação. Médicos, dentistas e advogados também difundiram seu trabalho. Informavam ao público sua formação e esperavam o retorno em clientes que os conheciam por meio do jornal.

Quando o comércio começou a florescer em São Caetano, não havia uma grande variedade de produtos. As lojas vendiam mercadorias similares e muitas vezes existiam muitas do mesmo ramo, na mesma rua. E o que as diferenciavam era, sem dúvida, o chamariz do público pela divulgação no jornal. Farmácias, padarias, bares, restaurantes e lojas que vendiam materiais diversos, desde objetos para casa até material de construção, existiam às dezenas. Realmente, o que as distinguiam era mesmo a propaganda que faziam no jornal, oferecendo o que de melhor tinham, como variedade, produtos de qualidade e preços incomparáveis.

No começo dos anos de 1920, a indústria começou a acelerar e surgiram produtos voltados para o conforto da vida moderna, como geladeira, fogões a gás, chuveiros elétricos, enceradeiras etc.



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 22 de janeiro de 1928

Remédios e perfumarias continuavam a ocupar o maior espaço publicitário nos jornais.

Novos modelos de carro surgiram e, com eles, novos produtos e serviços afins eram oferecidos, como consertos de automóveis, recauchutagem de pneus, consertos de câmaras de ar etc.

Muito embora, nesse início dos anos 20, em que se acreditava que a melhor maneira de difundir o produto era ainda o tradicional boca-a-boca, elogiando seu uso aos amigos e vizinhos ou mesmo recomendando o artigo ou o lugar que haviam experimentado e gostado, muitos comerciantes, timidamente, arriscavam um anúncio no jornal. Era costume colocar nos anúncios o nome do proprietário, em letras garrafais, pois imprimia confiança e credibilidade ao seu comércio.

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 26 de fevereiro de 1928

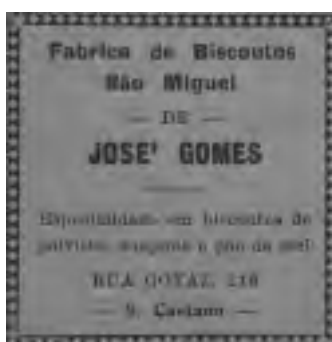
Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 15 de janeiro de 1928

Reprodução/S.Caetano Jornal

Reprodução/S.Caetano Jornal

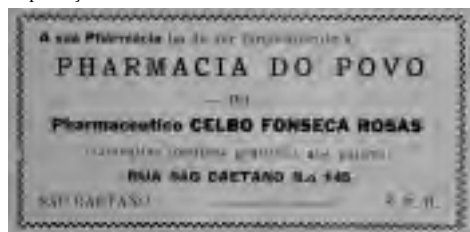


Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 12 de fevereiro de 1928



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 3 de junho de 1928

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 7 de julho de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no
S.Caetano Jornal,
em 22 de julho de 1928

Nesse mesmo período, as farmácias proliferavam-se na cidade e ofereciam aos clientes toda a comodidade que precisavam. Pediam preferência e incutiam confiabilidade no curto espaço do jornal. Muitas vezes tinham vários anúncios de farmácia em uma mesma publicação, o que atesta que era, de certa forma, muito competitiva a busca pela clientela.

Os remédios anunciados no *S. Caetano Jornal* eram de empresas de maior porte, de fora da cidade.

Reprodução/S. Caetano Jornal



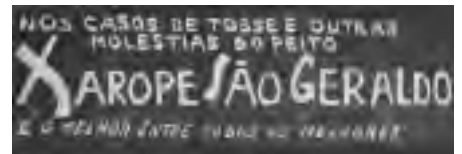
Publicado no *S. Caetano Jornal*, em 22 de janeiro de 1928

Reprodução/S. Caetano Jornal



Publicado no *S. Caetano Jornal*, em 15 de janeiro de 1928

Reprodução/S. Caetano Jornal



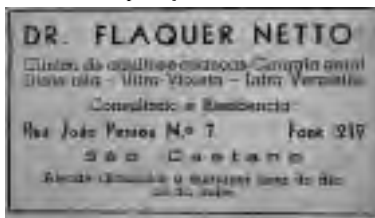
Publicado no *S. Caetano Jornal*, em 22 de julho de 1928

Reprodução/S. Caetano Jornal



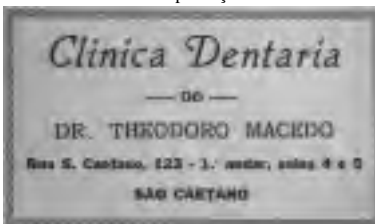
Publicado no *S. Caetano Jornal*, em 29 de abril de 1928

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no *Jornal de São Caetano*, em 1º de setembro de 1946

Reprodução/S. Caetano Jornal



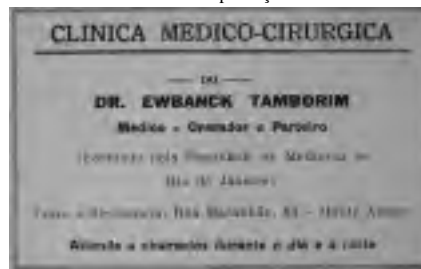
Publicado no *S. Caetano Jornal*, em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/Jornal de São Caetano



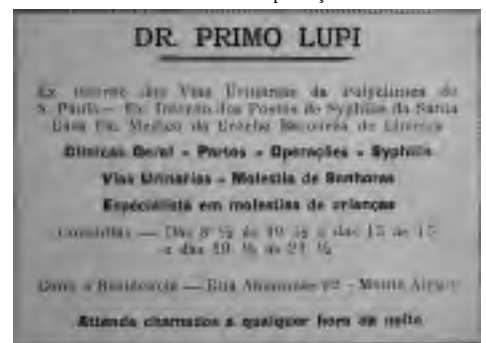
Publicado no *Jornal de São Caetano*, em 8 de junho de 1947

Reprodução/S. Caetano Jornal



Publicado no *S. Caetano Jornal*, em 29 de julho de 1928

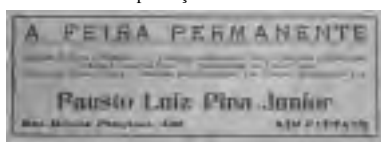
Reprodução/S. Caetano Jornal



Publicado no *S. Caetano Jornal*, em 6 de maio de 1928

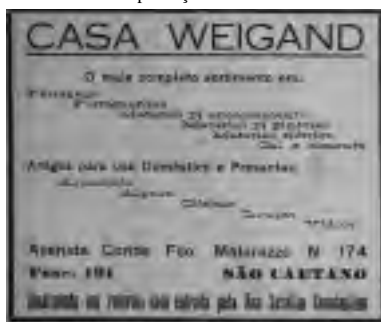
Já nos anos 40, o comércio cresceu, a cidade se expandiu e já tomava ares mais modernos. As construções eram vistas em todas as partes, surgindo novos bairros e novas perspectivas para outros empresários. Multiplicavam-se os clientes e o clima era de euforia. A propaganda refletiu a diversidade, o tecnicismo e a pressa. Ao mesmo tempo em que a loja vendia materiais para construção, mesclava também com artigos para casa e presentes. Nessa época, os anúncios ainda não tinham muito apelo de venda. Eram mais informativos, especificando tudo o que a loja podia oferecer. Mas, ao mesmo tempo em que eram informativos, percebeu-se uma acirrada disputa no comércio, pois as lojas encontravam-se localizadas muito próximas umas das outras e, por esse motivo, era necessário marcar o nome da loja, do proprietário e tudo o que vendia para que ela se sobressaísse das outras e se tornasse conhecida.

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 28 de julho de 1946

Reprodução/Jornal de São Caetano



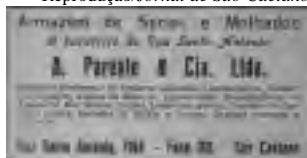
Publicado no Jornal de São Caetano, em 28 de julho de 1946

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 28 de julho de 1946

Reprodução/Jornal de São Caetano



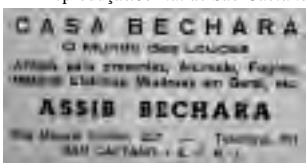
Publicado no Jornal de São Caetano, em 8 de junho de 1947

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 11 de outubro de 1928

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 27 de julho de 1947

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano,

Na área de lazer, os bares e restaurantes aproveitavam a oportunidade para oferecer o que tinham de melhor, como o ponto preferido, o melhor vinho italiano, serviços esmerados e comida de qualidade, enaltecendo sempre seus produtos.

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 24 de março de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



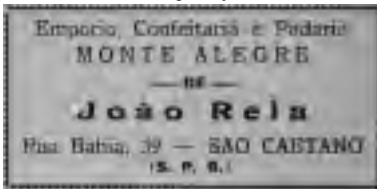
Publicado no S.Caetano Jornal, em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 11 de agosto 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 29 de janeiro de 1928

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 7 de julho de 1929

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 2 de fevereiro de 1947

Reprodução/S.Caetano Jornal



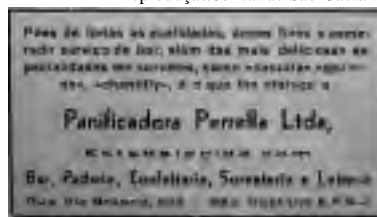
Publicado no S.Caetano Jornal, em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 28 de julho de 1946

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 16 de março de 1947

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 7 de setembro de 1947

As fábricas e empresas aqui sediadas também divulgavam seus produtos, mesmo tendo seus escritório de vendas, muitas vezes, em São Paulo.



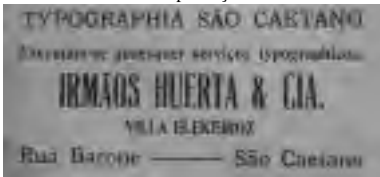
Publicado no S.Caetano Jornal, em 23 de junho de 1929

Reprodução/Jornal de São Caetano



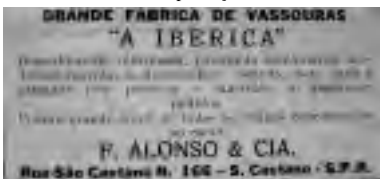
Publicado no Jornal de São Caetano, em 25 de maio de 1947

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 26 de fevereiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



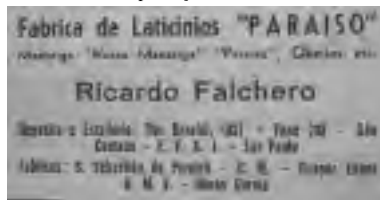
Publicado no S.Caetano Jornal, em 3 de novembro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 6 de maio de 1929

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 10 de agosto de 1947

Reprodução/S.Caetano Jornal



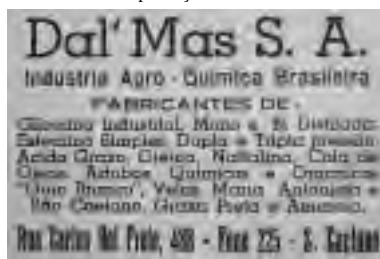
Publicado no S.Caetano Jornal, em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 8 de abril de 1929

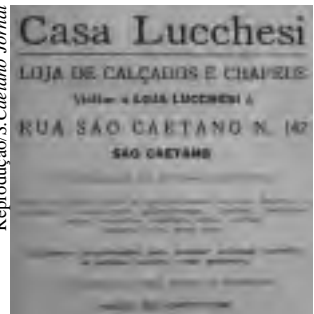
Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no Jornal de São Caetano, em 18 de agosto de 1946

E as lojas de vestuário, presentes, papelaria e serviços colocavam seus produtos nessa vitrine, que era o jornal.

Reprodução/S.Caetano Jornal



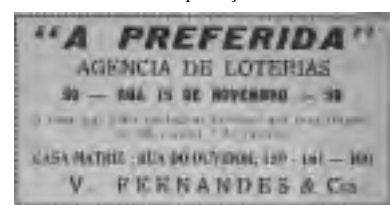
Publicado no S.Caetano Jornal, em 12 de maio de 1929

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 15 de janeiro de 1928

Reprodução/S.Caetano Jornal



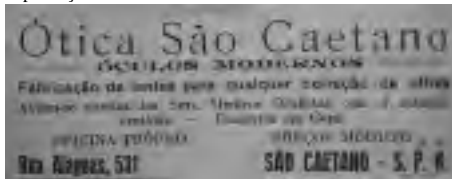
Publicado no S.Caetano Jornal, em 22 de janeiro de 1928

Reprodução/S.Caetano Jornal



Publicado no S.Caetano Jornal, em 4 de março de 1928

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no
Jornal de São Caetano,
em 18 de agosto de 1946

Reprodução/S. Caetano Jornal



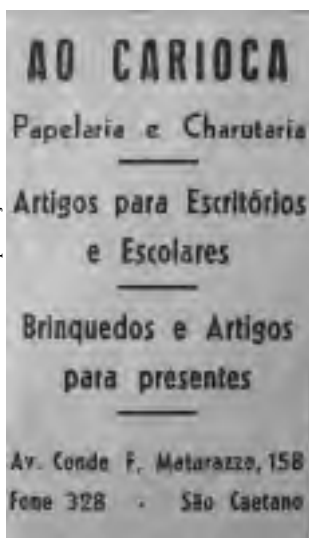
Publicado no
S. Caetano Jornal,
em 13 de janeiro de 1929

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no
Jornal de São Caetano,
em 10 de novembro de 1946

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no
Jornal de São Caetano,
em 16 de fevereiro de 1947

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no
Jornal de São Caetano,
em 18 de agosto de 1946

Reprodução/Jornal de São Caetano



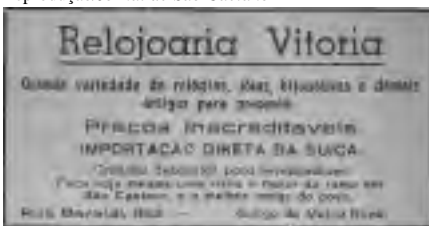
Publicado no
Jornal de São Caetano,
em 24 de agosto de 1947

Hoje, todas as atividades humanas se beneficiam com o uso da publicidade: profissionais liberais, empresas, comércio e a própria ciência utiliza os recursos da publicidade, promovendo suas descobertas por meio de cartazes, revistas, jornais, filmes, internet e outros.

Fazer propaganda é vender uma idéia em um mercado cada vez mais acirrado e competitivo, o que faz da propaganda uma ferramenta essencial para o mundo capitalista.

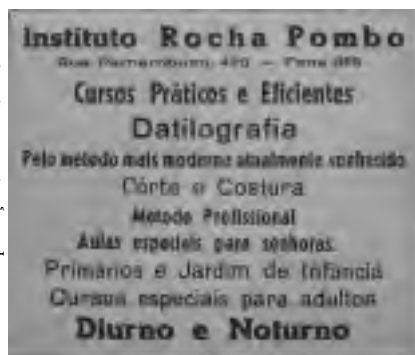
Aqui fizemos um pequeno panorama do que foi a propaganda nos anos de 1920 e depois, nos anos de 1940, quando a cidade começou a modernizar-se. Esperamos que tenham revivido um pouco da nossa história comercial por meio desta pequena, mas saudosa, galeria de anúncios.

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no
Jornal de São Caetano,
em 15 de outubro de 1947

Reprodução/Jornal de São Caetano



Publicado no
Jornal de São Caetano,
em 24 de agosto de 1947

(*) Cristina Ortega, pedagoga, advogada e pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Bibliografia:

- S. Caetano Jornal – anos 1928/1929
- Jornal de São Caetano – anos 1946/1947
- História da propaganda brasileira - www.acontecendoaqui.com.br
- Pt.wikipedia.org
- Livro 100 anos de Propaganda – Abril Cultural

Praça da Riqueza, década de 50 do século XX. Ao fundo, a Igreja Nossa Senhora da Prosperidade



As muitas histórias do meu bairro Prosperidade

O bairro Prosperidade é constituído por residências simples e por um povo humilde e lutador. Um bairro cheio de conquistas e méritos que, por muitas décadas, foi assolado pelos problemas de enchentes e pela falta de infra-estrutura.

Ainda hoje é um bairro que lembra muito uma cidade interiorana. Seus moradores, na maioria residentes no local há cerca de 50 e 60 anos, assistiram ou fizeram parte dos diversos movimentos pela melhoria do lugar em que vivem.

O bairro está tomado por indústrias de pequeno e médio porte e por muitas microempresas. Atualmente, se destaca, entre seus moradores, o desabrochar da juventude, com sua sede de saber e com a esperança por novas conquistas.

Juventude esta que reverencia seus avós e bisavós, que um dia lutaram pela

sua amada Vila Prosperidade e que esperam, no futuro, uma vila melhor, cheia de novas conquistas e novos desafios.

Esse bairro deve muito às famílias Isquierdo, Vadillo, Marchiori, Beraldo, Fiorelli, Pereira, Mori, Hernandez, Garavelo, Lopes, Mathias, Amaral, Valério, Loureiro, Pinto, Rodrigues, Almeida, Brancalione, Sanches, Alarcon, Carrasco, Lozano, Nascimento, Santos, Angeli, Aragon, Moreno, Beijós, Merlini, Galhardo, Cabral, Marcilio, Belvis, Mancini, Domingues, Guerreiro, Galo, Martorelli, Agunço, Arnezi, Jardim, Ramirez, Soares, Raposo, Barqueta, Duarte, Previato, Damasceno da Cruz, Aguilar, Acerbi, Castro, Amigo, Cegatto, Testa, Vicente, Santos, Baggio, Gandolfi, Nishi e Lepre, entre tantas outras, por tudo o que fizeram. O bairro Prosperidade também deve muito a meu pai, João de Souza Tavares, que tinha verdadeira paixão pela Vila Prosperidade, e a você, Carlos

Stortini de Novaes, que foi um anjo que Deus colocou em nossas vidas. Muito obrigado por tudo o que vocês fizeram quando vivos.

Delegacia - Em épocas de outrora, quando o bairro Prosperidade ainda pertencia ao município de Santo André, existia ali uma Delegacia Auxiliar da Primeira Divisão Policial, que era subordinada à Delegacia de Santo André. Eram tempos com menos violência e assaltos. Nessa delegacia não existia carceragem, pois nela eram feitas apenas autuações e repreensões de rotina. Casos mais graves eram encaminhados para a Delegacia Central de Santo André. Foi nessa época que o senhor Milton Pereira Guimarães, morador do bairro, exerceu o cargo de suplente de subdelegado.

A primeira casa em que o senhor Guimarães morou no bairro era de madeira. A residência foi cedida pelos Armazéns Gerais de Café (hoje, o campo do Jabaquara). Ele, como muitos outros moradores, faz parte da história do bairro. Foi presidente dos clubes Jabaquara e Vila Prosperidade (ambos do bairro e rivais entre si). Nessa época, ele organizava bailes e muitos outros eventos.

Também participou da vida política do bairro. Candidatou-se ao cargo de vereador, apoiando o candidato a prefeito Hermógenes Walter Braido, mas não se elegeu. Esteve presente em várias lutas em prol de melhorias do bairro, entre elas a instalação e construção do grupo escolar e do posto de puericultura (hoje posto de saúde). Igualmente se esforçou para trazer ao bairro vários projetos culturais, entre eles o cinema mudo e bailes com a presença do cantor Jerry Adriani.

Casou-se com Nair Faria Garcia, mais conhecida como *tia Nair* da escola, que era filha do senhor Alfredo Faria, também chamado de *Picareta*, pois andava



Time do Vila Prosperidade Futebol Clube, em data incerta

o dia inteiro com uma picareta nas costas. Era o único encanador do bairro e foi ele quem fez a maioria dos encanamentos das residências. Até hoje existem casas com encanamentos feitos com canos de ferro.

Alfredo Faria torcia pelo Clube Vila Prosperidade, do qual foi presidente por vários anos. Ajudou a construir a sede dessa agremiação juntamente com outros torcedores e moradores do bairro. Teve ainda participação ativa na Comunidade Católica do Bairro. Hoje, nem Alfredo, nem Milton e nem Nair estão entre nós, mas deixaram um bonito exemplo: apesar das dificuldades, dos obstáculos e das derrotas temos de lutar, pois só assim chegaremos à vitória.

O bairro Prosperidade tem 3.343 moradores, 23 ruas, 9,3 km de vias asfaltadas, 63 residências, 94 estabelecimentos comerciais, quatro postos de gasolina, 51 escritórios, 495 postes de iluminação, 1.465 árvores, 19 depósitos comerciais, uma escola municipal infantil, uma escola estadual de ensino fundamental e médio, uma unidade básica de saúde, três entidades esportivas, um centro comunitário da terceira idade, uma farmácia, duas praças, uma igreja católica e um centro de equoterapia.

(*) *Libélia Tavares, memorialista do bairro Prosperidade*

Móveis Barga:

54 anos de atividades em São Caetano do Sul

A Móveis Barga foi fundada em 1952, em São Caetano do Sul, pelo saudoso Poli Antonio Sesto. Iniciou suas atividades em um galpão na rua Regente Araújo Lima, bairro Fundação, no qual, aos sábados, domingos e feriados, com a ajuda dos filhos, desenvolvia trabalhos em madeira.

Ao desembarcar no Brasil, em 1949, Poli Antonio Sesto não imaginava que daria início a uma história de dificuldades, trabalho, dedicação e sucesso.

Nascido na Itália, em 13 de dezembro de 1907, filho do casal Poli Aldebrando e Angelini Genoveva, iniciou suas atividades ainda muito jovem. Dos 7 aos 12 anos ajudava o pai na lavoura em sua terra natal, Fornaci di Barga, em Luca, sendo que nas horas vagas trabalhava como aprendiz de marceneiro, profissão que passou a desempenhar aos 17 anos, após o falecimento de seu pai.

Aos 22 anos, abandonou a zona

rural e foi para a cidade trabalhar numa indústria metalúrgica, na qual permaneceu durante 11 anos, saindo quando ocupava o cargo de gerente de marcenaria e carpintaria.

No ano de 1949, veio para o Brasil, a chamado da empresa Sant & Filho, estabelecida no Ipiranga, em companhia de seu filho mais velho, Poli Aldebrando, deixando na Itália sua mulher e dois filhos menores.

Aqui chegando, encontrou seus primos que residiam na Freguesia do Ó e o ajudaram a trazer o restante da família para o Brasil. Em seguida, veio para São Caetano, onde fixou residência, para trabalhar na Artefatos de Madeira Willo.

Mas em 1952, Poli Antonio Sesto abriu uma empresa própria, na qual se dedicava aos sábados. Nascia ali a Móveis Barga. No início, todo o maquinário era de madeira, modernizando-se depois. Foram anos de muita luta. Porém, a família, sob seu comando com coragem e tenacidade, conseguiu sua independência e a realização de seu grande sonho.



O saudoso fundador industrial Poli Antonio Sesto, em foto de 1971

Sua empresa, em 1954, recebeu um pedido do Seminário Central do Ipiranga para a fabricação de bancos e confessionários, possibilitando assim o ingresso definitivo da empresa no mercado e sua auto-suficiência. Com o sucesso desse trabalho, a empresa assumiu a liderança nos meios religiosos, executando serviços de todos os tipos incluindo a Catedral de Marília, em 1960.

A partir dali, a Móveis Barga desenvolveu-se e especializou-se na fabricação de móveis escolares, influenciada pelas instituições religiosas que já possuíam colégios. Destacou-se como líder em seu segmento e permanece atuante até os dias de hoje, atendendo escolas em todo o território brasileiro.

Vale ressaltar que foi a Móveis Barga que desenvolveu e colocou no mercado brasileiro a carteira universitária B-84, hoje produzida por vários concorrentes, mas nenhuma delas a altura da qualidade da carteira Barga.

Desde 2003, a direção da empresa está sob o comando de Neide Vascon Poli,

mulher de Poli Adelbrando. Conhecedora do sacrifício e sonho de seu sogro, Poli Antonio Sesto, tem de forma empreendedora enfrentado todas as adversidades que a concorrência do mercado tem apresentado, bem como os altos e baixos da economia do país.

A Móveis Barga tem sua marca registrada no mercado como fabricante de produtos de altíssima qualidade e mantém esse paradigma por meio de um trabalho praticamente artesanal, no qual cada detalhe é executado com rigor para a completa satisfação de seus clientes.

É por esse atendimento personalizado que os clientes se mantêm fiéis à empresa e é por meio da divulgação desses clientes no mercado que a Móveis Barga tem seu endomarketing mais forte, conquistando com isso novos clientes a cada dia.

(Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória)



A Cabra
Pablo Picasso
Bronze
1950

A A rte e suas L inguagens

Cada artista procura um meio de produzir trabalhos nos quais possam colocar, de forma bem resolvida, suas propostas, suas idéias, aquilo que deseja comunicar. Para isso, busca nos materiais, nas técnicas e nos procedimentos dominar a matéria-prima e esgrimir seus instrumentos de forma a chegar ao fim desejado. Aquilo que chamamos de obra de arte, ou seja, uma obra bem resolvida.

Portanto, do conhecimento nasce a escolha da linguagem artística mais adequada à execução das propostas e das intenções do artista. Lembremos que sempre há uma intenção, mesmo quando o artista começa uma obra sem ter consciência de como será quando terminada, lá está ela no seu inconsciente já pronta. A própria escolha já sugere a intenção, já está subordinada à intenção.

Se um indivíduo decide aprender desenho, seja com lápis, carvão, nanquim ou outro material, já se predispõe a executar um determinado tipo de trabalho, uma determinada poética. Se do desenho

ele passar para as tintas, seja óleo, acrílica, guache ou aquarela, sua intenção será outra, seu desejo será diverso do anterior. Ao escolher o suporte, ou seja, a base com a qual irá trabalhar, também demonstrará uma intenção. Deseja uma superfície rugosa, lisa, fina, que passe uma sensação de peso ou leveza, que transmita as cores com intensidade ou suavemente, com brilho ou não.

Como o poeta escolhe as palavras que lhe darão o ritmo, a rima e a pulsação, como o compositor que escolhe a tonalidade, maior ou menor, as notas e os instrumentos, também o artista das artes plásticas ou visuais seleciona suas matérias-primas e suas ferramentas.

É, portanto, a partir de uma resolução intelectual, intencional, embora às vezes meio oculta, que tem início a obra.

Em muitos meios já se superou a falsa idéia de que a obra acontece por acaso e o artista é um ser, algumas vezes, alienado, distante dos substratos culturais de seu tempo. Mas o que tem se revelado para o estudioso da arte, em qualquer tempo, é exatamente o contrário. O artista

é um ser bastante integrado, que sofre constante bombardeio de idéias e busca por vezes, até compulsivamente, concretizá-las, impeli-las para fora de si, dialogar com o mundo, questionar e instigar. E criar o seu estilo, a sua forma de condensar suas experiências.

Vejam os que nos diz Louise Bourgeois, sem dúvida a grande artista contemporânea ainda atuante: “O que me fazia ir em frente, e ainda faz, é a consciência de que ser artista é um privilégio. A segunda coisa, que é uma consequência da primeira, é que não se deve pedir muito. Bem, o que quero dizer com isso? Simplesmente que é certo procurar a felicidade - todos queremos acreditar nela -, mas a maior parte do tempo é apenas busca. A arte é um privilégio, uma benção, um alívio. Privilégio quer dizer que você é um favorito, que o que você faz não é completamente seu crédito, nem se deve completamente a você, mas a um favor que lhe foi concedido. O privilégio o habilita mesmo que nada mereça... O privilégio de ter o acesso ao inconsciente. É um privilégio fantástico ter acesso ao inconsciente. E tive de merecer esse privilégio, e exercê-lo. Também foi um privilégio fantástico ser capaz de sublimar... É uma coisa muito especial ser capaz de sublimar o inconsciente, e o acesso a ele é uma coisa muito dolorosa” (BOURGEOIS, Louise. *Destruição do*



Acervo/Fundação Pró-Memória

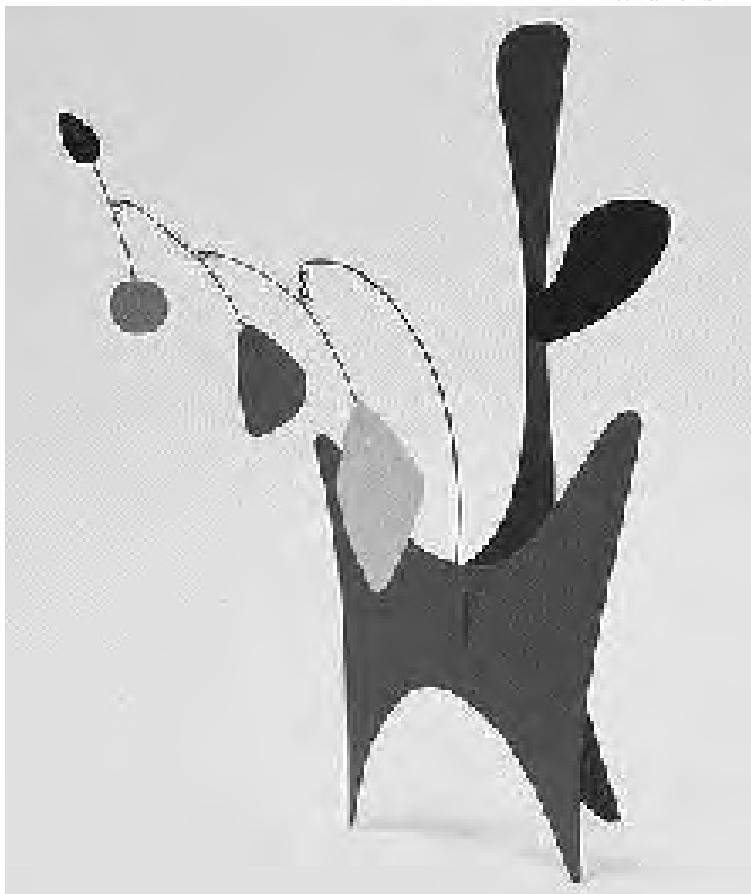
Pai, Reconstrução do Pai. Escritos e Entrevistas 1923-1997. Cosac&Naif Edições, SP, 2000).

E Fayga Ostrower esclarece uma confusa idéia que persegue a arte e o artista: “Seria preciso discutir a ligação dos conceitos de loucura-criatividade. Muitas vezes, a loucura é colocada implicitamente como um caminho para a libertação do potencial criativo da pessoa, quando na realidade ocorre justamente o contrário. A loucura não é liberdade, é uma prisão! Tal noção, de loucura libertadora, não passa de uma teoria fantasiosa, romântica, que nem mesmo foi verdade para a arte romântica. Haja vista o caso de um artista genial, o poeta alemão Friedrich Holderlin. Ele enlouqueceu aos 36 anos e viveu até os 70, porém nunca mais foi capaz de escrever uma linha de poesia”. (OSTROWER, Fayga. *Acasos e Criação Artística.* Editora Campus, 1990).

A ponte, o meio que faz os conteúdos emocionais e intelectuais aflorarem em forma de arte, é expressa por meio das linguagens artísticas. Daí a importância, para o apreciador de arte, para a fruição da obra, certo conhecimento das linguagens e de sua história. Esse conhecimento vai auxiliar a aproximação do artista com o espectador. Vejamos a aquarela, conhecida

Casulo
Tony Gonzagto
Papelão, areia e
pigmentos
2004

Exposta na mostra
Tridimensionais da
Pinacoteca
Municipal de São
Caetano do Sul



Escultura Móvil
Alexander Calder
Técnica Mista
1939

desde milênios quando os chineses a criaram, e que vem até nossos dias com as mesmas características. Foram aquarelistas que ilustraram poemas. Foram aquarelistas que retrataram costumes e paisagens ao longo da história da civilização.

No Brasil temos ainda registros importantíssimos realizados por aqueles artistas que vieram com as missões francesas sob a monarquia, com os holandeses sob o príncipe de Nassau. Em alguns casos realizavam suas obras com grande fidelidade, em outros com grandes doses de imaginação, mas sempre com muita qualidade técnica.

No século XVIII, os ingleses se destacaram não só pela grande produção de aquarelas, mas também pela qualidade dos trabalhos, que ainda hoje são referências.

As aquarelas sempre sugerem

cores delicadas, luz, fluidez e suavidade. Por ter como diluente a água, elemento vital, e, na maioria das vezes, o papel como suporte, também um elemento orgânico.

A escultura é o exemplo mais antigo do desejo do ser humano de se expressar, seja para comunicar-se com seres espirituais, seja criando objetos para exorcizar seus próprios temores, seja para homenagear entidades ou figuras proeminentes. No acervo do Museu Hermitage, em São Petersburgo, repousa uma figura realizada em marfim de mamute, que tem a respeitável idade de 23 mil anos. Rituais, oferendas, amuletos e esculturas com as quais podemos contar a história da civilização.

Mesmo quem não estuda Arte sabe localizar no tempo obras como *Os Profetas*, de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho; *David*, de Michelangelo Buonarroti; ou o *Monumento às Bandeiras*, de Victor Brecheret.

No fim do século XIX, artistas arrojados romperam com os padrões estéticos vigentes até aquele momento. Dessa ruptura, surgiu o modernismo, dentro do qual várias correntes abandonavam o passado impondo novos conceitos, estruturas e padrões. E as linguagens artísticas se fundem, dissolvendo as diferenças entre bidimensionais e tridimensionais. Novos materiais são incorporados ao fazer artístico. Objetos simbólicos emblemáticos do cotidiano da vida e do nosso tempo passam a integrar as obras de arte.

A pintura sobre tela, ou qualquer outra superfície plana, criava a ilusão da profundidade ou tridimensionalidade por meio de vários recursos pictóricos. Só o modernismo libertou a pintura dessa necessidade. A partir de 1900, Cézanne, Picasso, Braque, Arp e Boccioni, entre

outros, firmaram o modernismo e mudaram para sempre a arte e suas linguagens.

A gravura é outra linguagem artística criada pelos chineses. Eles produziam matrizes de madeira (xilografuras) e imprimiam sobre papel principalmente caracteres de sua escrita. A litogravura, cujas matrizes são pedras, e a calcogravura, cujas matrizes são de metal, foram também, durante muito tempo, utilizadas não só como linguagem artística, mas como linguagem utilitária.

Costuma-se chamar de obras em papel os trabalhos artísticos que têm como suporte o papel, ou seja, desenhos, aquarelas ou gravuras.

“
O movimento de ruptura, que surgiu no início do século XX, denominado Modernismo, trouxe várias correntes como cubismo, suprematismo, futurismo, concretismo e abstracionismo, que definitivamente marcaram a História da Arte a ponto de hoje ainda usarmos o termo moderno para tudo o que é contemporâneo”

A Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul vem dando destaque às diferentes linguagens artísticas, devido aos seus propósitos ou a sua missão, que tem como premissa não só incentivar e exibir arte, mas também formar e

informar, entendendo como informação básica explicitação de técnicas, materiais e linguagens. Trazer a maneira de fazer, o como é feito e com que é feito é fundamental bases para a apreciação e a fruição da obra. E tem sido essa a proposta. Tivemos a gravura, o desenho, a pintura, os objetos ou assemblagens e os tridimensionais em exposições que resgatam linguagens, algumas vezes esquecidas ou até desprezadas, devido ao desconhecimento, e porque não, a preconceitos, por se tratar de linguagens ligadas a uma determinada poética ou período.

Assim, a primeira mostra do ano de 2007, *Aquarelas*, trouxe artistas que fazem parte do Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina. Esse grupo, fundado em 1987, desenvolve atividades no sentido de promover, preservar e divulgar essa linguagem, dando, com a união de seus membros, mais visibilidade à aquarela, além da constante troca de informações e estímulos.

Iole Di Natale, liderando e coordenando o núcleo com sensibilidade e personalidade, está sempre aberta a novos desafios e atenta aos interesses dos artistas. Ela conta com uma equipe que consegue ser eficiente também no trabalho

Acervo/Fundação Pró-Memória



*Segóvia
J. Garbin
Ferro esmaltado
2006
Exposta na mostra
Tridimensionais
da Pinacoteca
Municipal de São
Caetano do Sul*

de organização e condução do núcleo. As faculdades Santa Marcelina cederam o espaço físico para as reuniões e mostras. Por isso, o núcleo leva o nome da faculdade. Embora o núcleo seja uma entidade completamente distinta do Ateliê Calcográfico Iole Di Natale, muitos aquarelistas também se dedicam à gravura e freqüentam, da mesma forma, o ateliê e o núcleo.

Merece destaque essa união, esse agrupamento de pessoas com as mesmas aspirações, desejos e idéias, dentro do cenário das artes plásticas. União difícil de ser duradoura, porque agrega individualidades sabidamente independentes e, por vezes, até solitárias.

Mas percebemos que o respeito mútuo, as responsabilidades divididas e os interesses comuns suplantaram possíveis arroubos de vaidades mal direcionadas.

O núcleo publica um boletim bem elaborado com notícias sobre a aquarela e as atividades desenvolvidas, promove mostras no Brasil e no exterior e já prepara o II Encontro Quadrienal Internacional de Aquarelistas em 2008, no qual a Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul abrigará a seção Internacional.

O Núcleo de Aquarelistas é um exemplo a ser seguido graças à seriedade com que trabalha para a Arte e os artistas.

A segunda mostra do ano denomina-se *Tridimensionais*. Esculturas ou objetos tridimensionais são construções que ocupam um espaço e, em sua maioria, que podem ser apreciadas em todos os seus lados.

A escultura pode ser elaborada pela agregação de materiais. Pode ser criada pela modelagem dos materiais, pela agregação de matérias ou pela retirada do material ou escavação.

Temos, por exemplo, esculturas, ou conjuntos escultóricos, nas quais o

artista, com ferramentas apropriadas, desbasta ou escava um bloco de granito, mármore, madeira ou outro material. Esculturas construídas com a colocação ou superposição de materiais como madeira, ferro etc. Esculturas criadas pela moldagem de materiais como o barro ou o ferro repuxado ou dobrado.

Há ainda uma forma de escultura denominada assemblagem, criada pela junção de materiais, mas sem possibilidade de ser vista em todos seus lados, geralmente uma de suas partes é colocada contra um suporte. Outras denominadas móveis e stábeis.

Quanto à forma, os objetos tridimensionais podem ser figurativos, ou seja, têm formas conhecidas ou que sugerem seres e objetos facilmente reconhecíveis. Também podem ter formas sinuosas, amebóides, circulares ou geométricas.

A mostra, como vem se tornando usual na Pinacoteca, é complementada com as apresentações multimídia em encontros com o público e com o trabalho de ateliê, no qual os materiais e as técnicas podem ser testadas por grupos de visitantes.

Acreditamos que contextualizando, enriquecendo o repertório de conhecimentos dos visitantes, estaremos auxiliando a apreciação e a fruição nem sempre fácil de obras da Arte Contemporânea.

(*) *Neusa Schilaro Scaléa, fotógrafa, professora, designer gráfica, especialista em museus de arte. Atualmente é coordenadora da Pinacoteca Municipal da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

A glória procura os humildes

Um número infinito de pessoas no mundo todo vive suas vidas simplesmente nas sombras escondidas em si mesmas... e partiram desta sem deixar rastros. Por outro lado, outra infinidade de pessoas recebeu dons especiais e talentos para cumprir missões diferentes em suas vidas. Vidas escolhidas para serem lembradas sempre.

Há mais de 50 anos, uma revista de música popular brasileira trazia uma reportagem com o título *A Glória Procura os Humildes*. O texto se referia à vida difícil, pobre e humilde de nossas cantoras e cantores, enfim artistas, antes da fama e do sucesso.

Com muitas dificuldades esses artistas alcançaram a glória e o sucesso. Depois, o tempo os calou, mas não levou os sonhos e os ideais. E outros novos talentos surgiram.

Se muitos cantores e cantoras chegaram ao sucesso, outros tentaram. Tinham os mesmos talentos e os mesmos carismas, mas não conseguiram. Não apareceram nas revistas e nos rádios. No entanto, não foram simples anônimos. A glória e o sucesso não procuraram nessa época uma linda jovem de bela voz, que encantava quem a ouvia.

Porém, Heleninha cumpria sua missão de cantar, um dom divino que recebera bem pequenina.

Aos 12 anos ela cantou em público

pela primeira vez num circo que estava em São Caetano. Passados alguns anos, Heleninha já cantava com a Orquestra Ritz Band em vários clubes dançantes da cidade, mais seguidamente no Clube da General Motors.

Nesse tempo, nos bailes predominavam as músicas românticas, como o tango, o fox, o bolero e o samba-canção. As músicas eram verdadeiras

Acervo/Helena Moretin



Heleninha, aos 35 anos

mensagens de amor, de saudades e de renúncia, que passavam na voz de Heleninha. Foi assim por anos conquistando a amizade, o respeito dos músicos e a admiração dos que dançavam.

Porém, em 1963, ela parou de cantar. Não se sentia bem com as músicas da jovem guarda nem com o iê, iê, iê. Sua voz romântica e sua sensibilidade não combinavam com esses novos ritmos.

Nesse mesmo ano, Heleninha passava pelo momento mais triste e difícil da sua vida, o falecimento prematuro de dona Laura, sua mãe.

A dor da ausência e a saudade imensa lhe acompanharam por muito tempo. Tristeza partilhada com seu único irmão, Nelson, que também sofreu muito.

Nessa época, ela trabalhava no escritório das Casas Pirani, na Capital. Antes, seu primeiro emprego foi na tecelagem Casemira, empresa muito conhecida em São Caetano.

Os anos foram passando e Heleninha continuava com a voz clara, bonita e com o mesmo brilho e tonalidade, mas não queria cantar em público.

Passados dez anos, em 1973, convidada pelo maestro Osvaldo Lourenço, de São Caetano, Heleninha passou a fazer parte da grande Orquestra Real Baile da Saudade, do cantor Francisco Petrônio.

Fotos: Acervo/Helena Moretin



Heleninha com Francisco Petrônio



Orquestra Real Baile da Saudade, em 1976. Francisco Petrônio e Heleninha, a única cantora da orquestra durante 12 anos

Ela tinha a voz que faltava para emoldurar as canções românticas e sentimentais que reviviam momentos passados da história de cada um. Foram 12 anos como a única cantora da orquestra, revezando nas músicas apenas com Francisco Petrônio.

Viajando por quase todo o Brasil, conheceu dezenas de cidades, muitas visitadas por anos seguidos, nas quais era recebida com carinho e amizade pelas pessoas que participavam dos bailes.

A voz e as músicas tocavam os corações dos mais idosos, fazendo-os recordar os bailes e os tempos de juventude.

Especialmente nas cidades do Sul, terminado o baile, os casais procuravam os músicos para conversar e com Heleninha para agradecer. Diziam que as músicas que tinham cantado haviam feito eles se reencontrarem, mesmo sendo casados há anos. Outras pessoas falavam das saudades dos amigos, dos amores desfeitos e dos primeiros amores.

A grande orquestra, Heleninha, o grupo de casais dançarinos que se exibiam em músicas nacionais e internacionais coreografadas, Valdete (a jovem dançarina do charleston) e o grupo de técnicos de som formavam uma grande família. Eles tinham sempre a presença de seu idealizador, Francisco Petrônio, e sua mulher, Rosinha.

Os Bailes da Saudade não eram

tristes ou nostálgicos. Eram festas coloridas e alegres, muito bonitas para se assistir. Nem era preciso dançar para se divertir.

Por muitos anos, esse grupo alegrou, divertiu e fez verter lágrimas de um número infinito de pessoas. Infelizmente, no último mês de janeiro, a voz de veludo da saudade calou para sempre. Francisco Petrônio, que falava lindamente de saudade, hoje é uma saudade.

Naqueles 12 anos, as viagens eram sempre longas, cansativas e quase semanais. Preocupada com a saúde, Heleninha decidiu parar de cantar definitivamente. Mas sua voz se recusou a calar, a perder o brilho e a emoção que sempre transmitiu.

E muitos anos passaram.

Talvez por ter ainda que oferecer seu dom e seu carinho de tocar corações, Heleninha participou, em 2005, do 7º Concurso Talentos da Maturidade, organizado pelo Banco Real. E, na bela interpretação da música *Tango para Tereza*, foi escolhida entre 32 mil concorrentes.

Por escolha do exigente músico Frederico Ciotti, conhecido na TV como Derico, Heleninha ficou entre os cinco vencedores da categoria Música Vocal, todos os cinco premiados em primeiro lugar.

O Banco Real lhe deu destaque muito especial. Foi apresentada no programa de Hebe Camargo, entrevistada pela revista *Veja*, teve uma reportagem de página inteira no *Diário do Grande ABC* e na própria propaganda do Banco Real.



Helena Moretin, em Porto Alegre, no recebimento do prêmio do Banco Real, em 23 de novembro de 2005

A l é m disso, o Banco Real, por uma atenção muito e s p e c i a l , inseriu sua fotografia nos convites para a festa da entrega do p r ê m i o Talentos da

Maturidade e nos certificados de participação de 2006.

Helena Moretin, a Heleninha, não conheceu a glória efêmera, mas a admiração e o carinho de muita gente por muitos anos.

A menina que já nasceu quase cantando na rua Paraguaçu, no bairro Barcelona, viveu dois tempos importantes em sua vida e nas vidas de outras pessoas.

Quando jovem, sua voz levou romantismo e emoções a tantas moças e rapazes nas tardes dançantes. Mais tarde, anos depois, em seu segundo momento com a Orquestra Real Baile da Saudade, cantou para pessoas mais idosas, que lembraram e cultivaram as saudades mais queridas.

Há muito tempo disseram que a glória procurava os humildes. Aí estão dois momentos da vida de uma moça humilde que os sul-sancaetanenses podem e devem se orgulhar. Uma filha desta terra, mas muito mais conhecida e admirada bem longe daqui, que agora é apresentada aos leitores da revista *Raízes*.

(*) *Leonilda Verticchio, memorialista*

João Molinari: um cidadão de São Caetano

*Com mais de nove décadas,
João Molinari ainda recorda, com carinho,
dos primeiros anos de sua vida*

Fotos: Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



João Molinari durante depoimento dado à Fundação Pró-Memória, em 15 de novembro de 2006, em sua residência

Q uinze de dezembro de 2006. Dia de nossa entrevista para a 35ª edição da revista *Raízes* e, também, 91º aniversário de João Molinari, figura

marcante de São Caetano do Sul por ter participado, ativamente, de vários momentos do desenvolvimento da cidade. Entretanto, nas linhas abaixo, o destaque fica para o cotidiano da família Molinari, um típico grupo de imigrantes italianos, da região de Mantova, que, como tantos outros, iniciou sua vida na cidade. Filho de Benedito Molinari e Gina Varani Molinari, nasceu no ano de 1915, na rua Santo Antonio. Quando ainda era bastante jovem estudou por três anos na escola da Cerâmica e, depois, passou pela escola Roberto Simonsen.

O primeiro trabalho, como aprendiz, era o de auxiliar o pai na fábrica

de caulim. Ainda bastante novo, e com a ajuda do pai, abriu a Colchoaria São Caetano, situada à rua Alagoas. A colchoaria foi aberta em 1938 e funcionou até 15 de setembro de 1959. Foram bons anos de trabalho ao lado de outros oito funcionários na produção e uma porção de clientes espalhados por toda a cidade, uma vez que fazia e vendia os produtos.

João Molinari faz questão de ressaltar que, naquela época, os colchões de molas eram realmente artesanais, confeccionados com materiais inusitados, principalmente para os que conhecemos hoje em dia, como crina vegetal, lã e capim, além do tradicional algodão. E nosso entrevistado reforça que os favoritos de sua clientela eram os dois primeiros. Neste período, Molinari sempre fez doações para orfanatos e casas de pessoas necessitadas, fazendo questão de exercitar a solidariedade.

Durante toda a adolescência, João Molinari gostou muito de dançar e foi



Colchoaria São Caetano, localizada na rua Alagoas, 457. João Molinari (esquerda) e seu pai, Benedito Molinari

Fotos: Acervo/João Molinari



Foto tirada no dia do 91º aniversário de João Molinari. Da esquerda para a direita: Sônia Maria Siciliano Molinari (nora), Euclides Molinari, João Molinari, Ricardo Urbaneja (neto) e Janete Molinari Urbaneja



Capela Santo Antônio construída pela família Molinari

assíduo freqüentador dos clubes da região, como o São Caetano Esporte Clube, o Monte Alegre, o Corinthinha e o Guarani. E foi em um clube, como veremos logo abaixo, que João iniciou uma nova etapa de sua vida.

Outro fato marcante da vida de nosso entrevistado foi o de ter sido um dos fundadores do Clube São José Bochofílo. Também participou intensamente do União Operária de São Caetano, do qual é sócio desde 1937. Ser sócio se tornou uma tradição passada para filhos e netos na família Molinari.

João casou-se em 1938 com Pura Navarrete. Tiveram três filhos: Janete Molinari, Leonor Molinari (já falecida) e o caçula Euclides Caetano Molinari. Conheceu dona Pura no tradicional baile do Clube Monte Alegre, localizado na rua Minas Gerais. Tinha, então, 18 anos. Depois de formada, a nova geração da família sempre morou na rua Alagoas, no número 449, bem ao lado da colchoaria que ficava no 457. A união durou quase 70 anos, sendo que dona Pura faleceu em 13 de abril de 2005, com 87 anos.

A tradicional família Molinari morou quase toda na mesma rua Alagoas, em casas bem próximas, que pertenciam a Benedito Molinari, pai de João. Depois de vender a casa em que morou por muitos

anos, João Molinari passou a morar com a família na rua Pinto Ferraz, local em que permaneceu até pouco tempo atrás, antes de ir morar, atualmente, com a filha Janete, em uma pacata e bonita rua do bairro Mauá.

Um orgulho da família: a capela – No local em que Molinari viveu seus primeiros anos de vida, na atual rua Constituição, 38, foi erguida uma capela no ano de 1924, construída pela própria família Molinari. Chamada Capela de Santo Antônio, a construção foi uma forma de agradecimento ao santo, que veio da Itália em 1889. Era um dia como outro qualquer na residência dos Molinari, quando um raio atingiu a casa e as lâmpadas que estavam ao redor da imagem do santo derreteram por completo. Porém, nada aconteceu com as pessoas que ali estavam, deixando todos perplexos. Assim, em homenagem e agradecimento, foi construída a Capela Santo Antônio, ainda hoje um orgulho para a família Molinari.

Registramos, com muito pesar, o falecimento de João Molinari no dia 17 de junho, quando a revista já estava praticamente pronta.

(*) *Claudia Carleto Monteiro, jornalista*



Jaime e Alféa Pinton, em foto de 2006

Jaime e Alféa Pinton:

um amor de 56 anos por São Caetano do Sul

Jaime Pinton leva uma vida serena e tranqüila ao lado da mulher, dona Alféa, e de seu único filho, Jaime Pinton Júnior. De fala mansa e memória prodigiosa, nos conta passagens de sua vida, com a emoção brotando nos olhos a cada lembrança.

Numa gostosa rua do bairro Olímpico, na divisa com o Santa Paula, como se fosse uma pequena rua particular,

fica a residência dos Pinton. Uma casa agradável, ornamentada por uma intrigante árvore de Ibisco, de forma pitoresca, torneada por dona Alféa.

Filho de imigrantes italianos de Pádova e Gênova, a família de Antonio Pinton e Rosa Cozin desembarcou no porto de Santos em 24 de outubro de 1887, vindos no vapor Bretagne, com destino a Araras.

Jaime nasceu no interior paulista,

na cidade de Rio Claro, em 25 de junho de 1927. Conta-nos que seu nome seria Guilherme, pois este era o santo do dia, mas o pai desistiu desse nome, pois guilherme é também o nome de uma ferramenta usada na carpintaria. O nome Jaime foi dado em homenagem ao Dr. Jaime Cintra, um dos diretores da Cia. Paulista de Estrada de Ferro.

De acordo com nosso entrevistado, Dr. Jaime Cintra, vendo um serviço bem feito de carpintaria, perguntou quem o havia feito, apertando a mão do senhor Antonio e parabenizando-o. Emocionado, contou à mulher: “Hoje recebi o aperto de mão de um *maioral* da Paulista. Ele é um homem tão simples e veio dar a mão a um infeliz operário”. Emocionado com o gesto de seu diretor, deu o nome dele ao filho.

Seu Jaime, como a mulher o chama, sempre foi muito habilidoso, criando e inventando diversos objetos. Um deles foi um canivete de aço e chifre de boi, feito na lima, com o curioso cabo de uma perna feminina.

Com a saúde debilitada devido a uma pneumonia, seu irmão, Luiz Pinton, que residia em São Caetano, na rua Diários Associados, convidou-o para que aqui viesse, pois considerava que os ares da cidade lhe fariam bem. Luiz era sócio-proprietário da Recauchutagem de Pneus Prabi, anexo ao Posto Esso, que ficava na avenida Souza Ramos, 370 (a atual avenida Goiás). E assim, em 1951, aos 24 anos, trocou sua Rio Claro por São Caetano, vindo a morar com seu irmão e a trabalhar na Prabi.

Muito embora sua função fosse a de ajustador mecânico, no posto fazia todo o tipo de trabalho. Nas horas de folga, dava asas à sua imaginação, criando peças utilitárias, como a de um funil para colocar óleo no carro, de fácil manejo. Foi num momento de trabalho



Luiz Pinton e Julieta Bovolenta, irmão e cunhada de Jaime, em foto de 1962

com solda, no posto de gasolina, que conheceu seu amigo Francisco de Nicola Matarazzo, pedindo-lhe que o ensinasse a soldar, pois tinha uma fábrica de grampos para cabelo. Essa grande amizade é partilhada até os dias de hoje pelas famílias.

Outras grandes amizades foram cultivadas nesse período, como as de Antonio Esteves e Roberto Barati, professor na escola da General Motors.

Na Prabi, trabalhou até 1964. Depois, trabalhou como ajustador mecânico na Cia. Mormano, empresa de

Foto de 1954 da Recauchutagem de Pneus Prabi, de Luiz Pinton (sócio-proprietário), que ficava anexo ao Posto Esso localizado na avenida Souza Ramos, 370, atual avenida Goiás



derivados de arame, localizada no bairro da Água Branca, em São Paulo. Nessa empresa, trabalhou até a aposentadoria.

Depois de aposentado, foi



Fotos: Acervo/Jaime Pinton

A casa dos Pinton é ornamentada por uma intrigante árvore de Ibisco, de forma pitoresca, torneada por dona Alféa

Em 2005, o casal completou Bodas de Ouro. A celebração foi realizada na Paróquia São Caetano (Matriz Velha). Da esquerda para a direita: Jaime Pinton, padre Ernesto Cozer, Alféa Pinton e o filho Jaime Pinton Júnior



convidado a trabalhar com Francisco Nicola Matarazzo na fábrica Bimatex, fabricante de baquelita, instalada em São Caetano e posteriormente transferida para a Vila Prudente, como mecânico de manutenção.

Agora vamos falar de sua grande companheira e do grande amor de sua vida: dona Alféa Franciscato Pinton.

Os dois fazem um par inigualável, partilhando os passeios, as tarefas diárias, o cafezinho na sala e as conversas no sofá. Os olhos lacrimejam quando um se refere ao outro, com carinho e cumplicidade.

Filha de italianos de Treviso Portobuffolè, dona Alféa sempre seguiu os ordenamentos domésticos de sua mãe, dona Angelina, que dizia: “Demore o tempo que for necessário, mas faça o melhor que puder”, conselho este que a acompanhou durante toda a vida, nos deliciosos pratos que faz, nos bordados e na costura.

Seu Jaime a conheceu durante uma caminhada que fazia em uma gruta de Limeira, cidade vizinha a Rio Claro, em 30 de novembro de 1947. Namoraram durante oito anos e se casaram no dia 3 de dezembro de 1955.

Aos 72 anos, dona Alféa realizou um dos sonhos de sua vida: fazer o curso de decoração no IESCS. Ela exibe com orgulho o diploma.

A casa onde moram, desde o casamento até os dias de hoje, foi fruto da compra de um terreno pertencente a Joanin De Nadai, proprietário de uma chácara loteada nas imediações da rua São Paulo.

Depois de 13 anos de espera por um filho, nasceu Jaime Pinton Júnior, filho único, que reside com os pais.

Dona Alféa lembra com saudade das festas juninas na rua São Paulo, na Vila Paula, como também se lembra da dificuldade que era ter esgoto a céu aberto e falta de eletricidade.

Diz o casal que esta foi a cidade escolhida pelo coração para viver e não se cansam de elogiar todos os serviços oferecidos, como os dos Postos de Saúde, do atendimento preferencial dados pelos médicos e enfermeiros.

Terminando a entrevista com um delicioso sorvete de milho e chocolate, ficou-nos a impressão de que ali encontramos novos amigos. Ou melhor, pareciam antigos amigos que amam a cidade e que encontraram aqui, em São Caetano do Sul, o melhor lugar para se viver.

(Pesquisa e texto a cargo do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

Accácio Novaes

personagem de nossa história

Acervo/Família Novaes



Família Novaes em foto tirada na capital de São Paulo, em março de 1891. Da esquerda para a direita: Alice, Jorge, Anna de Menezes Novaes, Accácio Novaes (bebê de colo), Manoel José da Cruz Novaes, Antenora, Maria Amélia e América. As meninas sentadas são, da esquerda para a direita, Tereza e Amália. Nasceram após esta foto Guiomar, Gastão e Aurora

Todos os que vivem em nossa cidade, desde os tempos em que éramos subdistrito de Santo André, lembram de pessoas que, cada uma a seu modo, colaboraram muito para a formação de nossa história. Abordaremos neste artigo um nome que, inclusive, está perpetuado em uma das nossas praças públicas. Referimo-nos a Accácio Novaes, primeiro presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul.



Accácio Novaes e Amábile Previato Novaes, em Aparecida, no interior de São Paulo, em 18 de Junho de 1946

Para melhor completarmos nosso trabalho, fizemos uma visita à única filha viva do nosso biografado, Sílvia Novaes Borges, atualmente com 84 anos de idade, que nos atendeu gentilmente acompanhada do seu filho José Carlos Novaes Borges. Ao que já conhecíamos de Accácio Novaes, com quem convivemos e participamos juntos de algumas entidades, outros dados vieram ser adicionados, tornando este trabalho mais completo.

Nascimento - Accácio nasceu na cidade de São Paulo em 9 de junho de 1890 e era o oitavo dos 11 filhos do casal Anna e Manoel José da Cruz Novaes. Todos foram professores, médicos e uma concertista, e grande pianista, Guiomar

Novaes, de fama internacional. Estudou na Escola Normal Caetano de Campos, na qual foi colega e amigo do saudoso jornalista Cásper Líbero.

Aos 12 anos, perdeu o pai e foi morar com a irmã mais velha Maria Alice Novaes de Carvalho, mulher do Coronel Bonifácio de Carvalho, em São João da Boa Vista, no interior do Estado. Este seu cunhado, mais tarde, seria nome de um de nosso colégio estadual. Nessa cidade, trabalhou na Cia. Mogiana de Estrada de Ferro como telegrafista e escriturário.

De volta a São Paulo, passou a trabalhar na São Paulo Railway, na estação da Luz, como auxiliar de contabilidade. Em seguida, trabalhou na Fábrica de Cigarros Sudan e na loja A Cidade de Paris, retornando para a SPR/São Paulo Railway.

Casamento em São Caetano - Em 1913, foi transferido para trabalhar na estação SPR de São Caetano. Três anos depois, em 15 de janeiro de 1916, casou-se com Amabile Previato, que conheceu em São Caetano. Deixando seu emprego na estação, foi comerciante e vendedor de lenha para a indústria e, em 1920, arrendou uma olaria no bairro Prosperidade.

Em 1926, ingressou na Fábrica de Rayon Matarazzo, em São Caetano, como encarregado do departamento pessoal. Em 1955, aos 65 anos, aposentou-se com 29 anos de bons serviços prestados a essa empresa. Em 1954, no centenário de nascimento do Conde Francisco Matarazzo, em reconhecimento à sua destacada atuação na empresa, recebeu um relógio de presente que até hoje permanece com seu neto José Carlos Novaes Borges.

Atividades sociais - Accácio Novaes esteve sempre presente em atividades



O Juiz de Paz de São Caetano do Sul, Accácio Novaes, registra os casamentos do dia 9 de agosto de 1970

sociais. Em 1913, solteiro e funcionário da SPR de São Caetano, após o trabalho se encontrava com jovens que se divertiam jogando futebol. Integrou o grupo e fez ótimas amizades. No dia 1º de maio de 1914 esses jovens se reuniram na casa de Paulo Perrella e fundaram o São Caetano Esporte Clube.

Foi também fundador do Grêmio Instrutivo e Recreativo Ideal, o qual teve uma participação marcante na década de 1940, em São Caetano do Sul. Este foi um clube da elite sul-sancaetanense da época, voltado a sarau dançantes, grupo de teatro e jogos recreativos.

Em 1946, para uma reunião preliminar destinada a estudar a possibilidade de fundar uma Santa Casa em nossa cidade, o *Jornal de São Caetano* convidou um pequeno grupo de pessoas de destaque e Accácio Novaes estava entre os convidados. Participou de todas as reuniões preliminares até o dia 7 de dezembro de 1946, quando foi fundada a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano. Accácio foi o primeiro presidente do Conselho Deliberativo da entidade.

Foi fundador e também ocupou o cargo de presidente da SASC - Sociedade Amigos de São Caetano.

Político - Nos tumultuados dias de 1918, Accácio ocupava o cargo de subdelegado de polícia. A muito custo e com pulso firme conseguiu manter a lei, a ordem, o respeito e a tranqüilidade da obreira população sul-sancaetaense. Em 1924, por ocasião da revolução, serviu de intermediário entre o comando da tropa acantonada em São Caetano e a população local.

Entre outras atividades, também exerceu o cargo de Juiz de Paz em nossa cidade. Recebeu, merecidamente, o título de Cidadão Sul-sancaetanense e a Medalha do Centenário.

Eleito vereador pelo PSD nas eleições de 13 de março de 1949, na primeira reunião da Câmara Municipal, em 3 de abril do mesmo ano, foi escolhido para ocupar o honroso cargo de 1º presidente do Poder Legislativo de São Caetano do Sul.

Família e religião - Profundamente religioso, durante toda sua vida semeou o bem no auxílio aos pobres, às entidades de benemerência e aos doentes. Faleceu em 2 de março de 1981, com 91 anos, e desde sua aposentadoria, em 1955, até seu falecimento ampliou suas atividades e dedicou grande parte

*Dirigentes da
Sociedade
Beneficente
Hospitalar São
Caetano: Accácio
Novaes, primeiro
presidente do
conselho deliberativo
e Ângelo Raphael
Pellegrino, primeiro
presidente da
diretoria*



Fotos: Acervo/Fundação Pró-Memória

*Solenidade da
instalação da
Câmara Municipal
de São Caetano do
Sul e da posse do
primeiro prefeito, em
3 de abril de 1949.
Da esquerda para a
direita: Moyses
Chapeval, Ângelo
Raphael Pellegrino,
Accácio Novaes,
João Dal'Mas,
Anacleto
Campanella e
Victorio Marcucci*



do cotidiano em orações, sentindo prazer nesta sublime atividade.

Foi um marido exemplar, pai extremoso e consciente, coerente nas suas atitudes, na honestidade, na lealdade e na retidão de caráter que procurou transmitir aos filhos. Amou São Caetano que o recebeu, cidade em que se casou e nasceram seus filhos. Daí ter manifestado o desejo de aqui ser sepultado, embora sua família tenha um jazigo no cemitério da Consolação, em São Paulo.

Quando faleceu, há 26 anos, deixou viúva Amabile Previato Novaes e os filhos Manoel Cláudio, advogado; Hélio, químico; Hermosira e Sílvia Novaes Borges, todos já falecidos, além de 11 netos.

Como acreditamos ter ficado demonstrado nesta nossa narração, Accácio Novaes foi uma das pessoas que chegou em São Caetano, trazendo no seu bojo uma contribuição grande e valiosa para engrandecer a história desta cidade.

Ao encerrar este nosso trabalho, registramos, com muito pesar, que Sílvia Novaes Borges faleceu no dia 17 de abril de 2007, poucas semanas após a entrevista que nos concedeu, relatando detalhes da vida de seu saudoso pai.

(*) *Mário Porfírio Rodrigues, administrador de empresa, escritor e membro do Rotary Club*

Seu Abel

nos tempos das carroças de leite e pão

Hoje pegamos o carro ou vamos a pé a qualquer padaria ou supermercado próximos de nossa casa e compramos o leite e o pão para o café da manhã. Mas nem sempre foi assim em São Caetano. Antigamente, esses alimentos eram entregues nas casas por carroceiros, entre eles um dos mais famosos, Abel Vieira Barbosa. Durante mais de oito anos, Abel levou café da manhã na casa dos moradores de São Caetano. Por meio deste texto relato um pouco de sua vida e presto uma homenagem a esse personagem popular da cidade, que faleceu no início de 2006. Durante os anos em que viveu levou muita alegria aos moradores da cidade, pois adorava recitar os poemas de Fernando Pessoa.



Durante as primeiras décadas do século passado, o comércio e as ruas de São Caetano eram bem diferentes dos dias atuais. As vias públicas não chegavam nem perto do que são hoje. Eram estradas de terra, sem sarjetas ou calçamentos, que quando recebiam a chuva tornavam-se barros lodosos. Os vales do ribeirão dos Meninos e do rio Tamandateí eram disputados pelas olarias, e a cidade era cortada por trilhas e pontes. Também não existia

Acervo/Maria Emília Barros Barbosa



Maria Albina, mãe de Abel Vieira Barbosa



Abel Vieira Barbosa com 1 ano no colo de seu pai, João Barbosa, em foto de 1927

iluminação pública nas ruas, o que obrigava os sul-sancaetanenses portarem lampiões a querosene quando precisavam sair à noite. Por isso, não são poucos os relatos de antigos moradores obrigados a tirar seus sapatos e andar a pé longos trajetos para não sujarem os calçados. Por sorte, naquela época ainda não



Em 1978, a família já estava completa. Da esquerda para a direita: Maria Albina, Ana, Maria Emília (colo), Abel e Maria



Casamento de Ana e Abel realizado na Igreja de São Francisco de Assis pelo padre Jorge Nogueira, em 1969

existiam tantos carros de passeios e ônibus como conhecemos atualmente, mas sim carros de bois, charretes, carroças e troles de aluguel.

Os moradores contavam especialmente com as carroças, que serviam para tudo. Essas últimas permaneceram durante um longo período na cidade. Elas eram tão importantes que seus condutores possuíam carteiras, como as de motorista de carros. Eram os



Abel foi consagrado ao Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus pelo padre Jorge Nogueira, o mesmo que realizou seu casamento. Abel já havia participado do Apostolado da Oração, em Portugal

carroceiros, como o português Abel, que costumavam entregar leite e pão nas casas de São Caetano. A experiência como entregador durante muitos anos lhe fez descobrir um pouco de como as pessoas viviam e quais eram os melhores lugares para o seu trabalho. “Vim para o Brasil porque em Portugal a terra era pequena e eu queria melhorar de vida. Mas antes morei em São Paulo. Lá entreguei muito pão e leite no Belenzinho e na Mooca porque o povo era mais simples”, diz.

Contudo, antes de tornar-se entregador, senhor Abel foi proprietário de uma pequena padaria, na Mooca. Conforme relatou, somente em 1956 comprou uma carroça, ficando, desta forma, por mais um tempo em São Paulo. “Cheguei em São Caetano incentivado por um primo que entregava pão no Centro da cidade. Em São Caetano, o melhor bairro para trabalhar era o do Centro. Trabalhei como entregador de leite e pão durante 45 anos. Comecei com a carroça no início da década de 60 e fiquei até 68. Depois, passei a trabalhar no boteco na rua Oswaldo Cruz. Era muito difícil morar em São Caetano, não só pelas diferenças da língua, mas também pelas condições da cidade. Por sorte eu só entregava pães onde as ruas eram calçadas, pois nas de

terra era um barreiro só em dias de chuva. Acordava todos os dias às três da manhã, pegava o pão e entregava nas casas. Só voltava para casa ao meio-dia. Passava nas ruas João Pessoa, Goitacazes, Piauí, Martim Francisco e outras das redondezas. São Caetano tinha poucas padarias na época e por isso tínhamos espaço. Os donos das padarias nos chamavam e nós entregávamos os pães nas casas que eles estipulavam. Eu vivia bem,

mas com sacrifício. Apesar de tudo, tenho boas lembranças. Naquela época era melhor do que agora. Não havia inflação. Agora, o dinheiro é menos na mão do povo”, diz Abel.

A São Caetano que seu Abel conheceu na década de 60 era bem diferente. As ruas que ficavam atrás da Lemos Monteiro eram todas de terra e a Tijucussu era só brejo. “Conheci moças que moravam naquela região e precisavam carregar dois calçados para pegar ônibus. Atrás da Goiás, onde era a antiga prefeitura, havia uma bela nascente de água limpa. Criei-me andando nos córregos das ruas Piauí e São Paulo”, relatou Abel.

Até hoje, quando se lembra de como conheceu sua mulher, seus olhos brilham e ele gosta de recitar: *Deus quer, o homem sonha e a obra nasce*, de Fernando Pessoa. “Eu já morava aqui na rua Luis Fiorotti, perto do estádio, e era solteiro. Conheci uma prima dela, que me falou sobre a chegada de Ana, no porto de Santos. Falei brincando ‘vou buscá-la porque me casarei com ela’. Falei por falar. E não é que aconteceu tudo isso? Estava no destino. Nos conhecemos na alameda Conde de Porto Alegre. Nosso casamento foi elétrico. Me declarei em



Abel e Ana, 37 anos de casamento

novembro de 1968 e em fevereiro de 1969 estávamos casados”, ressaltou Abel.

Sua mulher, Ana Barbosa, que acompanhou atentamente o depoimento do marido, recordou o período que antecedeu o casamento. “Ele saía às três horas da manhã, almoçava e meu irmão tinha uma chácara na avenida Kennedy. Eles vendiam verduras. Naquela época era tudo brejo. Ele trazia a mula para pastar ali no brejo e vinha conversar com meus irmãos. Quando cheguei aqui ele já era conhecido da família. Viemos eu, minha irmã e minha mãe, pois meu pai já estava aqui. Nosso primeiro encontro foi em uma missa na Igreja São Francisco de Assis. Eu vinha com meu pai e, naquele domingo, chegando perto da casa de meu irmão, o Abel me chamou para conversar. Logo falou que queria se casar comigo. Eu não esperava. Foi uma surpresa. Naquela época era diferente de hoje. Não tinha esse namoro demorado. Trabalhava em Utinga e só via o Abel a cada 15 dias. Como éramos pobres, costurei o vestido de noiva. Queria casar de branco. Conclusão: comecei a costurá-lo em novembro e terminei em fevereiro, no dia da

cerimônia”, relembrou Ana.

O casal não tinha nada, nem enxoval. Os móveis foram dados por parentes. Só compraram guarda-roupa e cama. “Depois do casamento, ele já havia deixado a vida de carroceiro e comprado o boteco na rua Oswaldo Cruz. Passei a fazer salgadinhos para vender lá”, diz Ana.

Se voltasse no tempo, seu Abel mudaria algumas coisas em sua vida. Talvez teria ficado em São Paulo. Mas quem pode saber como seria sua história. Encerrando seu depoimento, Abel Vieira Barbosa refletiu: “Existem duas categorias de pessoas. Uma são vivas demais, conhecidas como as filhas do mundo. As outras ingênuas demais, as chamadas filhas da luz. Eu estava na segunda categoria. Minha vida não foi fácil. Não conheci minha mãe. Ela morreu quando eu tinha 10 meses. Fui criado pela minha madrasta e ela dizia: ‘aquilo que vem para o diabo para ele volta. Vale a pena você se sacrificar pela paz. Por ela não tem dinheiro que pague. Está escrito: o caminho do bem é espinhoso e estreito, mas conduz ao bom fim’”.

(*) *Priscila Gorzoni, jornalista*

Meu pai...

Abel Vieira Barbosa nasceu em 28 de agosto de 1926, na freguesia de Fânzeres, conselho de Gondomar, distrito do Porto, em Portugal. Era filho de João Barbosa e Maria Albina. Sua mãe faleceu quando ele tinha 10 meses. Algum tempo depois, seu pai casou-se novamente com Laurinda. A família cresceu e o pequeno Abel ganhou mais cinco irmãos: Maria Amélia, Antonio, Florinda, Ernesto e Albina.

Foi operário da indústria de curtumes do Porto. Depois, alistou-se no Exército. Chegou ao Brasil em fevereiro de 1956, de navio, pelo porto de Santos.

Fez diversos trabalhos, mas o mais marcante foi o de vendedor de pães, com uma carroça, pelas ruas de terra de São Caetano do Sul. Ganhou a simpatia da clientela e tornou-se uma figura popular na cidade.

Dentre tantas famílias que faziam parte de sua clientela, uma de portugueses, que morava no bairro Santa Maria, na alameda Conde de Porto Alegre, tornou-se especial. Era a família do senhor João e da dona Maria Graciosa. Uma das filhas do casal, chamada Maria Emília, uma criança muito extrovertida, estava contente porque sua avó e suas tias mais novas estavam de mudança para o Brasil. E o senhor Abel brincou com a menina, dizendo que se casaria com uma de suas tias. A menina, enciumada, disse que ele era muito velho para casar com suas tias. Mas o destino já havia sido traçado por Deus!

Em março de 1966, Ana chegou ao Brasil. No fim de 1968, Abel conversou com Ana e combinaram o casamento, mesmo sem namoro. Nem era preciso, pois o destino já havia se encarregado de enamorá-los. Casaram-se em fevereiro de 1969 e trabalharam juntos em seu bar, na esquina das ruas Osvaldo Cruz e Monsenhor Francisco de Paula, no qual também moraram (o imóvel era alugado e ainda existe, mas está desocupado há anos).

Nasceram as filhas Maria Albina, Maria e Maria Emília, esta última afilhada daquela outra Maria Emília, a menina portuguesa que havia anunciado para Abel a chegada de sua tia Ana ao Brasil. Aliás, todas as filhas do casal têm os nomes de suas madrinhas, uma tradição portuguesa, na qual os

afilhados recebem os nomes de seus padrinhos.

O casal era (e, de certa forma, ainda é) participante ativo da comunidade da Paróquia São João Batista, na qual comemoraram vários momentos marcantes da família e desfrutaram da amizade de várias famílias da paróquia. Abel era muito conhecido por sua eloquência como leitor da comunidade.

Faleceu em 10 de maio de 2006, aos 79 anos, por complicações renais. Assim, pôde realizar dois de seus grandes desejos: não tornar-se dependente de remédios e máquinas em sua velhice e, finalmente, conhecer sua mãe. O português mais famoso do bairro queria muito conhecer sua mãe, que faleceu tão jovem e quando ele era apenas um bebê. Dela Abel guardava, com muito carinho, duas únicas fotos tiradas no início da década de 1920. E Deus, em sua infinita misericórdia, lhe concedeu tal graça.

Seu Abel não estará mais na igreja para fazer uma das leituras da missa, como tradicionalmente fazia. Mas, com certeza, os ecos de sua voz e seu sotaque continuarão a ser ouvidos dentro daquele templo, divulgando as palavras de Deus que ele tanto amava.

Gostava e valorizava sua independência para fazer seus passeios, trabalhar, ir à igreja, à padaria, sair para encontrar seus conhecidos na rua e contar suas histórias. Era especialista em lembrar acontecimentos e pessoas, falar da história e política, fazer piadas inocentes e falar de sua terrinha. Uma memória privilegiada para fatos e datas. Quem teve o prazer de conhecê-lo, sabe bem disto.

É difícil nos alegrarmos neste momento. A saudade - palavra que só existe no idioma de sua terrinha querida - é grande. É a dor egoísta da perda. Mas devemos lembrar que a morte é o início da vida eterna. É o tão esperado encontro com Deus e o reencontro com aqueles que amamos nesta vida terrena. É o início de uma nova vida, abençoada, sem dor, sem sofrimento e em paz.

Combati o bom combate, terminei a minha carreira e conservei a fé. (2 Tim,4,7)

Maria Emília Barros Barbosa, filha de seu Abel



Ano de 1950. Salão de barbeiro localizado na rua 28 de julho, 165. Da esquerda para a direita: Silvio Luluski (barbeiro), Oscar Garbelotto, (?) oficial de barbeiro, (?) cortando a barba, Luiz Paulillo, Duílio Giorgetti, Idalino Braido e Joanin Braido



Silvio Luluski, hoje com 73 anos

As mãos santas de Silvio Luluski

Nascido em Ribeirão Preto, em 28 de fevereiro de 1933, Silvio Luluski é filho de imigrantes iugoslavo e italiano. O sentimento que tem por São Caetano do Sul, cidade que o acolhe desde os 3 anos, é o amor. Orgulha-se de sua vida ter se misturado ao desenvolvimento da cidade, por isso a considera como sua terra natal.

Em 1936, com a crise do café, seus pais resolveram tentar uma nova vida, migrando para São Caetano. Instalaram-se no bairro Fundação, único lugar, até então, que existia alguma coisa. O resto era tudo mato. Ali habitava uma grande colônia italiana responsável pela fundação da cidade.

Seus pais começaram a trabalhar nas indústrias Matarazzo e ele, quando completou 7 anos, ingressou no Grupo Senador Fláquer, tendo concluído ali seu curso primário. Aos 11 anos, começou a trabalhar como aprendiz de barbeiro no salão do senhor Luiz Paulillo, tio do ex-prefeito Walter Braido.

Aquele salão era freqüentado pelos moradores do bairro Fundação, portanto, a maioria de italianos. Silvio considera o local sua segunda escola. Por ter estudado muito

pouco, fala que foi com os italianos que aprendeu a viver.

Já em 1964, resolveu montar seu salão na avenida Paraíso, no bairro Nova Gerty, próximo ao local onde mora até hoje. Seu salão foi inaugurado num domingo com a presença de Walter Braido, que tomaria posse no cargo de prefeito da cidade naquele dia.

Por suas mãos passaram, e tem passado, pessoas muito importantes da cidade. Adora o lugar onde mora e fala que a avenida Paraíso tem um ambiente maravilhoso. Sempre pôs muita fé no comércio da Vila Gerty, sendo um ardente defensor desse bairro.

Hoje, aos 73 anos, orgulha-se da família que construiu: sua mulher Cezarina, suas duas filhas, genro e netos e de sua própria história, pois se considera um vencedor. Continua, ainda, com seu ofício, atendendo seus clientes. Alguns ainda do tempo em que começou. E não cansa de dizer que não existe nenhuma outra cidade igual a sua São Caetano do Sul.

(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

O italiano **Ciro De Siena**, mais conhecido como **Zulu**, chegou a São Caetano do Sul no dia 11 de abril de 1958, na companhia do pai, **Vincenzo De Siena**, e da irmã, **Esperanza**. Já estavam na cidade, desde 1952 e 1954, respectivamente, os seus irmãos **Michele** e **Giuseppe De Siena** (este último um conhecido fabricante e vendedor de calçados que mantinha um estabelecimento na praça **Cardeal Arcoverde**).

Em virtude de ter vindo com um ofício definido, visto que aprendera os segredos da profissão de barbeiro ainda em sua cidade natal (**Sarno**, Província de **Salerno**, no sul da **Itália**), não encontrou dificuldades para conseguir trabalho. Sendo assim, logo se empregou no então **Salão Comercial** (rua **Rio Grande do Sul**), do também italiano **Miraldo Mazza**. Alguns anos depois, mais precisamente em 1964, quando a barbearia já havia mudado o nome para **Salão Bi-Campeão** (numa referência ao título conquistado pela **Seleção Brasileira** na **Copa do Chile**, em 1962), **Mazza** passou a contar também com os serviços de **Márcio Roberto Borges**, o **Mineiro**. Proveniente da cidade de **Jesuânia**, em **Minas Gerais**, na qual adquiriu os conhecimentos da profissão, **Mineiro**, logo que se instalou no município, também conseguiu ocupação na barbearia.

No ano seguinte, **Miraldo Mazza** negociou o salão com o compatriota **Ciro De Siena**, que, em razão disso, passou a emprestar o apelido ao local (**Salão Zulu's**). Em 1976, **Zulu** e **Mineiro** se tornaram sócios, originando, assim, a parceria que se mantém até os dias de hoje.

(Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória)



Zulu (à esquerda) e Mineiro em plena atividade na barbearia, em 1966

Zulu e Mineiro: uma parceria que tem história para contar



Zulu e Mineiro em dois momentos distintos. A primeira é de 1966, enquanto a outra é do início da década de 1980

Festa de São Caetano no Lázio

Quando eu era criança (e olha que faz tempo!), a mais importante festa comemorativa da cidade não era o 28 de julho, como é hoje, e sim o 7 de agosto. Essa data era a festa do santo padroeiro da cidade, São Caetano di Thiene e, como não precisamos nem falar da influência católica na época, era o calendário litúrgico que prevalecia nessa comemoração.

Em crônica anterior, a revista *Raízes* número 33, já mencionou esse aspecto, lembrando a missa campal realizada em todo 7 de agosto pela manhã na então Igreja Matriz de São Caetano (matriz velha, no bairro Fundação).

Mas o ponto alto da festa de cada ano era, sem dúvida, a queima de fogos de artifício no Lázio.

O Lázio era o espaço compreendido entre as ruas Rio Branco, Conde Francisco Matarazzo e Ceará, além do rio Tamanduateí, na avenida dos Estados.

Se vocês olharem hoje para essa área da cidade, totalmente ocupada, não terão a mínima idéia do que ela foi há cerca de 50 anos. Essa enorme área era formada por terrenos alagadiços, capaz de abrigar vários campos de futebol, nos

quais o nome várzea tinha tudo a ver, tanto no sentido lato da palavra quanto nos chamados times de várzea.

Apesar do nome Lázio dado a todo aquele espaço existiam vários campos de futebol, além do próprio Lázio (São Cristóvão, Vila Alpina), e outros times lá mandavam seus jogos (América do Sul, Vila Bela, Paulistinha).

Pois era lá, na várzea do Lázio, que toda noite de 7 de agosto se encerravam as festividades de São Caetano com o show pirotécnico.

Não importava a situação climática reinante na ocasião. Lá íamos, a família toda e todas as famílias, no único programa imperdível, que era a sensacional queima de fogos.

O 7 de agosto, na verdade, para os que têm um pouco de memória, era quase sempre um dia muito frio, mas àquela época, naquela várzea e, ainda por cima à noite, era um gelo. Não raro, era fácil perceber que as crianças pequenas gritavam, aproveitando os estouros ou os matizes coloridos dos fogos, muito mais para extravasar gemidos de frio do que para manifestar admiração.

E foi exatamente numa dessas noites frígidas de 7 de agosto que a festa se transformou em suspense, medo e horror. O fogueteiro responsável, em meio ao foguetório, estava inconformado com uma bateria de fogos que não se acendera. Logicamente, só ele sabia o resultado do show programado, pois o público jamais perceberia a falta de alguns fogos.

Na escuridão total do Lázio,

somente quebrada quando os fogos estouravam no céu, a sombra do fogueteiro tentando fazer alguma coisa em relação aos fogos teimosos ganhou nuances jamais pensadas. De repente, os tais fogos teimosos, como se diz hoje em dia, do nada, começaram a estourar no chão. O público, que estava entretido olhando para cima, embora suficientemente afastado do local das baterias, entrou em pânico.

Somou-se o suspense de querer descobrir o que ocorria com o fogueteiro, o medo de que os fogos rasteiros pudessem vir ao encontro do povão e, finalmente, o horror criado por algumas pessoas que já anteviam uma catástrofe.

Se aquelas cenas tivessem sido filmadas, provavelmente os efeitos visuais teriam inspirado a invenção da luz estroboscópica algumas décadas antes de sua descoberta.

Momentos breves e infundáveis, de puro pavor e imensa aflição, até que terminasse definitivamente a queima de fogos. As pessoas de imaginação fértil e senso apurado de tragédia, enfim, os modernos arautos do apocalipse, juravam ter visto pedaços do fogueteiro voando pelos ares.

Num cenário como aquele, em meio à confusão reinante, ninguém teve coragem, logo após o fim da queima de fogos, de correr para o centro do foguetório, onde se supunha estar o que teria restado do fogueteiro.

Mas, São Caetano (o santo) estava de plantão, afinal de contas, era o dia dele na escala de trabalho litúrgica e, ainda por cima, ele fora destacado para o serviço no turno da noite.

Assim, passado o burburinho dos fogos, a fumaça se assentando, as pessoas tentando se acalmar e recompor eis que uma figura branca de medo e de luar é encontrada no meio da multidão: era o

fogueteiro, são e salvo! Reconhecido por alguns de seus amigos presentes, ele mal conseguia respirar, não só pelo susto, mas também pelo pique que ele dizia ter dado na hora em que, tendo se aproximado do foco dos fogos, o primeiro foguete estourou no chão, próximo dele.

Com certeza, se alguém houvesse cronometrado, até hoje estaria registrado na Fundação Pró-Memória o recorde mundial dos 100 metros rasos batido pelo fogueteiro, com medalha para São Caetano (a cidade)! E ainda haveria aquele menos avisado que, sem saber do caso, diria: esse atleta é fogo!

O único senão nesta estória é não sabermos o nome dessa ilustre figura do fogueteiro ligeirinho. É possível que alguém se recorde e oportunamente divulgue o nome do dito cujo, mas enquanto isso não acontece, nós o estamos colocando em destaque aqui.

Ele, já lá no céu, vai ficar muito feliz, tanto por ter sido lembrado quanto porque vai poder dizer a São Caetano (o santo) ‘aqueles caras de São Caetano (a cidade), em se tratando de memória, são *foguetes*, pois até hoje se recordam que o Senhor me salvou!

(*João Tarcisio Mariani*)

A alegria deu lugar à tristeza

No início dos anos 60, o transporte coletivo entre São Caetano e Santo André não era tão intenso, principalmente para a juventude, que guardava seu rico dinheirinho para momentos de maior descontração. Por isso, era comum jovens caminharem pelos trilhos dos trens rumo à cidade vizinha.

O atual vice-prefeito de São Caetano do Sul, Walter Figueira Júnior, foi testemunha dessa realidade. No final de 1963, ele foi convidado para um baile de formatura que aconteceria nos salões do Moinho São Jorge, em Santo André. Tratava-se de uma escola de São Caetano do Sul.

Walter Figueira reuniu alguns amigos, todos vestidos em trajes de gala, e partiram felizes pelos trilhos dos trens. O baile começou por volta das 22h e transcorreu alegre até por volta da primeira hora do dia seguinte, quando foi anunciada a valsa para os formandos. Momento mágico em que se poderia imaginar quatro estações fabulosas que poderiam muito bem ter servido de inspiração a Vivaldi. A explosão dos botões da primavera, o céu brilhante do verão, as árvores pintadas de vermelho vivo e o amarelo-laranja do outono, ou a camada enfeitada de neve macia do inverno.

A valsa desenvolvia-se com as cores de Straus, emocionando muitos jovens formandos e seus respectivos familiares presentes. Foi quando um dos pares se desfez, porque o pai da jovem sentiu-se mal e caiu. A música cessou e as preocupações começaram. Estava presente um médico, o doutor Bottas, que prestou os primeiros atendimentos ao senhor caído. Nada pôde ser feito, em verdade. O óbito era realidade. A emoção de ver a filha se formando foi demais. O coração não resistiu.

Estava terminada a festa. A alegria transformou-se em tristeza. Os jovens presentes ainda tentaram, em vão, reanimar o ambiente recomeçando o baile. Impossível. Não restou mais nada ao bom Walter Figueira e seus amigos, senão retornarem pelos trilhos dos trens para São Caetano.

(João Bresciani)
RAÍZES

Homenagem ao Benedito dos Santos

Um domingo, passando pelo campo do São Caetano, vi que entravam só adultos. Como eu sabia que o time estava jogando em outra cidade, pois acompanhava os jogos perguntando aos mais velhos, fiquei surpreso com a movimentação do público. Então resolvi saber.

Avistei um homem carregando algumas cadeiras da sede para o campo e ofereci-lhe ajuda. Ele me deu uma cadeira, coloquei-a sobre minha cabeça e entrei no campo, conseguindo o que queria. O porteiro deve ter visto, mas fez que não viu.

Logo em seguida, deixei a cadeira no campo e saí correndo para o meio do aglomerado de gente. Vi então um tablado cercado com cordas por todos os lados. Não sabia o que era aquilo, pois nunca tinha visto coisa igual.

Olhava para todos os lados e, de repente, escutei falar que era um ringue de lutar boxe. Mas o que era um ringue de lutar boxe? Eu também não sabia! O que era lutador de boxe? Ouvia muita conversa e ficava atento a tudo.

Em meio a tantas dúvidas, surgiu um lutador negro, forte, um gigante. Foi muito aplaudido. As pessoas falavam que era o Benedito dos Santos, um lutador peso pesado que iria fazer uma exibição com sombra, isto é, uma apresentação individual.

Diziam que este lutador havia se machucado, anos antes, em uma luta e que isso o deixara impossibilitado de lutar. A

bem da verdade, seu estado físico não permitia nem mesmo a exibição com sombra e, por isso, restringiu-se a saudar o público de cima do tablado.

O público presente aplaudiu, gritou pelo seu nome e ele, emocionado, retirou-se do ringue.

Em homenagem a Benedito dos Santos, os lutadores Vitório Manini e Ítalo Ugo, famosos na época, apresentaram-se em luta exibição.

Foi um domingo especial para mim. Primeiro, porque nunca havia assistido a uma luta de boxe. Segundo, porque emocionei-me ao ver de perto um ídolo do boxe brasileiro.

(Duílio Iannaccaro)

Dignificante gesto do guarda de trânsito

Grças a Deus, existe em São Caetano do Sul o heróico e apostolar Corpo de Fiscalização do Trânsito, organização municipal na qual pontificam homens voltados para o bem público, sempre presentes nas situações difíceis que a cidade atravessa. Dentre esses heróis, destaca-se o guarda número três que, sem dúvida alguma, é digno dos mais expressivos encômios, pois sua ação é segura e serena, enérgico sem ofender, pautando na delicadeza e no desempenho de sua nobre missão.

Esse guarda de trânsito, Antonio José da Silva, como tantos abnegados, é o responsável pelas crianças do grupo escolar Senador Fláquer. É um exemplo frisante de zelo. Tem um cuidado tão acentuado que não é exagero dizer que ele é tão cuidadoso quanto os pais daquelas

crianças, que atravessam a rua inocentemente, sem ver o perigo a que se expõem.

Há dias atrás, esse guarda Antonio José da Silva, topou com um louco no volante. O homem estava alcoolizado e, numa carreira desenfreada, sem o menor conceito de direito da vida de seus semelhantes, colocou em perigo a vida daquelas criaturinhas que estavam sob os cuidados do dito guarda. Passou com seu veículo trepidante por entre as crianças em flagrante desrespeito ao sinal. Foi graças a Deus e à serena atitude do guarda que não aconteceu um acidente de proporções imprevisíveis.

Rapidamente, usando outro veículo, o guarda foi em perseguição do volante voluntarioso e, após alcançá-lo, exigiu que o mesmo voltasse ao ponto de desrespeito. Com uma verdadeira profissão de fé explicou o quase crime que o profissional praticara.

Foi tão eloqüente a lição de moral aplicada que, sem dúvida, é um exemplo frisante de caráter desse guarda.

(Crônicas da Cidade – Jornal de São Caetano, 4 de novembro de 1953)

M e m ó r i a F o t o g r á f i c a

Acervo/Joselena de Lima Moraes Giannini



Família de José Cravo de Moraes, em foto tirada no dia 27 de outubro de 1956, na esquina das ruas Tiradentes e Rafael Correia Sampaio. Na ocasião, foram comemoradas as Bodas de Prata do casal José Cravo de Moraes e Helena de Lima Moraes. Da esquerda para a direita: José Cravo de Moraes Filho (Cravinho), Joselena de Lima Moraes, Theonilo de Lima Moraes, Helena de Lima Moraes e José Cravo de Moraes

Acervo/Walter Cornachini



Maria Conceição Cornachini e Walter Cornachini, em Aparecida, em julho de 1960

Acervo/Ítalo Dal'Mas



Entrega dos diplomas conferidos pelo Grêmio Estudantil 28 de Julho, entidade máxima dos alunos do Colégio Estadual e Escola Normal Coronel Bonifácio de Carvalho, aos médicos, políticos, advogados, estudantes e empresários que se destacaram no exercício de suas profissões, na noite de 14 de dezembro de 1960, nos salões do Clube Comercial, antes da realização do Baile do Pinguim



Carnaval de 1930 em São Caetano. Da esquerda para a direita: América, Rosa, Laura Cavallini, Nena e Italia Paolone

Coral São Luiz Gonzaga da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, fundado em 8 de dezembro de 1961. À frente, o padrinho do coral, Júlio de Melo, e à esquerda, em pé, o maestro Otávio Gonçalves Buges



Foto do time do São Caetano Esporte Clube, em 1947. Da esquerda para a direita: Nelson (diretor esportivo), Cabeção, Dito (goleiro), Américo, Filet, Marcos, Netto, Zaparole, Biza e Antonio (torcedor). Agachados, da esquerda para a direita: Rino, Zequinha, Nelson, Walter (Chalaça), Vardemo e Lazinho



Time de futebol da Congregação Mariana do Bairro São José, bicampeã da Diocese Santo André, em 1956. Da esquerda para a direita, em pé: Roque, Marsom, Calsavara, Ziza, Zito, Liberato e Sérgio. Agachados, da esquerda para a direita: Bagassada, Alfeu, Paraná, Narcizo e Armando



Acervo/João Tarcísio Mariani



Alunos do Instituto de Ensino de São Caetano de 1962. 1-Maria Josefa Vargas, 2-Cleopatra Polí, 3-João Alberto Lopes Sanz, 4-José Pereira da Silva, 5-Antônio José Testa, 6-Ludgero José Patarro, 7-João Tarcísio Mariani, 8-professor José Dyrajaia Barreto Rodrigues, 9-José Petrucci, 10-Paulo Marchesan, 11-Celso C. Camargo, 12-Nelson Savioli, 13-José Antônio Cobo, 14-Claudio Szulak, 15-Emílio Froez de Abreu, 16-Francisco Vargas, 17-Wanderlei da Silva, 18-Luiz Antônio Cicaroni, 19-Gilberto Manzo, 20-Norma Arantes Soares Lopes

Acervo/Narciso Ferrari



Olinda F. C., no campo do Bonsucesso F.C., em 1948. Em pé, da esquerda para a direita: Elídio, Zezinho, Pavão, Lilo, Afonso, Pedrinho e o diretor presidente Ditinho. Agachados, da esquerda para a direita: Joanin, Rogério, Bacuri, Nheque e Rubens

Exposições

Acervo/Fundação Pró-Memória

Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



Cartas de Amor

Elas já foram o único meio de comunicação à distância existente. Sua chegada era motivo de felicidade. As cartas, ou mais especificamente, as cartas de amor foram tema de exposição do Museu Municipal. A exposição *Cartas de Amor* foi aberta em 21 de novembro de 2006 e ficou em cartaz até 23 de fevereiro deste ano, com o objetivo de resgatar o ritual que envolvia a escrita de uma carta de amor ou de amizade.

Por meio das dezenas de cartas e cartões, foi possível analisar as relações amorosas do passado e do presente, entre namorados, casais, amigos, pais e filhos. A mostra ainda apresentou reproduções de cartas de pessoas conhecidas no Brasil e no mundo. Além disso, grandes painéis, com imagens de obras de arte que têm a carta de amor como tema, coloriram o espaço expositivo.

Retratos de uma Época

A década de 1950, um dos períodos mais ricos da história de São



Caetano do Sul, foi o tema da exposição *Retratos de uma Época*, aberta no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes, no dia 30 de janeiro. Por meio de 29 imagens, a mostra flagrou a sociedade local em diferentes momentos, desde as atividades rotineiras da população até a presença dos munícipes em eventos políticos, sociais, culturais, esportivos e religiosos.

O objetivo foi resgatar o cotidiano de uma São Caetano ainda muito jovem enquanto cidade autônoma, mas muito madura do ponto de vista econômico. A exposição ficou em cartaz até 30 de março.

Aquarelas

A Fundação Pró-Memória abriu, dia 8 de fevereiro, na Pinacoteca Municipal, a mostra *Aquarelas*, com obras dos artistas do Núcleo de Aquarelistas da Fasm (Faculdade Santa Marcelina), de São Paulo. Flores, paisagens, figuras humanas e abstratas foram os temas das 86 obras da exposição. Ao todo, 39 artistas do Núcleo mostraram seus



Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória

trabalhos, que utilizaram a aquarela como linguagem artística.

Com sede em São Paulo, o Núcleo de Aquarelistas foi criado em 1987 pela artista plástica Iole Di Natale. Com o objetivo de apoiar, incentivar e promover ações que divulguem a aquarela, o Núcleo já participou de exposições nacionais e internacionais. Esta foi a primeira mostra do grupo em São Caetano. *Aquarelas* ficou em cartaz até 31 de março.

Nísia Floresta – Uma Mulher à Frente de seu Tempo



Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória

de sua sede administrativa.

A mostra é resultado de uma parceria da Fundação Pró-Memória com o Banco do Brasil, que desenvolve o Projeto Memória, em parceria com a Petrobrás, para divulgar, por meio de exposições

itinerantes, a vida e a obra de importantes personalidades brasileiras.

Em sua décima edição, o Projeto Memória homenageou a educadora e escritora Nísia Floresta, precursora dos ideais feministas no Brasil. Além de lutar pelos direitos das mulheres, defendeu ainda os índios e os negros, sendo incluída no grupo de abolicionistas do país.

Postais Urbanos de São Caetano

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul fechou uma parceria com a construtora Gafisa para a realização da exposição *Postais Urbanos de São Caetano*, que foi promovida de 16 de março a 15 de abril, no estande do primeiro empreendimento da construtora na cidade: o Isla Residence Club.

Quem visitou o local pôde conhecer, além do primeiro condomínio com



Acervo/Fundação Pró-Memória

conceito de clube da cidade, um pouco sobre a história de São Caetano. A exposição apresentou 47 imagens do acervo do Centro de Documentação Histórica da Pró-Memória, que fazem referência à arquitetura sul-sancaetanense em diferentes períodos históricos.

Reunindo imagens de monumentos, edificações comerciais e residenciais, além de fotografias panorâmicas, a mostra sugere uma análise das modificações sofridas pela paisagem urbana da cidade no decorrer dos anos. As peculiaridades de prédios antigos estão ao lado de traços arquitetônicos mais recentes.

Retratos dos Anos 80

Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



A Fundação Pró-Memória abriu, no dia 20 de março, a exposição *Retratos dos Anos 80*, no campus Aliberti, da

Faenac (Faculdade Editora Nacional).

Composta por 40 fotografias que resgataram paisagens, comportamentos, pessoas, acontecimentos e edifícios da cidade no início da década de 1980, a mostra foi uma boa oportunidade para as gerações mais novas relembrem o passado. As imagens são registros que ilustraram diversas reportagens da época, publicadas em jornais da região.

O autor das fotos é Almir Pastore, fotógrafo que atuou como repórter fotográfico nos jornais *Folha de São Caetano* e *Sancaetanense Jornal* entre os anos 1981 e 1983. A exposição *Retratos dos Anos 80* ficou no local até 31 de maio.

E o baile vai começar...

Acervo/Fundação Pró-Memória



Inspirada na música, a exposição *E o baile vai começar...* (em cartaz no Salão de Exposições II, no Espaço Verde Chico Mendes, de 30 de março a

25 de maio) fez um passeio pelas orquestras, conjuntos e bandas que fizeram o sucesso de muitas festas e diversos bailes de São Caetano em décadas passadas.

Os grupos musicais começaram a

surgir na década de 1920, com a formação de jazz-bands. As 26 imagens da exposição resgataram momentos de grupos como Bando da Lua e seu Jazz, Batista e sua Orquestra, Carioca e sua Orquestra, Jazz Band São Bento, Corpo Musical Casa de Savóia, Orquestra Copacabana e Orquestra Guarany, entre outros.

E o baile vai começar... apresentou a evolução da atividade musical da cidade, chegando à década de 1960, quando surgiram grupos inspirados na banda inglesa *The Beatles*, mais ousados e jovens, e que passaram a animar as domingueiras dos clubes de São Caetano.

Imigração e Cultura Germânica

Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



Seguindo a tradição de, uma vez por ano, realizar uma mostra com enfoque em uma corrente migratória específica presente em São Caetano e na região do Grande ABC, o Museu Municipal homenageou os povos germânicos e inaugurou, no dia 12 de abril, a exposição *Imigração e Cultura Germânica*.

Apresentando objetos como relógios, quadros, louças, bonecos, utensílios de cozinha e artesanato, entre outras peças, a exposição contou um pouco da história dos imigrantes germânicos na região. Em São Caetano

essa trajetória foi marcada pela criação de instituições como a Sociedade União Teuto-brasileira (atual União Cultural de São Caetano do Sul), fundada em 1929 como um local para a reunião dos imigrantes.

Além dos objetos, fizeram parte da exposição, em cartaz até o dia 29 de junho, fotografias, documentos e livros dessas instituições, ao lado de materiais emprestados por famílias de origem germânica.

Tridimensionais

Fotos: Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



De 19 de abril a 31 de julho, a Pinacoteca Municipal realizou, pela primeira vez, uma exposição simultânea que reuniu somente esculturas.

Tridimensionais apresentou 82 obras dos artistas Eduardo Garudah, J. Garbin, Priscila Gorzoni e Tony Gonzagto.



O jornal é a principal matéria-prima do músico, cenógrafo e escultor Eduardo Garudah, de São Paulo. Por suas mãos, o papel se transforma em

relicários e esculturas muito coloridas, que têm como tema principal imagens religiosas do Tibet. Garudah participou da mostra com oito obras.

J. Garbin, de São Caetano, é um escultor do ferro. Ele repuxa, solda, molda e oxida o metal, transformando-o em repuxados, contornos e cortes. Suas obras

remetem ao calor e às cores ibéricas. Garbin apresentou 13 esculturas na mostra.

Além de escultora, Priscila Gorzoni, também de São Caetano, é antropóloga e jornalista. Inspirada nas figuras femininas, a artista trabalha com madeira, concreto celular e, principalmente, com argila. Cerca de 30 obras de Priscila integraram a exposição.

O piauiense Tony Gonzagto, formado em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo, já participou de exposições no Brasil e no exterior. Artista contemporâneo, utiliza em suas obras pedaços de madeira, fragmentos de construções e papel. Gonzagto participou com 31 obras.



Ciesp: 50 anos em São Caetano do Sul

O Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo) está completando 50 anos em São Caetano do Sul e a Fundação Pró-Memória fez parte das comemorações com a exposição *Ciesp: 50 anos em São Caetano do Sul*.

Por meio de imagens do Centro de Documentação Histórica da Pró-Memória e do acervo pessoal de antigos associados

Acervo/Fundação Pró-Memória



do Ciesp, a exposição retrata os primeiros anos de atividades da entidade sul-sancaetanense. As 23 imagens mostraram os primeiros conselheiros e diretores, flagrantemente de participações em eventos

importantes, como as *Convenções dos Industriais do Interior*, e outros encontros.

A exposição ficou em cartaz no Campus II da Universidade Imes de 22 de maio a 30 de junho.

Projetos

Cidadão da História



O mais novo projeto da Fundação Pró-Memória, chama-se *Cidadão da História*, homenageia os moradores

mais antigos dos bairros da cidade, além de comerciantes e profissionais estabelecidos no local há mais tempo. O objetivo é reconhecer e valorizar a participação dos cidadãos na formação de cada bairro.

As homenagens são realizadas nas edições do programa *Bairro a Bairro*, iniciativa da Administração Municipal, que beneficia todos os bairros da cidade.

“O projeto, além de resgatar nossas origens, reconhece os responsáveis pela construção desta dinâmica cidade”, avalia o presidente da Fundação Pró-Memória, Aduino Campanella. Até o mês de maio, os bairros Boa Vista, Olímpico, Prosperidade, Mauá e Jardim São Caetano já haviam sido contemplados, totalizando 97 homenageados.

O projeto tem continuidade de acordo com a programação do *Bairro a Bairro* e acontece sempre nos encontros públicos da Administração com a comunidade.

Revelando o Passado

Fotos: Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória



Em 2006, mais de 400 fotografias foram identificadas parcial ou completamente, dentro do projeto *Revelando o Passado*. Criado em 2005, o projeto prevê a identificação de parte do acervo iconográfico do Centro de Documentação Histórica. Mais de 20 encontros com a comunidade já foram realizados para o trabalho de reconhecimento das imagens.

O acervo conta com cerca de 7 mil imagens, mas algumas não possuem identificação e outras estão incompletas. Por meio de reuniões, abertas ao público, a Pró-Memória pretende finalizar a identificação das fotografias de seu banco de dados. A Fundação Pró-Memória deu continuidade ao projeto em 2007. De janeiro a maio, 70 fotografias foram totalmente identificadas, e 114, parcialmente.

As reuniões acontecem na primeira quarta-feira de cada mês, na sede da Fundação Pró-Memória. Todos os moradores de São Caetano estão convidados a participar do projeto *Revelando o Passado*.

Publicações

Abre as Portas para os Santos Reis!

A mais recente publicação da Fundação Pró-Memória, o livro *Abre as Portas para os Santos Reis!* foi lançada em 19 de janeiro. De autoria da jornalista Priscila Gorzoni, a obra traça um panorama histórico nacional e regional da tradicional Folia de Reis, manifestação popular de origem portuguesa, ligada às comemorações do Natal, celebrada ainda em alguns Estados brasileiros.

Priscila focou seu trabalho principalmente na Companhia de Santa Cecília, único grupo de São Caetano em atividade. *Abre as Portas para os Santos*

Reis! ainda apresenta a rotina de um grupo de folia e sua caracterização, quantos e quais são seus componentes, a tarefa de cada um, os instrumentos, os cantos e vestimentas.

A paulistana Priscila Gorzoni é jornalista, escritora, pesquisadora, antropóloga e

escultora. Como repórter fotográfica, escreve para as revistas *Planeta*, *National Geographic Brasil* e *Raízes*, editada pela Fundação Pró-Memória.



Eventos

Mulher Saúde



A Fundação Pró-Memória participou das comemorações organizadas pela Prefeitura Municipal do Dia Internacional da Mulher. No dia 10 de março, a instituição esteve presente no *Mulher Saúde*, evento organizado anualmente pela Diretoria de Saúde, no

Espaço Verde Chico Mendes.

A exposição *Cenas da Cidade – Mulheres* marcou a presença da Fundação Pró-Memória. Dispostas em três banners, 27 imagens mostraram algumas mulheres que, direta ou indiretamente, fizeram parte da história de São Caetano. A exposição apresentou as mulheres de São Caetano em imagens cotidianas, flagrantes de trabalho e de lazer. Uma das imagens apresentou as centenas de trabalhadoras das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.

Encontros Culturais

No dia 17 de maio, a Fundação Pró-Memória deu início ao projeto *Encontros Culturais*. Desenvolvido pela Pinacoteca Municipal, o projeto tem o objetivo de levar a Arte ao alcance de um maior número de pessoas e incentivar a



Fotos: Antonio Reginaldo Canhoni/Fundação Pró-Memória

apreciação e o gosto pelas Artes Plásticas.

No primeiro encontro, o tema apresentado foi escultura, tendo como base a exposição *Tridimensionais*, uma mostra simultânea que reúne obras dos artistas Eduardo Garudah, Garbin, Priscila Gorzoni e Tony Gonzagto, em cartaz na Pinacoteca.

O encontro foi iniciado com a apresentação de um vídeo sobre a história da escultura. Em seguida, os participantes foram levados ao espaço expositivo da Pinacoteca para observarem as obras e exercitarem sua sensibilidade e seu conhecimento. O encontro foi finalizado com uma atividade no Ateliê Pedagógico. Os próximos encontros acontecerão de acordo com cada nova exposição aberta na Pinacoteca.

Tarde Musical – Dia Internacional dos Museus



No dia 18 de maio foi comemorado o Dia Internacional dos Museus. E, para celebrar a data, o Museu Histórico Municipal e a Diretoria de Cultura realizaram o evento *Tarde Musical no Museu*.

Memória e música estiveram juntas no evento. Além de conhecer a exposição *Imigração e Cultura Germânica* e entrar em contato com a história da imigração dos povos germânicos na cidade, as crianças presentes puderam apreciar a

apresentação do violinista Ruslan, que mostrou um repertório especial em comemoração à data.

9º Congresso de História do Grande ABC

De 22 a 26 de maio, a cidade de São Bernardo sediou o 9.º Congresso de História do Grande ABC. Realizado na Escola Municipal de Educação Básica Santa Terezinha, o congresso teve como tema *A Classe Operária Depois do Paraíso*. A Fundação Pró-Memória participou do evento com a exposição *A Classe Operária em São Caetano do Sul*, que apresentou um panorama das indústrias e operários da cidade, que representaram o crescimento econômico e social do município.

Em sua nona edição consecutiva, o Congresso de História do Grande ABC promoveu mesas de debates, espaços de diálogos, conferências e conversas sobre a memória da região, além de atividades culturais, exposições e lançamento de livros.

O presidente da Fundação Pró-Memória, Aduino Campanella, participou do encerramento do congresso e confirmou a realização de sua décima edição em São Caetano do Sul, em 2009. “Independente das condições políticas e administrativas, o próximo congresso será realizado em São Caetano”, disse Campanella.

(*) Paula Fiorotti é jornalista, especializada em Relações Públicas

SEDE ADMINISTRATIVA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
HISTÓRICA
PINACOTECA MUNICIPAL
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Telefones: 4221-9008 ou 4221-7420



MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Tel: 4229-1988



SALÃO DE EXPOSIÇÕES II
Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566



VOCÊ PODE CONHECER
NOSSO SITE!

www.fpm.org.br



História da cidade, história dos bairros,
pontos históricos, fotografias, mapas,
programação de exposições, eventos,
notícias e muito mais!



